

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

**MARIA GORETE RODRIGUES DA SILVA**

**LABIRINTOS DE ESPAÇOS E TEMPOS NO COTIDIANO  
UNIVERSITÁRIO: O ACADÊMICO DE ADMINISTRAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL/CANELA**

Porto Alegre, 2008

**MARIA GORETE RODRIGUES DA SILVA**

**LABIRINTOS DE ESPAÇOS E TEMPOS NO COTIDIANO  
UNIVERSITÁRIO: O ACADÊMICO DE ADMINISTRAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL/CANELA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para a obtenção do título de doutor.

Professora Orientadora: Dra. Maria Helena Câmara Bastos

Porto Alegre, dezembro 2008

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586l Silva, Maria Gorete Rodrigues da  
Labirintos de espaços e tempos no cotidiano universitário : o  
acadêmico de administração Universidade de Caxias do  
Sul/Canela / Maria Gorete Rodrigues da Silva. – Porto Alegre,  
2008.  
195 f. : il.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação,  
PUCRS  
Orientadora: Dra. Maria Helena Câmara Bastos

1. Educação Superior. 2. Estudantes Universitários –  
Cotidiano. 3. Tempo e Espaço (Educação). I. Bastos, Maria  
Helena Câmara. II. Título.

CDD 378

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcos Vilela (PUCRS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Marta Sisson de Castro (PUCRS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Nilva Lúcia Rech Stedile (UCS)

---

Prof. Dr. Roberto Lima Ruas (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Helena Câmara Bastos  
(Orientadora – PUCRS)

Porto Alegre, 15 de janeiro de 2009.

## **Agradeço**

*A Deus, a energia criadora presente em cada momento da vida.*

*À minha família, em especial, a meu querido pai (in memoriam) e à minha mãe, que me ensinaram a importância do trabalho e do estudo, que se tornaram eixos norteadores da minha existência.*

*À minha orientadora, Prof. Maria Helena, que soube deixar-me livre para ousar (e chorar) e chamar-me à responsabilidade, quando necessário, com firmeza e rigor.*

*Aos professores, Marcos Vilela, Arabela Oliven e Marta Sisson de Castro, os quais, na banca de qualificação, fizeram sugestões e ponderações valiosas para a continuidade do trabalho.*

*Aos meus alunos, que me inspiraram, contribuíram para a execução deste trabalho e permitiram este mergulho no seu cotidiano.*

*Aos meus amigos e colegas, da Universidade e fora dela, que estiveram presentes ao longo desta jornada, sugerindo, dialogando, apoiando-me, substituindo-me em aulas e atividades, trocando horários.*

*À comunidade acadêmica da UCS, professores, funcionários e gestores, que permitiram e apoiaram este estudo.*

*A todos os companheiros, que iniciaram e terminaram a jornada comigo, ou afastaram-se dela, e acompanharam-na a distância, ou ingressaram ao longo do caminho e aqui estão: sem vocês não seria possível concluir esta “tese”.*

## **Dedico**

*À minha companheira “felina” de reflexão e de solidão, silenciosa e matreira, presente em todos os momentos: Chica (o).*

*Às minhas experiências de estudante-trabalhadora e de trabalhadora-estudante*

*Ao sonho de ser estudante em tempo integral, mesmo aos quarenta anos.*

*Às dores vividas nesta fase do doutorado.*

*Às ausências e perdas sentidas e consentidas.*

*Às lágrimas e risos vivenciados, que me conduziram à resignificação da minha trajetória pessoal e, por consequência, profissional.*

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparativo ENADE 2006: Administração UCS x Administração DM Brasil...	27
Quadro 2 – Desenho da pesquisa.....	39
Quadro 3 – Categorias e Mensagens .....	77
Quadro 4 – Ser acadêmico de Administração .....	93
Quadro 5 – Importância do diploma 1 .....	99
Quadro 6 – Importância do Diploma 2.....	102
Quadro 7 – Diferentes perspectivas sobre o tempo .....	110
Quadro 8 – Reflexão tempo social e individual do acadêmico .....	128
Quadro 9 – Macro-categorias “Como Estudo” .....	131
Quadro 10 – Tempo/Espaço sala de Aula .....	132
Quadro 11 – Táticas de Estudo.....	133
Quadro 12 – Estilo “Ligado no Futuro” .....	153
Quadro 13 – Administrando o dia de hoje.....	157
Quadro 14 – Estilo Acadêmico Hoje e Amanhã com calma .....	166

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Semestre que está cursando .....	41
Gráfico 3 – Faixa etária .....	42
Gráfico 4 – Estado civil .....	42
Gráfico 5 – Além de você quantas pessoas residem na sua casa?.....	43
Gráfico 6 – Cidade em que reside .....	44
Gráfico 7 – A casa ou apartamento onde você mora é? .....	45
Gráfico 8 – Você tem filhos?.....	46
Gráfico 9 – É o chefe da família, principal responsável pelo sustento da família?.....	46
Gráfico 10 – Utilização da renda mensal/anual.....	47
Gráfico 11 – Renda individual.....	48
Gráfico 12 – Renda familiar .....	49
Gráfico 13 – Estado civil dos pais .....	50
Gráfico 14 – Saídas mensais para balada (festas/boates/bares).....	52
Gráfico 15 – Frequência que realiza viagens de curta duração .....	53
Gráfico 16 – Frequência que realiza viagens de longa duração .....	53
Gráfico 17 – Você tem animal de estimação? .....	54
Gráfico 18 – Local de acesso à internet (respostas múltiplas) .....	60
Gráfico 19 – Atividade remunerada .....	65
Gráfico 20 – Segmento de atuação .....	66
Gráfico 21 – Carga horária semanal de trabalho .....	68
Gráfico 22 – Cursou ensino fundamental e médio: público x particular.....	71
Gráfico 23 – Ingresso na universidade .....	72
Gráfico 24 – Tempo de estudo semanal .....	91

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indicadores grade curricular 319F.....	25
Tabela 2 – Indicadores grade curricular 351G .....	26
Tabela 3 – Gênero.....	41
Tabela 4 – Escolaridade pai e mãe .....	49
Tabela 5 – Renda familiar x Média de equipamentos eletroeletrônicos I.....	54
Tabela 6 – Renda familiar x Média equipamentos eletroeletrônicos II.....	55

Tabela 7 – Modalidade de prática esportiva.....	56
Tabela 8 – Frequência atividades culturais.....	56
Tabela 9 – Frequência ao teatro x renda familiar .....	57
Tabela 10 – Frequência ao cinema x renda familiar.....	58
Tabela 11 – Horas dedicadas à leitura diária e nos finais de semana e feriados .....	59
Tabela 12 – Assuntos mais lidos nos jornais.....	59
Tabela 13 – Finalidades do uso da internet (respostas múltiplas).....	61
Tabela 14 – Horas de navegação/diariamente/finais de semana e feriados.....	61
Tabela 15 – Horas dedicadas a assistir à televisão diariamente/finais de semana e feriados...	62
Tabela 16 – Programas preferidos .....	62
Tabela 17 – Cinco principais objetivos/sonhos a alcançar .....	63
Tabela 18 – Nível do cargo.....	67
Tabela 19 – Ingresso no mercado de trabalho .....	68
Tabela 20 – Oportunidades no mercado de trabalho .....	69
Tabela 21 – Mediana para os níveis de importância .....	70
Tabela 22 – Modalidade de Ensino Médio.....	72
Tabela 23 – Experiências de estudo .....	73
Tabela 24 – Número de disciplinas cursadas x pagamento da mensalidade .....	90

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema da Tese.....	33
Figura 2 – Síntese Teórica e Empírica – Representação Escola.....	75
Figura 4 – Representação da escola como troféu/vitória (D99) .....	79
Figura 5 – Escola = Escada (D62).....	80
Figura 6 – Escola= Palavras 1 D56 .....	81
Figura 7 – Escola e palavras 2 (D154) .....	82
Figura 9 – Representação da escola como portas (D207) .....	82
Figura 8 – Representação da escola como chave (D220).....	82
Figura 10 – Palavra <i>tédio</i> (D93) .....	83
Figura 11 – Escola- Asa (D 88).....	83
Figura 12 – Representação Escola= Árvore (D 129).....	84
Figura 13 – Escola = Mundo (D32).....	85
Figura 14 – Escola = Caminho Luz (D213) .....	86
Figura 15 – Escola = crescimento (D53).....	86
Figura 16 – Alicerce para a Vida (D184) .....	87
Figura 17 – Tempo (T 1) .....	113
Figura 18 – Imagem Cotidiano (T3).....	114
Figura 19 – Imagem acadêmico F .....	120
Figura 20 – Imagem (J) .....	121
Figura 21 – Cotidiano como tempo de colheita.....	124
Figura 22 – Tempo Avião (D) .....	126
Figura 23 – Tempo/Espaço – Equilíbrio/corredeira .....	127
Figura 24 – Tempo Individual (H) .....	128
Figura 25 – Tempo Individual (P) .....	129
Figura 26 – Tempo Espaço Individual (M) .....	129
Figura 27 – Tempo Pensar (C) .....	129
Figura 28 – Tempo Espaço Coletivo (L).....	141
Figura 29 – Tempo-espaço coletivo (D).....	143

Figura 30 – Tempo Coletivo (H) .....	144
Figura 31 – Multidão .....	146
Figura 32 – Matar um leão por dia .....	147
Figura 32 – Corredor da Universidade – espaço de encontro e de circulação.....	148
Figura 33 – Momento de Intervalo .....	149
Figura 34 – Momento de troca – compartilhar a biblioteca .....	150
Figura 35 – Prédio da Universidade .....	151
Figura 37 – Cartaz “Administrando o dia de hoje” .....	158
Figura 38 – Caminhada .....	159
Figura 39 – Dia-a-dia do acadêmico “Administrando o Dia de Hoje” .....	159
Figura 40 – Multifuncionalidade .....	160
Figura 41 – Tempo e espaço coletivo “Administrando o Dia de Hoje” .....	161
Figura 42 – Imagem cotidiano acadêmico/carro .....	162
Figura 43 – Cotidiano – estacionamento .....	163
Figura 44 – Cabeça cheia de dúvidas x Cabeça dividida .....	164
Figura 45 – Bússola .....	164
Figura 46 – Cotidiano Hoje e Amanhã com Calma.....	166
Figura 47 – Compartilhamento.....	167



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANGRAD – Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade  
DASP – Departamento de Administração do Setor Público  
DINTER – Doutorado Interinstitucional  
Eaesp – Escola de Administração de Empresas de São Paulo  
EBAP – Escola Brasileira de Administração Pública  
EBAPE – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas  
ENADE – Exame Nacional de Desempenho  
EnANPAD – Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração  
ENANGRAD – Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração  
Esan – Escola Superior de Administração de Negócios  
ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing  
FACCAT – Faculdades de Ciências Contábeis e Administrativas de Taquara  
FEEVALE – Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo  
FGV – Fundação Getúlio Vargas  
FMI – Fundo Monetário Internacional  
HEC – *École des Hautes Commerciales*  
IDORT – Instituto de Organização Racional do Trabalho  
IES – Instituição de Ensino Superior  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
MBA – *Master of Business Administration*  
MINTER – Mestrado Interinstitucional  
ONU – Organização das Nações Unidas  
SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*  
UCS – Universidade de Caxias do Sul  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UFGRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UNICAMP – Universidade de Campinas  
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
NUCAN – Núcleo Universitário de Canela

## RESUMO

A pesquisa analisa as significações, estratégias e táticas utilizadas pelo acadêmico de Administração, em uma IES particular, do curso noturno, nos labirintos de tempos e de espaços contemporâneos, em busca da formação superior. O acadêmico, neste contexto, é trabalhador-estudante ou estudante-trabalhador, que busca na Universidade, por intermédio do diploma, enquanto credencial para o mercado de trabalho, e da sua formação, à ascensão social. Neste cenário, o problema de pesquisa procura relacionar três temáticas centrais: o acadêmico (trabalhador-estudante e estudante-trabalhador) e os conceitos de *habitus*, capital cultural à luz de Bourdieu e a dimensão tempo e de espaço (sentidos e usos). O problema norteador foi qual o sentido (representação) e o uso (táticas e práticas) do tempo e do espaço do acadêmico (trabalhador-estudante e estudante-trabalhador) no seu cotidiano como universitário. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, que realiza um estudo de caso na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Unidade Canela, no curso de Administração (noturno). O estudo é de natureza qualitativa e a análise dos dados está orientada na análise de conteúdo. Houve a utilização de multimétodos: questionário, descrição (a partir de roteiro pré-definido), fotografias (como apoio) e imagens construídas pelos sujeitos. Entre as questões investigadas, destacam-se tempo-espaço coletivo, tempo-espaço individual e tempo-espaço de estudo no cotidiano. Na relação com o tempo social (institucional e organizacional) e o tempo individual (das escolhas de cada um), analisa-se a plasticidade da adaptação e da experiência subjetiva de cada sujeito ao interagir com o mundo que o rodeia, afetando de forma intensa a ação sobre o cotidiano, levando aos estilos de ser acadêmico. Em linhas gerais, pode-se identificar, a partir das características socioeconômicas, dos objetivos, das expectativas e da gestão do tempo, três “estilos” de acadêmicos: Ligado no Amanhã, Administrando o Dia de Hoje e Hoje e Amanhã com Calma. Os resultados revelam que a sala de aula ocupa o centro das suas vivências de acadêmico, é o principal tempo e espaço coletivo. O tempo-espaço individual é buscado e construído na organização e criatividade da vivência de cada sujeito. Evidencia-se e propõe-se um projeto institucional de inserção na Universidade, para o acadêmico, com dois eixos básicos: Projeto de Vida e Gerenciamento do Tempo (fundamentado em princípios) e estratégias de aprendizagem.

Palavras-chave: Cotidiano universitário. Tempo e espaço. Curso de Administração. Estudante-trabalhador. Trabalhador-estudante.

## ABSTRACT

The research analyzes the significances, strategies and tactics used by an administration academic, who, in a private IES (institution of higher education) in an evening course, in the mazes of time and contemporary spaces, is in search of higher education. The academic, in this context, is a working-student or student-worker that, at the University, looks for his education and through the diploma as a credential for the job market, to social ascension. In this scenery, the research problem tries to relate three central themes: the academic (working-student and student-worker), the concepts of "habitus", in the light of Bourdieu's cultural capital and the dimension time and space (senses and uses). The leading problem was the sense (representation) and use (tactics and practices) of time and space by the academic (working-student and student-worker) in his daily life at the university. It is an exploratory and descriptive research which accomplishes a case study in the administration course (evening) at the Canela campus of the University of Caxias do Sul. The study is of qualitative nature and the analysis of the data is guided by the content analysis. Multi-methods were used: questionnaires, descriptions (starting from pre-defined itinerary), pictures (as support) and images created by the subjects. Among the investigated subjects the collective time-space, individual time-space and time and study space in daily life stand out. As for social time (institutional and organizational) and individual time (the choices of each individual), the plasticity of adaptation and the subjective experience of each subject when interacting with the world that surrounds him are analyzed, which affect in an intense way the action in daily life and leads to the styles of being an academic. In general lines, starting from the socioeconomic characteristics, objectives, expectations and time management, three "styles" of academics can be identified: the one Linked to Tomorrow, the one Administering the present Day and the one calmly Linked to the present Day and Tomorrow. The results reveal that the classroom occupies the center of his academic experience; it is the main time and collective space. The individual time-space is sought after and built in the organization and creativity of each subject's experience. An institutional project of insertion is evidenced and proposed for the academic, with two basic axes: Project of Life and Administration of Time (based on principles) and Learning Strategies.

Key-words: Daily life at the university. Time and space. Administration course. Working-student and student-worker.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 CENÁRIO .....</b>	<b>19</b>
1.1 Resgate histórico do ensino de Administração.....	19
1.2 O ensino de Administração no Brasil.....	20
<b>2 A PESQUISA .....</b>	<b>30</b>
2.1 Apresentando a pesquisa: do problema à tese .....	31
2.1.1 Objetivos: .....	32
2.1.1.1 Objetivo Geral: .....	32
2.1.1.2 Objetivos específicos:.....	32
2.1.2 Etapas de desenvolvimento: .....	32
2.1.3 Tese: .....	32
2.1.4 Importância do estudo .....	33
2.2 Estratégias orientadoras da pesquisa .....	34
2.3 Etapas de desenvolvimento da pesquisa.....	35
2.3.1 Contexto e participantes – descrição do ambiente da pesquisa, sujeitos pesquisados e procedimentos de amostragem .....	36
2.3.2 Estratégias para coleta de dados .....	37
2.4 Análise dos dados .....	38
2.5 Desenho da pesquisa.....	38
<b>3 O ACADÊMICO DE ADMINISTRAÇÃO (UCS/CANELA) .....</b>	<b>40</b>
3.1 O acadêmico .....	40
3.2 Origem familiar .....	49
3.3 Vivências socioculturais .....	51
3.4 Trajetória profissional .....	64
3.5 Escolaridade.....	70
<b>4. DA ESCOLA PARA A UNIVERSIDADE: UMA TRAJETÓRIA COMUM.....</b>	<b>74</b>
4.1 A representação da escola.....	76
4.1.1 Escola: caminho-chegada .....	78
4.1.2 Escola: conhecimento e socialização.....	80
4.1.3 Escola: metáforas.....	82
4.2 Graduação em Administração .....	89
4.2.1 Ser acadêmico/estudante de Administração .....	91
4.2.2 Vivência acadêmica e profissional .....	94
4.3 Papel e expectativa do diploma .....	97
<b>5 LABIRINTOS DE TEMPO E DE ESPAÇO NO COTIDIANO DO ACADÊMICO .</b>	<b>105</b>
5.1 O cotidiano como acadêmico: espaços e tempos individuais na vida social.....	111
5.1.2 Rotinas cotidianas de movimento – trilhas de vida no tempo e no espaço .....	111
5.1.2.1 Tempo-espaço individual .....	128
5.2 Tempo e espaço de estudo no cotidiano do acadêmico .....	130
5.2.1 Concepções de tempo e espaço individual e coletivo.....	138
5.2.1.1 Tempo e espaço coletivo .....	140
5.3 Sentimentos Comuns e Conflitantes no Cotidiano do Acadêmico.....	145
<b>6 ESTILOS ACADÊMICOS .....</b>	<b>152</b>
6.1 Ligado no futuro: acadêmico de olho no amanhã.....	152
6.2 Administrando o dia de hoje.....	156
6.3 Hoje e amanhã com calma.....	165
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>169</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>183</b>
Apêndice A – Pesquisa sobre o perfil do acadêmico de Administração. ....	183
Apêndice B – Síntese da tabulação das estratégias de estudo .....	190
Apêndice C – Roteiro da descrição do cotidiano .....	192
<b>ANEXOS .....</b>	<b>193</b>
Anexo A – Ofertas do curso de Administração/UCS. ....	193
Anexo B – Dados institucionais .....	194

## INTRODUÇÃO

Observa-se, nos cenários nacional e regional, uma expansão e massificação do ensino superior em Administração. Ao mesmo tempo, percebe-se uma “latente” insatisfação pelo aparente descompasso entre o que o acadêmico busca na Universidade e o que a Universidade idealiza concretizar, pode e consegue oferecer. Há um processo de massificação da educação superior e uma concentração cada vez maior de estudantes em determinados cursos, como é o caso da graduação em Administração em níveis mundial, nacional e regional.

Há questionamentos e críticas quanto ao ensino e à formação do administrador, tais como elevado grau de especialização, rigidez, antiintelectualismo, ausência de consciência histórica e quantitativismo. Constatam-se que as críticas não estão desarticuladas do mundo do trabalho. A condição humana parece já ter melhorado nas organizações, mas ainda vivenciamos um mundo dominado pela racionalidade instrumental e por categorias econômicas rigidamente estabelecidas. Os homens e mulheres que estão nas organizações são considerados, na maioria das vezes, apenas como recursos, isto é, como quantidades materiais cujo rendimento deve ser satisfatório do mesmo modo que as ferramentas. Como pontua Chanlat (1996, p. 25), “Associados ao universo das coisas, as pessoas empregadas nas organizações transformam-se em objetos”. A nostalgia dos empregados, o desconforto existencial dos executivos – conforme pesquisa, a qual revela que o ambiente de trabalho se tornou fonte de infelicidade para presidentes e diretores<sup>1</sup> – é ao mesmo tempo reflexo da formação recebida na Universidade e da visão da sociedade em geral.

A expectativa de ascensão social, via acesso ao ensino superior, aumentou muito o número de ingressos na Universidade. Hoje a educação superior já não é mais privilégio social para poucas pessoas, das classes mais altas, mas transformou-se em aspiração e realidade para as camadas mais baixas da população (INEP, 2004). Outra característica interessante da comunidade universitária atual é que, além da expansão no sentido horizontal (jovens de diferentes classes sociais e de diferentes regiões geográficas), há também a expansão vertical; “indivíduos de diferentes faixas etárias estão ingressando ou continuando seus estudos” (ZABALZA, 2004).

---

<sup>1</sup> Pesquisa liderada pela pesquisadora mineira Betania Tanure (Fundação Dom Cabral) com altos executivos brasileiros revela que 84% dos executivos são infelizes no trabalho (ÉPOCA NEGÓCIOS, maio 2007).

Há um contexto cada vez mais heterogêneo de estudantes universitários, mas com um ponto em comum: são, na sua maioria, sujeitos adultos, “sabem o querem”, ou seja, têm direito a traçar o seu caminho, com capacidade de decisão e com projetos de vida traçados. Cabe destacar que, às vezes, são pessoas casadas, com obrigações familiares diversas; no caso em estudo, a grande maioria trabalha; muitos moram longe da Universidade, passaram por formações educativas diversas, tais como supletivo ou EJA (Educação de Jovens e Adultos); alguns pararam de estudar há mais de dez anos; outros possuem grande vivência profissional e interesses profissionais definidos. Enfim, um grupo social diferenciado ainda pouco estudado, com diversos interesses, diferentes motivações, capacidades e expectativas.

O tema proposto, nesta pesquisa, não tem como objetivo discutir e avaliar a formação universitária, mas fazer um mergulho na vida acadêmica, analisar o estudante como membro da comunidade universitária e, assim, se constituindo como acadêmico e como aprendiz, sendo essa condição o eixo central das atividades formativas da Universidade (ZABALZA, 2004). Busca analisar o universitário, em seu cotidiano, como grupo social, com características próprias, tais como classe social de origem, expectativas e interesses pessoais, hábitos culturais, *background* escolar, mas com uma condição básica de identidade que é estar em um período de formação, isto é, de aprendizagem.

Enfim, busca-se olhar o acadêmico como sujeito (não como objeto ou recurso a ser desenvolvido), procurando entender o que representa para ele este período de formação, suas expectativas em relação ao significado do diploma e do curso superior e o seu cotidiano, enfim, conhecer as significações atribuídas na trajetória, nos labirintos<sup>2</sup> de tempo e de espaço contemporâneos.

A expressão *labirintos de tempo e de espaço* representa a idéia de que o tempo e o espaço não podem ser pensados e praticados como superfícies ou seqüências, independentemente dos sujeitos que as analisam e as ocupam. Os tempos e os espaços não estão previamente prontos, mas são modelados e modeladores da história, apresentam-se como um emaranhado de passagens ou caminhos, constituindo-se espaços enredados e desenredados na construção individual e social de cada sujeito.

Cada ser humano enraíza-se simultaneamente no tempo e no espaço. “O espaço e o tempo constituem duas dimensões de toda atividade e experiência humana” (CHANLAT, 1996, p. 108). A observação cotidiana do universo acadêmico nos mostra que essas dimensões são mais ricas de significações do que as concepções tradicionalmente exploradas e do senso

---

<sup>2</sup> Será usado como metáfora relacionando ao conceito (significado de dicionário) de *labirinto* como qualquer recinto, parque, jardim etc., com emaranhados de passagens ou veredas.

comum, como a explicação simplificada da falta de tempo que o acadêmico – de ensino noturno e de Instituição de Ensino Superior (IES) particular – tem a dedicar à sua formação.

Conceituando o espaço como um lugar, ao mesmo tempo, de sobrevivência biológica e da existência psicológica, como um lugar social, um campo que estrutura as interações, não importando qual seja a sua configuração, o ordenamento do espaço é sempre um desafio e um jogo arriscado (CHANLAT, 1996, p. 108). Um jogo arriscado, pois cada ator (coletivo ou individual) procura, na medida das suas possibilidades e disponibilidades, apropriar-se de parte ou da totalidade por meio da territorialidade e das relações de poder; e um desafio, no sentido de que o espaço concedido é apenas um possível entre tantos outros, sempre submetido, uma vez realizado, à crítica do espaço vivido. O espaço organizacional – neste caso, universitário – ao mesmo tempo engloba espaços individuais e coletivos de trabalho e formação e está submetido a algumas exigências de espaços mais amplos: espaço de sociedade e o espaço do mundo. Os espaços são construídos social e culturalmente e refletem a relação que o homem mantém com a natureza e com os outros homens. O tempo e a organização e a utilização do espaço são eminentemente culturais. Estão associados a um sistema, a uma ordem social, a um universo de representações da natureza, da vida, dos homens e das relações que esses elementos mantêm entre si.

Qual a representação e como acontece esta organização e construção de tempo e espaço, nesta fase de acadêmico? Essa questão faz-se pertinente, considerando-se que a Universidade é um dos lugares para construir e compartilhar sentidos, em um processo em que, intencional e sistematicamente, aprende-se a distinguir, comparar, intuir, julgar e escolher processos que vão muito além da tarefa de recolher informações.

O objetivo fundamental deste estudo é mergulhar na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, buscando conhecer as significações e representações, ou seja, o modo de encarar o tempo e o espaço de estudo, de preparação, de trabalho, levando em consideração os conceitos de *habitus* e de *capital cultural* de Bourdieu, *representação social* e das *dimensões tempo e espaço*. A representação social é um saber que se revela pela praticidade, pois tem como função principal ancorar os sujeitos no mundo; o conteúdo gerado não é apenas cognitivo, mas possui estruturas cognitivo-afetivas, criadas a partir de suas funcionalidades nas interações sociais do cotidiano. A teoria das representações sociais centra o seu olhar sobre a relação sujeito e objeto, contemplando um sujeito que, por intermédio de sua relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 1995).



Dessa forma, busca-se entender especificamente um processo que poderia ser genericamente caracterizado como significação e organização do tempo e espaço de estudo e de trabalho do sujeito em um curso de graduação, neste caso de Administração, na busca de uma formação superior e, conseqüentemente, de um diploma, na particularidade de estudantes-trabalhadores e de trabalhadores-estudantes. Esses sujeitos fazem parte de uma determinada cultura, têm uma história pessoal e social, que precisa ser conhecida, analisada e considerada pela Universidade, visto que fazem parte da realidade histórica e social do contexto de inserção da Instituição (Universidade).

Para possibilitar esse tipo de análise, foi realizado um mapeamento social, buscando entender as práticas e representações de um grupo específico de pessoas que têm em comum o fato de estarem no mesmo curso de graduação, mas que se diferenciam por ocuparem posições distintas em um espaço social determinado e terem percorrido diferentes trajetórias biográficas. Busca-se entender o modo como essas pessoas, em específico, vêm a questão do tempo e do espaço no cotidiano de universitário. Nos termos da sociologia de Pierre Bourdieu, busca-se a análise da relação entre as **posições sociais** (que é um conceito relacional e não-substancialista), as **disposições incorporadas** (ou os *habitus*) e as **tomadas de posição** (as escolhas) e estratégias adotadas na busca do capital cultural, contemplando as dimensões tempo-espaço. Busca-se construir uma análise que estabeleça uma relação entre os três conceitos: *habitus*, capital e tempo-espaço. Enfim, o estudo aqui proposto procura conhecer as significações, estratégias e táticas utilizadas pelo acadêmico de Administração, em uma IES particular no curso noturno, nos labirintos de tempos e de espaços contemporâneos, na busca da formação superior.

A primeira etapa da pesquisa (Apêndice A) foi o mapeamento do perfil sociocultural dos acadêmicos. A pesquisa foi aplicada no dia 7 maio de 2007, da qual participaram 226 acadêmicos que estavam em sala de aula naquela noite no Núcleo Universitário de Canela (Universidade de Caxias do Sul), em um universo de 478<sup>3</sup> acadêmicos matriculados no curso de Administração, no primeiro semestre de 2007, totalizando 47,49% respondentes. Os dados coletados das questões fechadas foram tratados com o apoio do *software SPSS* e para as questões abertas utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

---

<sup>3</sup> Está sendo considerada aqui a matrícula do início do semestre. Contabilizando desistência e evasão, ao longo do semestre, provavelmente o número, já em maio de 2007, estivesse menor. Dessa forma, acredita-se que o questionário foi respondido por 50% dos acadêmicos, o que é uma amostra considerável.

Na segunda etapa, buscou-se um aprofundamento do tema por meio da coleta dividida em dois momentos: uma descrição feita pelos acadêmicos sobre o seu cotidiano de estudante, enfatizando a questão tempo-espaço e estratégias de estudo; e, na seqüência, uma coleta fundamentada em questões gerais e na estruturação e apresentação/discussão de imagens que representassem esta fase. Na construção de imagens, os estudantes tiveram a liberdade de fotografar, selecionar fotografias e/ou recortar/montar imagens usando revistas, canetas coloridas. A observação participante também esteve presente no estudo, pois a pesquisadora é docente e orientadora do curso de Administração nesta unidade.

Ao longo da pesquisa, observou-se que os labirintos de tempo e de espaços dos acadêmicos geravam um conjunto de histórias e operações heterogêneas que compunham *patchworks* do cotidiano (CERTEAU, 1994, p.46). A tradução literal de *patchwork* é "trabalho com retalhos", que consiste em uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos variados. O *patchwork* é a parte superior ou topo do trabalho, já o trabalho completo é o acolchoado, formado pelo topo mais a manta acrílica e o tecido de fundo, tudo preso por uma técnica conhecida como *quilting* ou acolchoamento. Este estudo, enquanto exploratório, fez um mergulho no cotidiano universitário, o qual é um grande *patchwork*, composto por várias histórias pessoais, jeitos de ser e de fazer, tempos/espaços individuais e tempos/espaços coletivos, mas também institucionais, sociais e econômicos. Vidas e histórias se entrelaçam na trajetórias individuais e coletivas construídas nos labirintos de tempo e de espaços contemporâneos, formando assim algo semelhante a um caleidoscópio, cujas diversas combinações, desenhos infinitamente diferentes que mudam a trilha cotidiana de cada acadêmico.

Esse *patchwork* tem matizes de cores dos retalhos de tecidos que o compõem. Por uma escolha da pesquisadora, as matizes propostas, que permeiam todo o *patchwork*, mas, para fins de organização, são os capítulos que as apresentam: contexto – curso de Administração, sujeitos-acadêmicos, processos – escolarização representada pela escola, depois Universidade e nela o curso escolhido – Administração, e a vivência-cotidiano, que seriam os labirintos de tempo e de espaço; os retalhos de tecidos são os subtítulos dos capítulos e os temas que eles apresentam

Após esta introdução, apresenta-se o primeiro grande retalho, o **Cenário e Contexto**, trazendo dados históricos e contextuais do curso de graduação em Administração no mundo e no Brasil, e na especificidade da realidade pesquisada.

Na seqüência, os caminhos da **pesquisa**, seção que está subdividida em: questão de pesquisa, objetivo geral, objetivos específicos, tese e esquema das principais idéias da tese,

etapas e importância do estudo. Nesse capítulo, caracterizam-se os sujeitos pesquisados e apresentam-se as formas adotadas para a coleta e análise dos dados. Pode-se afirmar que, nesse momento do trabalho, está o acolchoamento, ou *quilting*, que apresenta a costura, a manta acrílica e o tecido de fundo na construção desta reflexão sobre o cotidiano acadêmico.

O segundo retalho traz para a cena o perfil dos sujeitos da pesquisa, **O Acadêmico de Administração (UCS – Canela)**, apresentando o perfil socioeconômico e a trajetória profissional destes estudantes.

O terceiro retalho apresenta o processo de **Escolarização**, trazendo a representação da escola/universidade e as expectativas quanto à graduação, assim como o papel e a expectativa do diploma para estes sujeitos.

O quarto grande retalho apresenta as vivências, ou seja, o **Cotidiano: labirintos de tempo e de espaço**, subdividido em cotidiano como acadêmico, tempo/espaço individual e tempo/espaço coletivo e, em linhas gerais, três estilos de acadêmicos, levando-se em consideração características socioeconômicas, objetivos/expectativas quanto ao diploma e à gestão do tempo e do espaço no cotidiano.

No capítulo, **Considerações finais, a costura final**, apresentam-se algumas reflexões sobre o tema e propostas a serem discutidas e analisadas quanto à sua viabilidade de implantação.

# 1 CENÁRIO

Este capítulo apresenta, em linhas gerais, o histórico do ensino de Administração, destacando-se o seu início no Brasil e na Universidade de Caxias do Sul, foco deste estudo.

## 1.1 Resgate histórico do ensino de Administração

O ensino de Administração tem hoje uma dimensão sem precedentes na história do ensino superior no Brasil. A Administração é a área com maior número de cursos, 2.046 cursos, seguida pela Pedagogia, com 1.446 cursos (INEP/MEC/censo 2004). Há cursos de Administração com várias ênfases, como em empresas privadas ou públicas; como o desdobramento em áreas funcionais e de setores, como finanças, gestão de pessoas, marketing, hospitais, turismo, pequenas e médias empresas, empresas familiares, citando estas apenas para exemplificar. A área da Administração é também de grande procura nos cursos sequenciais e cursos de pós-graduação *lato sensu* (especializações e MBAs). Registra-se também uma expansão na pós-graduação *stricto sensu* (mestrados e doutorados) e uma crescente expansão da educação corporativa. Em 2004, já havia 640 mil acadêmicos de Administração, correspondendo a 15,37% das matrículas no Ensino Superior (INEP/MEC/censo 2004). Essa expansão do ensino de Administração não é um fenômeno apenas brasileiro. No mundo hoje há mais de 15.000 *Business Schools*; há dez anos, havia menos de dez mil. Outra curiosidade é que em apenas três países no mundo há mais de 1.500 escolas; entre eles, está o Brasil (MEIRELLES, 2006).

Esse é o cenário do início do século XXI, mas a escolarização da Administração é um fato relativamente recente nas histórias mundial e brasileira. Escolarização, entendendo-a como um conjunto de conhecimentos e habilidades que são ensinados no sistema escolar, enfim, que pode ser ensinado e aprendido (BERTERO, 2006). A administração, como atividade humana, remonta às origens da civilização, mas o foco deste trabalho direciona-se à escolarização no interior da Universidade.

O início dessa ciência ocorreu em Os Estados Unidos e/ou em França. Os dois países reivindicam a paternidade do início do curso de Administração de Negócios, no final do século XIX, em Os Estados Unidos, na *Wharton School*, e em França, na *École des Hautes Commerciales* (HEC). Em Os Estados Unidos é que a Administração se instalou dentro da

Universidade; na Europa, a resistência ao ensino de Administração dentro da Universidade só foi superada após o final da Segunda Guerra Mundial (BERTERO, 2006).

Em Os Estados Unidos, as Escolas de Administração, *Business Schools*, surgem, ora como desdobramentos dos departamentos de economia, ora como novas escolas dentro dos *campi* universitários. Desde o princípio, as Universidades mais tradicionais e prestigiadas tentam obter um diferencial para as novas escolas; uma das soluções encontradas foi colocar os programas de Administração de Empresas na *Graduate School*, ou seja, como cursos de pós-graduação. Esta é a origem dos *Master of Business Administration* (MBA). Ao mesmo tempo, também houve uma grande expansão dos cursos de graduação. Um aspecto interessante, destacado por Bertero (2006), é que inicialmente as grandes universidades mantinham os programas nos dois níveis (graduação e pós-graduação), mas com o passar dos anos, as universidades de maior prestígio encerraram seus cursos de graduação, tornando a Administração apenas objeto da *Graduate School*. Já as Universidades de menor prestígio e produção científica, bem como os *Junior* e *Community Colleges*, até hoje oferecem cursos de Administração em nível de graduação.

O crescimento e a expansão do ensino de Administração coincidem com a ascensão e a supremacia estadunidense ao longo do século XX. Em especial, a área de Administração de Empresas, conhecida como *Management*, é vista como criação estadunidense, pelo predomínio de seus autores na produção científica, na literatura de negócios, nos livros textos e nos casos estudados no ensino de Administração. Essa produção transcende a cultura ocidental, pois é amplamente usada também em países da Ásia (BERTERO, 2006).

## **1.2 O ensino de Administração no Brasil**

O Brasil é um dos primeiros países, além de Os Estados Unidos, a escolarizar a Administração, criando escolas, cursos, departamentos e faculdades de Administração.

A primeira fase é o surgimento do ensino de Administração no ano 1902, nas escolas particulares: na Academia de Comércio, no Rio de Janeiro, e em São Paulo, na Escola Álvares Penteado. O ensino não era regulamentado, o que aconteceu em 1931, com a criação do Ministério da Educação e a estruturação do ensino em todos os níveis (NICOLINI, 2004).

A mudança e o desenvolvimento brasileiro, após revolução de 1930, trouxeram demandas de preparação de recursos humanos, na forma de técnico e tecnólogos, assim como

métodos de trabalho mais sofisticados. Na propagação de métodos mais sofisticados nas ciências administrativas, destacam-se o Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), fundado em São Paulo em 1931. E também a criação, em 1938, do Departamento de Administração do Setor Público (DASP), com o objetivo de modernizar o Estado Brasileiro, organizando os recursos à luz das teorias de Taylor, Fayol e Max Weber. A Fundação Getúlio Vargas (FGV), originada no DASP, foi instituída em 1944, com o objetivo de preparar recursos humanos para a administração pública (NICOLINI, 2004).

A expansão dos programas de Administração faz-se após Segunda Guerra Mundial, quando o mundo vivia momentos de grande otimismo, acreditava-se que os problemas da humanidade seriam resolvidos pelo desenvolvimento econômico, o qual traria no seu bojo os desenvolvimentos social e político. A nova “ordem”, liderada pelos países vencedores da guerra e com o apoio de organismos e agências como ONU, UNESCO, FMI, etc., trazia a idéia de modernizar tanto o aparato administrativo público como o mundo empresarial privado.

O início do ensino superior para administração pública foi no Rio de Janeiro, na época capital do país, com a criação da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), em 1952, no âmbito da Fundação Getúlio Vargas e com a assistência técnica da Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de formar especialistas para a administração pública. Posteriormente, com a expansão e incorporando o ensino de administração de empresas, alterou o nome para Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE). O ensino da administração de negócios teve início em São Paulo, que já despontava como o foco do crescimento econômico nacional e com grande potencial industrial. Primeiramente, em uma iniciativa do padre Roberto de Sabóia de Medeiros, inspirado em conhecimento e contato com a *Harvard Business School*, foi criada a Escola Superior de Administração de Negócios (Esan), ainda no final da década de 1940. Em 1954, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (Eaesp) inicia as suas atividades, como parte de um acordo entre a FGV e o governo federal brasileiro, de um lado, e o governo estadunidense e a *Michigam State University*, de outro. A Universidade americana enviou ao Brasil, como era hábito na época, uma missão universitária que permaneceu aqui por mais de dez anos, implantando a nova escola. A Eaesp começou com educação executiva, voltada aos profissionais de administração, e, em seguida, implantou a graduação, formando a primeira turma, no início da década de 1960, e, posteriormente, a pós-graduação. A Eaesp tornou-se o grande modelo para os demais cursos de graduação em Administração que se difundiram por todo o país. O currículo tinha uma duração de quatro

anos, sendo que os dois primeiros dedicados às disciplinas propedêuticas e instrumentais e os dois restantes às disciplinas funcionais de administração de negócios. As disciplinas propedêuticas eram predominantemente das ciências sociais: Sociologia, Psicologia, Economia, Ciência Política e Direito. Nos dois anos finais, focalizava-se a especialização em áreas funcionais como finanças, contabilidade gerencial, administração de pessoal, entre outras. O objetivo desse currículo era, nos primeiros anos, dar o referencial necessário para a atuação e para a formação do administrador, no ambiente em que estava inserido, e, nos dois últimos, aprofundar a especialização necessária. Na década de 1940, a Universidade de São Paulo (USP) cria a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, que também inclui a Contabilidade, e, no final da década de 50 e início dos anos 1960, criou a graduação em Administração.

Os grandes eixos para a formação do administrador, propostos pelos primeiros cursos implantados, foram o embasamento nas ciências sociais e a ênfase na administração como profissão modernizadora (BERTERO, 2006). O embasamento nas ciências sociais tinha como objetivo dar o entendimento do contexto onde o administrador exerce a sua profissão, que é a sociedade e, da mesma forma, evitar que a formação em Administração fosse pura instrumentalidade, ou seja, apenas um conjunto de técnicas vinculadas a diferentes áreas funcionais da empresa, sem a consciência e a responsabilidade da atividade de administrador para a sociedade e país. O outro eixo para a formação do administrador foi a profissionalização. Nas décadas de 50 e 60, esse conceito era novo, o administrador profissional, na esfera pública, ainda era mais familiar, pois o que é público não tem um proprietário. Já o administrador profissional na empresa privada era novo, a idéia que predominava era a de que, quem administrava era o proprietário ou herdeiros, independentemente de suas qualificações ou formação. “O administrador profissional das empresas estava associado à imagem de modernidade, da mudança e do alinhamento do país com as nações que se modernizavam e passariam a ser o primeiro mundo de amanhã” (BERTERO, 2006, p. 13).

O ensino de Administração está relacionado ao processo de desenvolvimento do país. O surgimento do ensino de Administração está vinculado “ao desenvolvimento econômico do governo de Getúlio Vargas, mas o grande incentivo à administração veio com o surto de industrialização que o Brasil ingressou sob o comando de Juscelino Kubistchek” (NICOLINI, 2004, p. 9). Neste contexto, foi necessária a profissionalização dos recursos humanos das empresas brasileiras.

O ensino de Administração pode ser caracterizado como uma transferência de tecnologia desenvolvida em Os Estados Unidos, devido à forte influência da concepção e da gestão dos cursos implantados, por meio da cooperação Brasil-EUA.

Em 1966, o Conselho Federal de Educação regulamentou o ensino de Administração, fixando o conteúdo mínimo e a duração do curso e, um ano antes, em 9 de setembro de 1965, por meio da lei n. 4.769, foi regulamentada a profissão de administrador.

A criação e a evolução dos cursos de Administração, inicialmente, aconteceram no interior de instituições universitárias, fazendo parte do complexo pesquisa e ensino. No final da década de 60, a expansão aconteceu nas faculdades isoladas que proliferaram com a expansão do ensino privado no Brasil (ANDRADE; AMBONI, 2004). Os cursos de Administração são os de fácil massificação, pois exigem poucos investimentos em biblioteca e laboratório e podem ser ministrados em meio período, o que permite a expansão em cursos noturnos. O curso tem grande demanda, baixo custo e pouco investimento, gerando assim boas margens de lucro e constituindo-se empresarialmente em um “bom produto”.

A massificação do curso de Administração e o número de administradores formados não são proporcionais ao mercado de trabalho da administração. Essa afirmação baseia-se na própria natureza do trabalho administrativo. Não há espaço no mercado de trabalho, nas empresas, para tantos gestores. A estrutura administrativa apresenta reduzido número de administradores e muitos administrados (BERTERO, 2006). Estudos recentes, divulgados pelo Instituto de Pesquisa Observatório Universitário, revelam que apenas 47% dos universitários formados atuam na própria área e destaca que 54% dos graduados em Administração trabalham fora da área de formação (Revista Ensino Superior, 2006, p. 9), corroborando com a afirmação que “em nenhuma sociedade será possível empregar massas de administradores como as que se graduam em nossos programas de graduação em todo o país” (BERTERO, 2006, p. 20).

Ao contrário das primeiras escolas de administração, que nasceram próximas aos campos de poder econômico e político, as novas escolas estão em faculdades isoladas e distantes das expectativas e dos grupos que ocupam posições dominantes nessas áreas. As escolas tradicionais continuam formando a elite administrativa para os setores públicos e privados (grande percentual de gestores das melhores e maiores empresas do Brasil são formados pela FGV, por exemplo) e as novas instituições têm produzido os quadros médios para as burocracias públicas e privadas, que necessitam de pessoal para as rotinas operacionais, enfim, para resolver questões econômico-administrativas. Bertero (2006, p. 23) afirma que: “a grande maioria jamais ocupará um cargo de gestor de primeira linha ou de



supervisão, porque lhes falta tanto o capital intelectual como o capital social para adentrar e ter uma carreira plena de gestor”. Os cursos de Administração não têm formado um grupo profissional novo, inovador, preparado para a gestão, comprometido e engajado no processo de transformação organizacional e, por conseqüência, da própria sociedade. São os cursos de Engenharia que continuam a serem fonte de gestores, talvez por não terem se massificado e atenderem a um público com maior capital social e intelectual. A questão que fica é: o processo de massificação tem oportunizado o acesso ao ensino superior, mas não a inserção no mercado de trabalho como gestores?

A Faculdade de Ciências Econômicas de Caxias do Sul foi criada pela Mitra Diocesana de Caxias do Sul, entidade mantenedora, em 8 de maio de 1956, hoje Universidade de Caxias do Sul (UCS). Em 1968, foram criados os cursos de Administração de Empresas e Ciências Contábeis, inicialmente com 58 alunos, mas, em 1970, contava com 176 alunos. Na UCS, a primeira formatura de bacharéis em Administração aconteceu em 18 de dezembro de 1971 e teve como paraninfo, Sr. Euclides Triches, então Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Hoje, a Universidade de Caxias do Sul tem 6.078 alunos matriculados no curso de Administração, com oferta em todas as suas Unidades Acadêmicas (Campus Central: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Guaporé, Farroupilha, Nova Prata, São Sebastião do Caí, Vacaria e Canela) e mais de 5.000 egressos inseridos no mercado regional. Na busca pela qualificação do seu corpo docente já ofereceu dois mestrados interinstitucionais (MINTER) com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS) e, atualmente, um doutorado interinstitucional (DINTER) também em parceria com a UFGRS, sendo este o primeiro DINTER aprovado pela Capes. E, desde 2006, tem aprovado pela CAPES, e em oferta, o mestrado acadêmico próprio em Administração. Na Unidade Acadêmica, Núcleo Universitário de Canela, foi implantado o curso de Administração de Empresas em agosto de 1997, a qual possui 91 egressos (dados do final de 2007).

Desde o segundo semestre de 2007, não há mais ingresso para o curso Administração de Empresas (319F), pois está em processo de implantação o novo projeto pedagógico do curso (grade 00351) que atende à Resolução número 1 de fevereiro de 2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Administração. Este proposta tem carga horária de 3.120 horas/aulas, sendo 300 horas de Atividades Complementares e 240 horas do Trabalho de Conclusão; a graduação pode ser cursada em nove semestres, totalizado quatro anos e meio de duração. No segundo semestre de 2008, há 269 alunos matriculados

neste curso (351G), ao passo que, no curso em extinção, projeto anterior, estão matriculados 216 alunos (319F).

Pode-se observar, conforme tabela a seguir, os principais indicadores do curso de Administração da UCS Canela. Desde 2004/4, que corresponde ao segundo semestre de 2004, o curso tem duas entradas, ou seja, vestibular no início do ano e em julho, no qual o índice por vaga tem ficado 1,08 a 1,36 por vaga, mas na efetivação da matrícula, não tem preenchido o número de vagas abertas que são 60. Sabe-se, porém que há alunos que fazem o vestibular por “treino”, ainda cursando o Ensino Médio, assim como em outras instituições de ensino superior, ou que, após a aprovação decidem onde cursar. Outro aspecto relevante é a alta taxa de evasão, assim como a taxa de ocupação, sendo que nestes dois indicadores cabe ressaltar que os alunos tiveram a opção de trocar de curso (319F para 351G), e como existem disciplinas que são ofertadas concomitantemente para os dois cursos, dado que eleva a taxa de ocupação.

Tabela 1 – Indicadores grade curricular 319F

	Nº. Alunos Matriculados	Nº. Inscritos Vestibular	Ingressos Vestibular	Índice Vestibular	Média Alunos Turma	Média Disc. curso	Média Idade Alunos	Evasão	Taxa de Evasão
2002/2	319	122	70	1,74	28,36	3,02	24,31	45	14,11
2002/4	291	-	-	-	27,96	2,77	24,75	56	19,24
2003/2	357	108	69	1,54	35,28	2,97	24,41	51	14,29
2003/4	340	-	-		28,7	2,66	24,93	54	15,88
2004/2	381	83	60	1,19	33,2	2,67	24,64	63	16,54
2004/4	394	58	41	0,97	25,74	2,56	24,78	62	15,74
2205/2	410	85	65	1,21	31,12	2,65	24,47	93	22,68
2005/4	437	80	46	1,33	29,64	2,55	24,91	70	16,02
2006/2	441	66	49	0,94	32,17	2,63	24,58	97	22,00
2006/4	463	63	43	1,26	26,45	2,58	24,85	74	15,98
2007/2	478	75	55	1,25	32,55	2,68	24,7	93	19,46
2007/4	426	-	-	-	25,56	2,61	25,39	104	24,41
2008/2	272	-	-	-	19,9	2,77	26,12	91	33,46
2008/4	216	-	-	-	13,13	2,7	26,41	66	30,56

Fonte: Dados Institucionais

Tabela 2 – Indicadores grade curricular 351G

	Nº. Alunos Matriculados	Nº. Inscritos Vestibular	Ingressos Vestibular	Índice Vestibular	Média Alunos Turma	Média Disc. Curso	Média Idade Alunos	Evasão	Taxa de Evasão
2007/4	56	54	47	1,08	25,67	3,18	23,32	-	0,00
2008/2	217	79	56	1,32	38,36	3,12	23,55	14	6,45
2008/4	269	68	43	1,36	16,72	2,88	23,99	41	15,24

Fonte: Dados institucionais

Os dados mostram em seis anos (do primeiro semestre de 2002/ ao primeiro semestre de 2008) há queda no índice do vestibular: de 1,74 a 1,32. Em contrapartida, mantém-se estável a média de disciplinas cursadas por semestre e a faixa etária dos acadêmicos.

O curso tem alcançado em avaliações externas resultados satisfatórios, mas inquietantes, enquanto diagnóstico, para uma Instituição comprometida e que tem na sua missão o desenvolvimento regional. Os resultados foram satisfatórios no Exame Nacional de Cursos, antigo “provão”, e no IDD do Enade, pois, nos Exames Nacionais de Cursos, de que os concluintes participaram em 2002 e 2003, o conceito alcançado foi A, nota máxima; no IDD, do ENADE, foi obtido conceito 5, em uma escala de zero a cinco. Ao mesmo tempo, são inquietantes, por exemplo, a nota dos ingressantes (29,3), representando o baixo desempenho dos acadêmicos ao ingressar na Universidade, apresentando assim, um grande desafio ao desenvolvimento das competências básicas, até mesmo das ferramentas para aprendizagem. Neste contexto institucional, buscou-se conhecer o cotidiano do acadêmico, nas dimensões tempo e espaço.

O quadro a seguir apresenta um comparativo das médias do curso de Administração da UCS, todas as suas ofertas e a média do Brasil.

## MÉDIAS UCS/BRASIL – ENADE 2006

Curso	Município	Média Geral		Enade Conceito (1 a 5)	IDD Índice (-3 a 3)	IDD Conceito (1 a 5)	Média BRASIL	
		Ingr.	Conc.				Ingr.	Conc.
ADMINISTRAÇÃO	CXSUL	35.9	50.6	4	2.231	5	35,1	42,0
<b>ADMINISTRAÇÃO</b>	<b>NUCAN</b>	<b>29.3</b>	<b>46.1</b>	<b>3</b>	<b>2.419</b>	<b>5</b>	<b>35,1</b>	<b>42,0</b>
ADMINISTRAÇÃO	CARVI	36.7	46.8	4	0.968	4	35,1	42,0
ADMINISTRAÇÃO	NUFAR	31.1	38.6	2	0.040	3	35,1	42,0
ADMINISTRAÇÃO	NUGUA	37.2		SC		SC	35,1	42,0
ADMINISTRAÇÃO	NUPRA	30.5	43.0	3	1.382	4	35,1	42,0
ADMINISTRAÇÃO	CAMVA	33.4	46.2	3	1.616	5	35,1	42,0
ADMINISTRAÇÃO	NVALE	35.9	51.1	4	2.072	5	35,1	42,0

Quadro 1 – Comparativo ENADE 2006: Administração UCS x Administração DM Brasil

Fonte: Dados Institucionais

O Enade utiliza dois conceitos para avaliar os cursos e as áreas de conhecimento: Conceito Enade, o qual avalia, em notas de 1 a 5, o desempenho de alunos ingressantes e concluintes. O índice combina fatores com pesos diferentes: as notas dos ingressantes (25%), e as notas dos concluintes (75%). Para os ingressantes, é considerada a prova como um todo (específica e geral). No caso dos concluintes, a prova específica forma 60% do resultado, e os 15% restantes vêm da prova geral. O conceito IDD (Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado) determina quanto os alunos agregaram de conhecimento ao longo do curso. Para isso, é medido o desempenho de estudantes concluintes de uma instituição em relação aos resultados obtidos em média, pelas demais instituições que tenham ingressantes com perfil semelhante. Índice de 4 ou 5 representa que o desempenho foi acima do esperado. De 3, que foi igual ao projetado. De 1 a 2, inferior ao esperado.

O curso de Administração, oferta Canela, ficou com o conceito Enade 3, que corresponde a 2,0 a 2,9 em um intervalo de notas de 0 a 5. E o IDD, conceito 5, desempenho acima do esperado. Constata-se nos resultados do Enade 2006, entre as Unidades da Universidade, que a Unidade de Canela apresenta a média geral mais baixa dos ingressantes: 29,3, quase 6 pontos abaixo da média nacional, dado “preocupante e desafiador” quanto ao perfil dos ingressantes, que apresentaram um desempenho muito baixo, que, em contrapartida, auxiliou no IDD.

Outra avaliação foi feita pela Editora Abril, ocasião em que o curso de Administração, oferta Núcleo Universitário de Canela (NUCAN), foi estrelado – três estrelas,

que corresponde a curso bom – pela avaliação de cursos superiores realizada pelo Guia do Estudante (GE) e está na publicação GE Melhores Universidades 2008/.

O curso de Administração em oferta tem como objetivo geral, expresso no seu projeto pedagógico (2007):

Contribuir à formação de profissionais competentes para, no âmbito das organizações onde vierem a exercer funções de gestão, desencadear ações que estejam, ao mesmo tempo, sintonizadas com as transformações do mundo contemporâneo e voltadas ao desenvolvimento da própria organização, promovendo, conseqüentemente, o bem-estar social e econômico das comunidades em que elas estejam inseridas.

A organização curricular contempla quatro campos de formação interligados: Formação Básica, Formação Profissional, Estudos Quantitativos e suas Tecnologias e Formação Complementar.

O corpo docente do curso de Administração, no segundo semestre de 2008 (2008/4) é composto de 24 docentes, sendo destes: 1 doutor, 19 mestres (15 mestrados acadêmicos e 4 mestrados profissionais) e 3 especialistas e 1 graduado (que está finalizando o mestrado em Administração). Sendo uma Universidade Regional, e por a Unidade Canela não ter centro de lotação de docentes, há apenas um docente em tempo integral com atividades dedicadas ao curso, sendo os demais horistas; cerca de 80% dos docentes não moram na região, mas sim em Caxias do Sul e na grande Porto Alegre.

O curso de Administração tem como proposta uma formação generalista sólida, atualizada e coerente com as demandas e as necessidades do mercado de trabalho, formando um profissional com visão sistêmica, com habilidade para lidar com pessoas e equipes, gerir recursos materiais e articular as diversas áreas internas. O curso é presencial e tem como concepção de aprendizagem o pressuposto interacionista, em que o conhecimento é construído pelo diálogo que o indivíduo mantém consigo mesmo, com os outros, com a cultura e com o contexto. Os conteúdos de aprendizagem são apreendidos e ganham significado na medida em que se relacionam entre si, formando uma rede de conhecimentos. A aprendizagem se constitui em uma interpretação de mundo pelo sujeito e, dessa forma, os espaços de ação e reflexão e de interação e interpretação do mundo organizacional são uma constante.

O curso tem dois espaços vivenciais importantes para os acadêmicos como aprendizagem e de interação com comunidade regional:

a) Empresa Junior – Espaço pedagógico de contínuo diálogo teoria e prática, constituindo-se em um laboratório de aprendizagem com a participação de acadêmicos e docentes em constante interação com a comunidade acadêmica e regional.

b) Escritório de Projetos – Implantado a partir do Planejamento Estratégico do NUCAN alinhado ao Planejamento Institucional, constitui-se em uma ação “estruturante” da Unidade com o objetivo de promover e articular projetos de interesse institucional e em parceria com a comunidade. Está em fase de implantação.

## 2 A PESQUISA

“O conhecimento não pode ser o reflexo do mundo, é um diálogo em devir entre nós e o mundo.”

*Edgar Morin*

“Não há pior inimigo para o conhecimento do que a terra firme.”

*Renato Janine Ribeiro*

Neste capítulo apresenta-se a construção da pesquisa: problema, objetivos, estratégias orientadoras na coleta e na análise dos dados, assim como as etapas, contexto e participantes. A partir da construção e reflexão sobre o problema da pesquisa, fez-se a definição dos objetivos gerais e específicos e as estratégias orientadoras da pesquisa. As regras e procedimentos operacionalizaram a posição epistemológica e ética da pesquisadora, refletindo os seus pressupostos teóricos. A proposta foi “O corpo a *corpus*”, expressão usada por Ribeiro (2003, p.128) para destacar a importância de o pesquisador expor-se mais ao seu objeto de estudo (*corpus*), aprofundar as análises, submeter-se ao que seu *corpus* lhe trouxer de novo, sugestivo e até inesperado. Manter o desejo, o amor a pensar, a conhecer que motivou na escolha do objeto, usar a bibliografia existente como referência, mas não aplicá-la mecânica e obrigatoriamente, usá-la como “ajudas e não muletas” (RIBEIRO, 2003, p. 125) que podem anestesiar ou vacinar o pesquisador contra o seu objeto. Este foi o desafio buscado e vivido ao longo da pesquisa expor-se ao objeto (o corpo a *corpus*).

Nesta trajetória, a pesquisadora esteve consciente de que a pesquisa é uma atividade objetiva e subjetiva, está impregnada da condição humana pela busca e pela construção do conhecimento, portanto gerando dúvidas, hesitações, necessitando de reflexões e de apuramento.

É um trabalho de interpretação, cujo processo é necessariamente arriscado, cheio de conflitos e aberto à discussão. A reflexão e a interpretação dos dados acontecem desde o momento da coleta dos dados e não apenas após obtê-los; há, ainda, o limite da linguagem para expressar a realidade empírica e, da mesma forma, é importante ter consciência de que a interpretação desses dados está situada no campo político, ideológico, cultural e lingüístico do pesquisador (VERGARA, 2006).

## 2.1 Apresentando a pesquisa: do problema à tese

Problema é uma questão não resolvida, é algo para o qual se vai buscar resposta via pesquisa. Uma questão não resolvida pode estar referida a alguma lacuna epistemológica ou metodológica percebida, a alguma dúvida quanto à sustentação de uma afirmação geralmente aceita, a alguma necessidade de pôr à prova uma suposição, a interesses práticos, à vontade de compreender e explicar uma situação do cotidiano ou outras situações (VERGARA, 2000, p. 21).

O problema de pesquisa procura relacionar três temáticas centrais: o acadêmico (trabalhador-estudante e estudante-trabalhador) e os conceitos de *habitus*, capital à luz de Bourdieu e a dimensão tempo e de espaço (sentidos e usos).

A partir das experiências educacionais vividas e observadas, como docente e gestora e das considerações teóricas apresentadas, identificou-se um problema a ser investigado, conforme Vergara (2000), por interesses práticos e a vontade de compreender uma situação cotidiana. Os interesses práticos foram delineados pela atividade de docência e de gestora de um curso de graduação noturno de IES particular.

O problema de pesquisa concentra-se na seguinte questão:

Qual o sentido (representação) e uso (táticas e práticas) do tempo e espaço do acadêmico (trabalhador-estudante e estudante-trabalhador) no seu cotidiano como universitário?

As questões norteadoras, formuladas no sentido de orientar a discussão do problema, são as seguintes:

(a) Qual o sentido, enquanto representação, para o acadêmico, do tempo e espaço vividos no cotidiano universitário?

(b) O que os acadêmicos buscam no curso? Qual o significado do diploma na vida destes acadêmicos?

(c) Como é organizado, usado, o tempo/espaço, enquanto táticas e práticas neste contexto?

(d) Quais e como são os tempos e espaços enquanto condições de estudo? (Qual o sentido e uso do tempo/espaço? Os sentidos orientam as práticas?).

(e) Que inter-relações se estabelecem entre o uso e a organização do tempo e do espaço no cotidiano universitário com ambiente profissional e a busca pelo capital cultural?



## **2.1.1 Objetivos:**

### **2.1.1.1 Objetivo Geral:**

Descrever e analisar as significações atribuídas do tempo e do espaço, pelo acadêmico de Administração, às situações do seu cotidiano como universitário.

### **2.1.1.2 Objetivos específicos:**

(a) Analisar, na literatura especializada, abordagens e correntes de estudo vinculadas aos três eixos principais da pesquisa: curso de Administração, dimensões tempo e de espaço, capital e *habitus* de Bourdieu;

(b) Analisar o perfil sociocultural dos acadêmicos (à luz dos conceitos de *habitus* e capital de Bourdieu);

(c) Analisar a concepção e o uso de tempo-espaço do acadêmico no cotidiano universitário em sua trajetória em busca da formação no ensino superior;

(d) Analisar, discutir e propor alternativas de planejamento e organização de situações do cotidiano universitário que oportunizem a aprendizagem e que contemplem os labirintos de tempos e de espaços contemporâneos;

## **2.1.2 Etapas de desenvolvimento:**

Realização de ampla e minuciosa revisão na bibliografia existente sobre os temas envolvidos no estudo e, a partir disso, propor definições e construtos norteadores para a pesquisa;

Aplicação de questionário para a construção e análise do perfil sociocultural do acadêmico;

Realização da coleta dos dados para conhecer e analisar a concepção e o uso do tempo-espaço do acadêmico no cotidiano de universitário.

Descrição e análise do cotidiano do acadêmico de administração, à luz dos conceitos propostos;

## **2.1.3 Tese:**

As dimensões tempo-espaço, em especial os sentidos e usos, atribuídos pelo acadêmico (trabalhador-estudante ou estudante-trabalhador) de Administração de curso noturno de IES particular são variáveis fundamentais para conhecer e analisar o seu cotidiano como universitário.

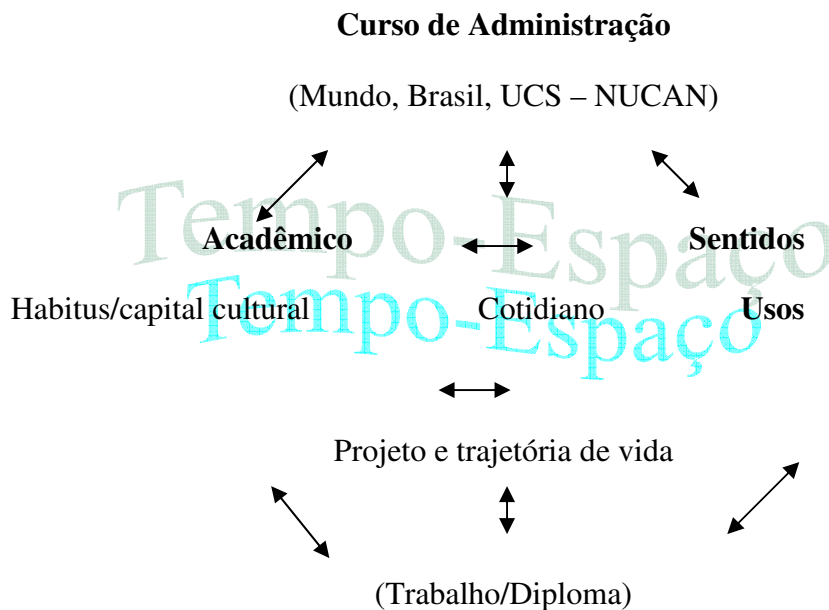


Figura 1 – Esquema da Tese  
 Fonte: Construído pela autora.

#### 2.1.4 Importância do estudo

A relevância científica deste estudo apóia-se nos seguintes aspectos que sinalizam escassez na literatura de estudos nacionais, os quais: (a) analisem o perfil do acadêmico de IES particular, ensino noturno, a não ser pesquisas realizadas pelo INEP na ocasião do Exame Nacional de Desempenho (ENADE) com a aplicação do questionário socioeconômico para os acadêmicos que estão realizando o exame; (b) procurem conhecer e analisar a concepção e uso do tempo-espaço pelo acadêmico no cotidiano da vida universitária; (c) desenvolvam um estudo sobre o acadêmico, suas percepções sobre o papel do diploma, seu projeto de vida, pois os estudos que são apresentados atualmente em eventos como o Encontro Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração (EnANPAD ) e o Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração (EnANGRAD) apenas avaliam a sua satisfação e expectativas quanto ao curso, mas não fazem uma análise sobre a condição de acadêmico à luz de conceitos de *habitus* e tempo-espaço e (d) abordem as dimensões tempo-espaço no cotidiano universitário;

No contexto institucional, cabe destacar, há oferta do curso desde 1968, existindo mais de 5.000 egressos cujo percentual de alunos no curso noturno chega a 85 %. Até hoje não há estudos na UCS para conhecer mais detalhadamente esse significativo grupo social da comunidade acadêmica.

A crescente expansão do ensino superior no Brasil, democratização do acesso, em especial do curso bacharelado em Administração, assim como a preocupação com a qualidade dos cursos, tem aberto espaços, áreas temáticas em congressos, como EnANPAD e EnANGRAD para estudos na área de ensino e pesquisa em Administração.

A equação Expansão do Acesso x Garantia da Qualidade tem sido temática constante nos eventos organizados pela ANGRAD (Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração). Em evento realizado em maio de 2006, em Brasília, no Seminário Nacional sobre o Ensino de Graduação em Administração, a Professora Dra. Maria Beatriz Luce, conselheira da Câmara de Educação Básica, na palestra “Novos Rumos da Educação Superior no Brasil”, destacava a crise das narrativas modernas e a necessidade de uma narrativa de legitimação do ensino superior. E, para isso, um dos caminhos sugeridos é o estudo, a pesquisa de como os universitários (gestores, professores e estudantes) se percebem e percebem o seu fazer. Este trabalho vai ao encontro desta lógica, não para falar do acadêmico, mas para conhecer e analisar como ele se percebe e como percebe o seu fazer enquanto acadêmico à luz das dimensões tempo-espaço.

No XVII EnANGRAD, São Luis no Maranhão, em painel sobre Ensino e Administração, as professoras Tânia Fischer (UFBA) e Manolita Correia (ESPM – São Paulo), entre outros aspectos, destacaram a importância de pesquisas que levassem a conhecer o projeto do acadêmico para auxiliá-lo na construção de seu projeto de vida. As instituições de ensino e mesmo os docentes, muitas vezes, desconsideram o projeto do estudante e, até mesmo, se dão o direito de formular projetos por eles, não conhecem e não contemplam as especificidades do seu cotidiano enquanto trabalhador-estudante ou estudante-trabalhador. Este trabalho teve como proposta trazer o acadêmico para a centralidade do processo de aprendizagem, conhecer os processos e estratégias por meio dos quais esse estudante organiza e vive o seu cotidiano, nos labirintos de tempo e de espaço contemporâneos.

## **2.2 Estratégias orientadoras da pesquisa**

A proposta do presente estudo é, por sua natureza, predominantemente qualitativa, pois busca compreender pessoas e o contexto sociocultural no qual vivem. Na fase inicial do estudo, foi realizada uma pesquisa exploratória qualitativa e quantitativa (quali-quant) para o mapeamento do perfil sociocultural do acadêmico. A análise quantitativa serviu como suporte, como caracterização dos sujeitos da pesquisa, para o estudo de caráter qualitativo.

Quanto aos fins, seguindo a taxionomia proposta por Vergara (2000), esta pesquisa é exploratória e descritiva, e, quanto aos meios, um estudo de caso. O estudo busca descrever e analisar o sentido (representação) e usos (táticas e práticas) do tempo/espço pelo acadêmico de Administração nas situações do seu cotidiano como universitário. A proposta é conhecer melhor, entender e apresentar algumas características deste processo vivenciado por determinado grupo social, identificar e esclarecer fatores dificultadores e facilitadores que, de alguma forma, interferem neste processo.

De acordo com Yin (2001), a pesquisa exploratória normalmente é mais adequada para casos em que o objeto de estudo é um fenômeno observado junto ao contexto da vida real. De acordo com o autor, o estudo de caso é a abordagem preferida quando se busca responder as perguntas “como” ou “por que”, que são questões de processo. O estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, o qual o investigador possui pouco ou nenhum controle; quando os limites entre fenômeno e contexto não são claramente evidentes; e, no qual, múltiplas fontes de evidência são usadas.

### **2.3 Etapas de desenvolvimento da pesquisa**

Na fase inicial foi aplicado um questionário (Apêndice A) dividido em questões fechadas e abertas. A última questão abria a possibilidade de construção de desenho, que, conforme Vergara (2006) é um método para obtenção de dados por meio do qual o pesquisador solicita aos sujeitos da pesquisa que elaborem uma imagem gráfica relacionada ao tema proposto, no caso, o significado da Escola na sua vida. A proposta foi a criação de uma resposta visual à situação vivida sob investigação. Nas questões fechadas, foram usados, para o tratamento dos dados, o *software SPSS*<sup>4</sup> e, para as questões abertas, foram realizadas análises de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica para tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema. Bardin (1977, p. 42) a define como:

---

<sup>4</sup> O programa de computador *SPSS* (acrônimo de *Statistical Package for the Social Sciences* – pacote estatístico para as ciências sociais) é um dos programas de análise estatística mais usados nas ciências sociais; é também utilizado por pesquisadores de mercado, na pesquisa relacionada com a saúde, no governo, educação e outros setores.

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Na segunda fase da pesquisa, houve a inserção da pesquisadora no ambiente, no dia-a-dia do grupo investigado, por meio de observação participante, técnica de construção de imagens, questionário e entrevistas semi-estruturadas (VERGARA, 2006). Este estudo usou também a fotografia como apoio e recurso na coleta de dados e a técnica de construção, que consiste de um meio para obtenção de dados pelos quais os sujeitos da pesquisa são estimulados a utilizar gravuras, imagens para responder a questão sob investigação (orientações e questões Apêndice C).

Na segunda parte da pesquisa, os dados foram coletados, principalmente, por meio da técnica de construção de imagens e aplicação de um questionário. Em um primeiro momento, foi solicitado a cada um que respondesse às questões e, em seguida, foi-lhes solicitado que produzissem uma colagem ou desenhos que refletisse/representasse o seu cotidiano como universitário. Para tanto, foram disponibilizados revistas (variadas) cola, tesoura, canetas coloridas, *Flip-chart*<sup>5</sup>, folhas de *flip-chart* e canetas. As imagens construídas foram apresentadas, discutidas e comentadas no grupo. As colagens produzidas, acrescidas das anotações, resultados dos comentários dos acadêmicos ao olharem as construções, foram tratadas por meio da análise de conteúdo, tendo sido estabelecidas três categorias de análise: cotidiano como acadêmico, tempo/espço individual e tempo/espço coletivo, imagens/construções deste tempo/espço como acadêmico (estudante-trabalhador e trabalhador-estudante).

### **2.3.1 Contexto e participantes – descrição do ambiente da pesquisa, sujeitos pesquisados e procedimentos de amostragem**

Na primeira fase, para o mapeamento do perfil sociocultural dos acadêmicos, todos os alunos do curso de Administração, que estavam em aula na segunda-feira, dia 7 de maio de 2007, preencheram os questionários, totalizando 226 questionários preenchidos, no universo de 478 alunos matriculados naquele semestre.

Na segunda fase, os sujeitos pesquisados foram definidos de forma não-probabilística, intencional. De acordo com Marconi e Lakatos (1988), adota-se esse critério

---

<sup>5</sup> Bloco de folhas grandes, colocado em cavaletes de estrutura de madeira ou de alumínio.

quando o pesquisador está interessado na opinião (percepção, ação, intenção, etc.) de determinados elementos da população. Assim, de acordo com a estratégia adequada, os sujeitos foram escolhidos. A pesquisadora se dirigiu intencionalmente ao grupo dos quais mais desejava saber a opinião. Foi considerado como critério a representatividade do grupo, quanto à heterogeneidade, seleção de sujeitos de diferentes faixas etárias, fases do curso, proveniências de diferentes cidades e níveis de experiência profissional, assim como a disponibilidade de tempo para entrevista e registro dos dados.

A segunda fase foi realizada em três momentos: 1) descrição do tempo e espaço no cotidiano de estudante universitário feita por 29 acadêmicos de vários semestres do curso, em agosto de 2008. A partir do título “Tempo e Espaço no Cotidiano como Acadêmico: estratégias de estudo” descreveram sobre o tema; 2) Resposta ao questionário, construção de imagens realizada em setembro de 2007, com a participação de 20 acadêmicos e 3) apresentação e comentário das descrições e registro em pequenos grupos; Para realização da segunda etapa, houve um cuidado quanto aos sujeitos pesquisados para que fossem provenientes de cidades diferentes, como por exemplo, de São Francisco de Paula, Nova Petrópolis, Gramado, Canela, de semestres diferentes do curso (contemplando dois primeiros semestres – metade do curso – e que estivessem finalizando o curso), com perfis socioculturais diferentes (pais de famílias, mães de família, jovens em ascensão profissional, jovens morando sozinhos, etc.).

### **2.3.2 Estratégias para coleta de dados**

Para a coleta de dados foi utilizada, de acordo com Yin (2001), a técnica de triangulação, que tem como objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo. Vergara (2006) define triangulação como uma estratégia de pesquisa, usada nas ciências sociais, baseada na utilização de diversos métodos para investigar um mesmo fenômeno. Parte-se do princípio de que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social, sem raízes históricas, sem significados culturais e sem se estreitarem vinculações com a macro-realidade social.

Desta forma, foram usados vários métodos de coleta de dados, objetivando evidências múltiplas de validação, para verificar a repetição de uma observação ou interpretação e esclarecer seu significado. Assim, definiu-se, para o presente estudo, a utilização de multi-métodos: questionário, descrição (a partir de roteiro pré-definido, fotografias – como apoio) e imagens construídas pelos sujeitos:

(a) Questionário: fase inicial da pesquisa com questões fechadas e abertas. Teve o objetivo de mapear o perfil sociocultural dos acadêmicos. O questionário (Apêndice A) está dividido em categorias de análise: dados de identificação (acadêmico), origem familiar, vivências socioculturais, trajetória profissional, escolaridade e graduação em Administração.

(b) Descrição: A apresentação de uma questão aberta aos acadêmicos sobre o tempo/espaço no seu cotidiano como acadêmico. A questão geral apresentava itens a serem observados nas descrições (Apêndice C).

(c) Construção de Imagens: para representar o tempo-espaço vivido como acadêmico e, também o seu tempo e espaço individual e coletivo, foi solicitada a montagem de cartazes com recortes de revistas e/ou fotografias e desenhos para representar com imagens e comentários sobre o tema. As imagens foram apresentadas e comentadas no grupo de sujeitos em análise.

## **2.4 Análise dos dados**

Para a análise dos dados do questionário foi usado como apoio no tratamento dos dados o *software SPSS* e, posteriormente, a análise de conteúdo das questões abertas, descrições, imagens construídas, fotografias e as anotações. Foram seguidos os seguintes passos: (a) transcrição das entrevistas e revisão da transcrição; (b) leitura flutuante do material transcrito; (c) mapeamento dos temas emergentes, conforme as macro-categorias, que possibilitaram visualizar o sentido e relações tempo-espaço, *habitus-capital* e condições de estudo; (d) categorização dos dados e (e) interpretação e re-interpretação dos dados a partir da triangulação (uso de diversos métodos para analisar o mesmo fenômeno).

Para trabalhar com os dados da transcrição das entrevistas e observações foram organizados quadros que sistematizaram os dados coletados.

## **2.5 Desenho da pesquisa**

A figura a seguir apresenta uma síntese do desenho da pesquisa, destacando a sua operacionalização, com as estratégias para a coleta, tratamento e análise dos dados.

Macro-categorias	Elementos de Análise	Operacionalização	Nº. de Partici-pantes	Análise
Perfil do acadêmico de Administração  <i>Habitus/Capital cultural</i>	Identificação Origem Familiar Vivências Sócio-culturais Trajetória Profissional Escolaridade Graduação em Administração Papel da escola/diploma	Questionário (questões fechadas e abertas /construção de desenhos)	226	SPSS Análise de Conteúdo
Labirintos de Espaços e Tempos	Tempo individual e coletivo  Biografia tempo-espacial (relato do cotidiano, práticas cotidianas)  Representação tempo-espço do cotidiano como acadêmico.	Descrição pelos sujeitos  Observação Participante (fotografias e construção de imagens)	29  22	Análise de Conteúdo

Quadro 2 – Desenho da pesquisa

Fonte: Construído pela autora.

Para finalizar este capítulo, cabe destacar que o estudo de caso, como método escolhido, embora forneça riqueza de dados e informações e possibilite estudar mais profundamente um assunto, sofre com freqüência críticas sobre sua incapacidade de possibilitar generalizações, ou seja, prejudica a transferibilidade para outras realidades. Em contrapartida, Yin (2001) ressalta que os estudos de caso são as bases iniciais para que se possam buscar aprofundamentos posteriores, após a familiarização com o assunto. Assim, como a pesquisadora tem consciência do grau de subjetividade atribuído à pesquisa qualitativa, mas para minimizar essas questões, foram previstos cuidados metodológicos, tais como definição das questões de pesquisa, critérios para a seleção dos sujeitos pesquisados e triangulação dos métodos de coleta de dados, entre outros.



### 3 O ACADÊMICO DE ADMINISTRAÇÃO (UCS/CANELA)

Este capítulo apresenta os dados da primeira parte da pesquisa que teve como objetivo mapear o perfil do acadêmico do curso de Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Unidade Acadêmica Canela.

Os resultados são apresentados em cinco seções abordando os seguintes temas: identidade do acadêmico, origem familiar, vivências socioculturais, trajetória profissional e escolaridade. As seções correspondem às divisões temáticas do questionário aplicado (Apêndice A).

#### 3.1 O acadêmico

Este item tem como objetivo conhecer mais sobre a vida do acadêmico, sua situação e recursos disponíveis, considerando *acadêmico* como “estudante de uma escola superior, faculdade ou Universidade” (MICHAELIS, 1998, p. 25).

O gráfico 1 apresenta o semestre que os acadêmicos estão cursando, destacando-se alunos que estão na primeira metade do curso. Esse fato observa-se pelo grande número de acadêmicos matriculados nas disciplinas oferecidas até o quinto semestre (em média 50-65 alunos) e reduzido número nas disciplinas da segunda metade do curso (em média 20 alunos). Outro aspecto a pontuar é que o acadêmico não cursa todas as disciplinas do mesmo semestre, cursa em média três disciplinas de quatro créditos por semestre, mas de semestres variados do curso, conforme suas necessidades quanto a horários, dias da semana de oferta, preferências por temas e afinidades com colegas. Não há rigidez no acompanhamento das matrículas quanto a pré-requisitos, apenas é dada a orientação do que é o mais conveniente ao processo de aprendizagem, previsto no projeto pedagógico, que seria uma seqüência mais linear da grade curricular.

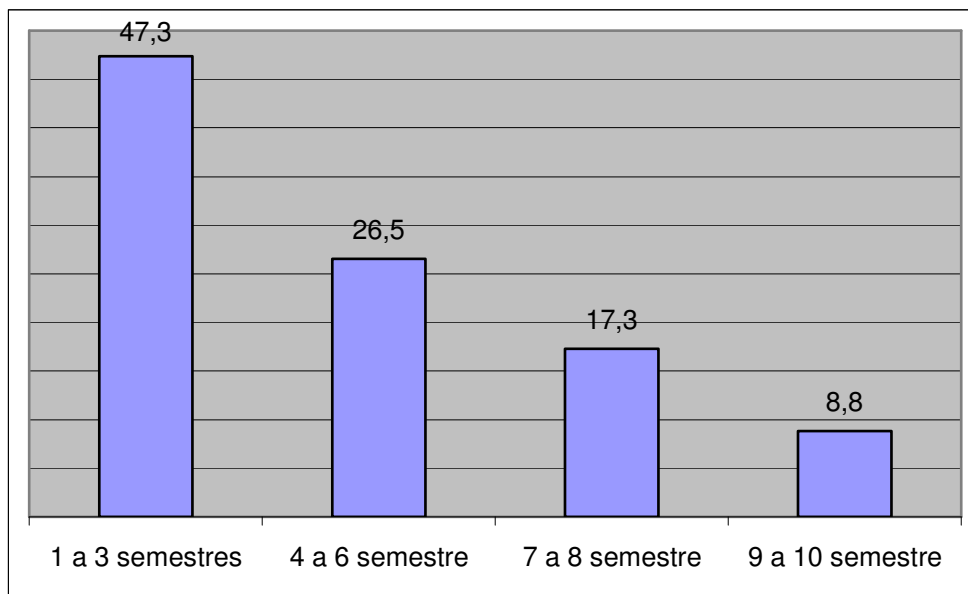


Gráfico 1 – Semestre que está cursando

Fonte: Pesquisa aplicada.

O grupo pesquisado tem 47,1% de acadêmicos do sexo masculino e 52,9 % do sexo feminino, mostrando sintonia com uma tendência nacional do predomínio das mulheres entre os estudantes matriculados na educação superior, representando 56,4% do total no Brasil (Censo 2004/INEP).

Tabela 3 – Gênero

		Idade				Total
		17 a 21 anos	21 a 25 anos	26 a 30 anos	Mais de 30 anos	
Gênero	Masculino	39	34	21	10	104
	Feminino	36	45	23	14	118
Total		75	79	44	24	222

Fonte: Pesquisa aplicada.

Um aspecto interessante levantado pela pesquisa é o grande número de jovens de até 25 anos matriculados, representando em torno de 70%; o grupo de 26 a 30 anos, 19,6%; e com mais de 30 anos apenas 10,7% do grupo pesquisado. Esses dados ficam bem acima da escolarização líquida<sup>6</sup> do Rio Grande do Sul que é 25% (INEP, 2004).

<sup>6</sup> O INEP trabalha com duas taxas para análise: a escolarização bruta e líquida, sendo que a taxa de escolarização bruta reflete a presença de estudantes na educação superior, independentemente de sua idade; enquanto a taxa de escolarização líquida, que está em 10,4% no Brasil, expressa as matrículas na educação superior de estudantes da faixa etária de 18 a 24 anos (Censo 2004).

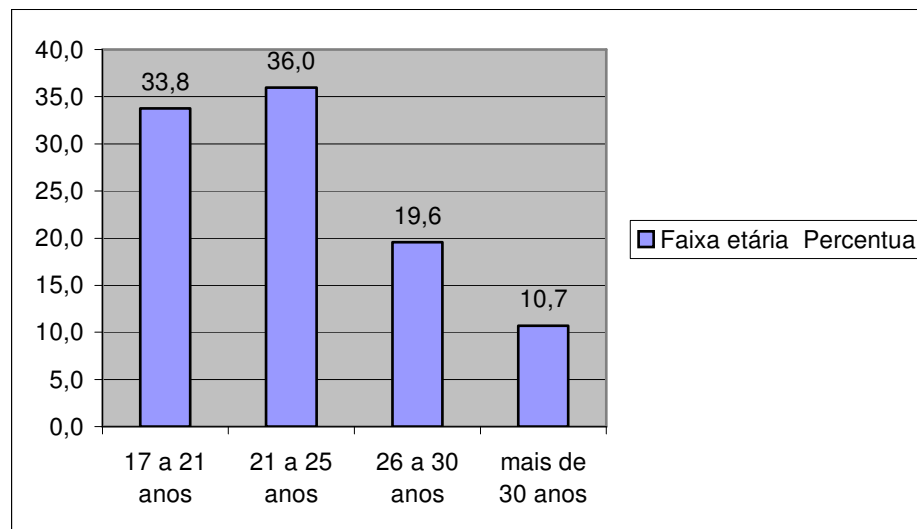


Gráfico 3 – Faixa etária

Fonte: Pesquisa aplicada.

O grupo pesquisado, conforme gráfico 4, na grande maioria é solteiro (73,6%); mora com pai ou mãe (66,2%); 23,1% mora com esposo (a); 8% sozinho; e 2,7% com amigos.

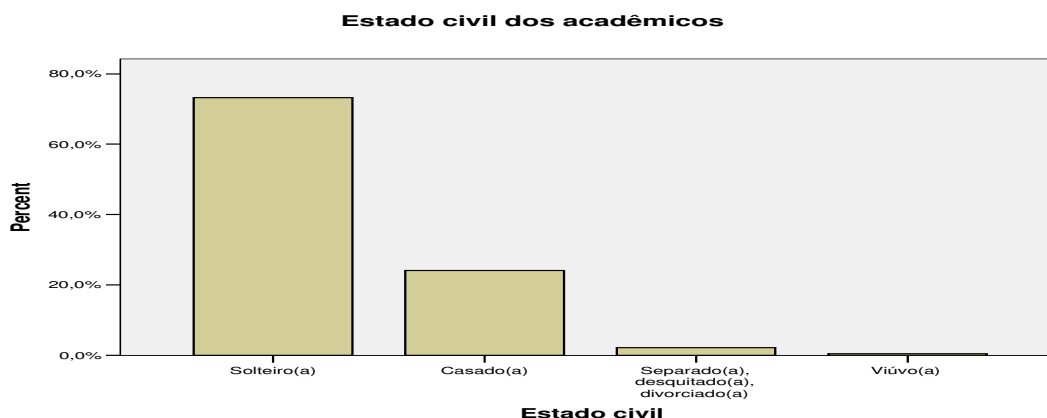


Gráfico 4 – Estado civil

Fonte: Pesquisa aplicada

O gráfico 5 apresenta o número de pessoas que residem com o acadêmico, que pode ser também um indicador do tamanho das famílias, já que a maioria ainda mora com os pais. Observa-se um predomínio de duas a três pessoas morando com o acadêmico.

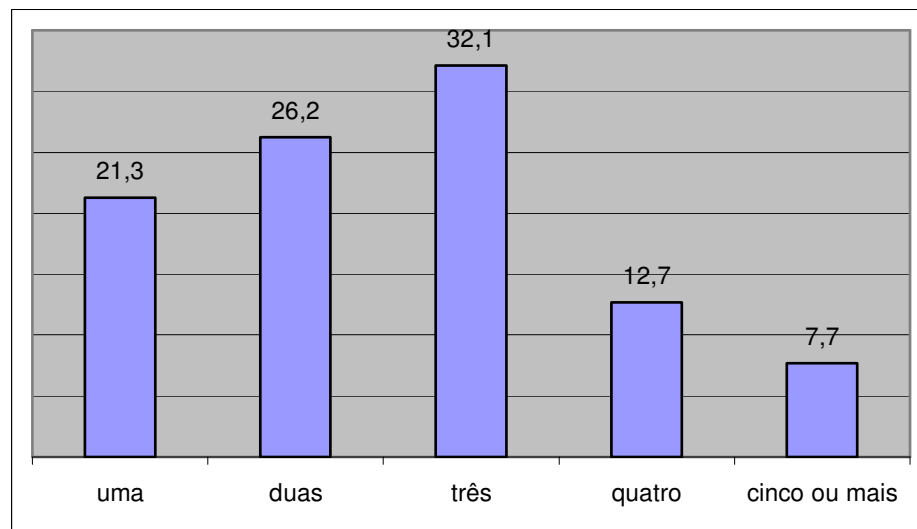


Gráfico 5 – Além de você quantas pessoas residem na sua casa?

Fonte: Pesquisa aplicada.

A pesquisa apresenta um perfil do ensino superior noturno, diferente em linhas gerais do descrito, geralmente pelos professores, e já desmistificado, também, em outros estudos como Sposito (1989) e Furlani (1998). Os alunos do ensino superior noturno são ainda normalmente vistos pelos professores com as seguintes características que os diferenciam do grupo que frequenta o turno diurno: possuem experiências deficientes antes do ingresso no ensino superior (o aluno do diurno tem mais “capacidade”, frequentou melhores colégios, não interrompeu os estudos); ingressaram precocemente no mercado de trabalho, antes da conclusão da vida escolar. Quanto à faixa etária, alunos do diurno são mais novos; os do noturno têm família estabelecida, sendo casados e com filhos. Em compensação, acredita-se que alunos do noturno têm mais maturidade, maior interesse e experiência e os do diurno, são mais classificados como imaturos e irresponsáveis.

Alguns preconceitos podem ser desfeitos: O perfil aponta para alunos jovens, 69,8%%, na faixa de 17 a 25 anos. Quanto ao estado civil, a maioria é solteira (73,6%) e mora com pai ou mãe (66,2%). Dessa forma, os alunos do noturno não são bem mais velhos e nem têm maior probabilidade de serem casados e com filhos.

O gráfico 6 traz a informação referente ao local de moradia do acadêmico. Observa-se a predominância das cidades vizinhas, Gramado e Canela, sendo 11% mais acadêmicos de Gramado e um percentual de menos de 10% de outras cidades, com destaque para Nova Petrópolis e São Francisco, as duas cidades que, junto com Gramado e Canela,

formam a Região das Hortênsias. O percentual de outras cidades foi de 1,3%, sendo citadas as cidades de Três Coroas e Porto Alegre.

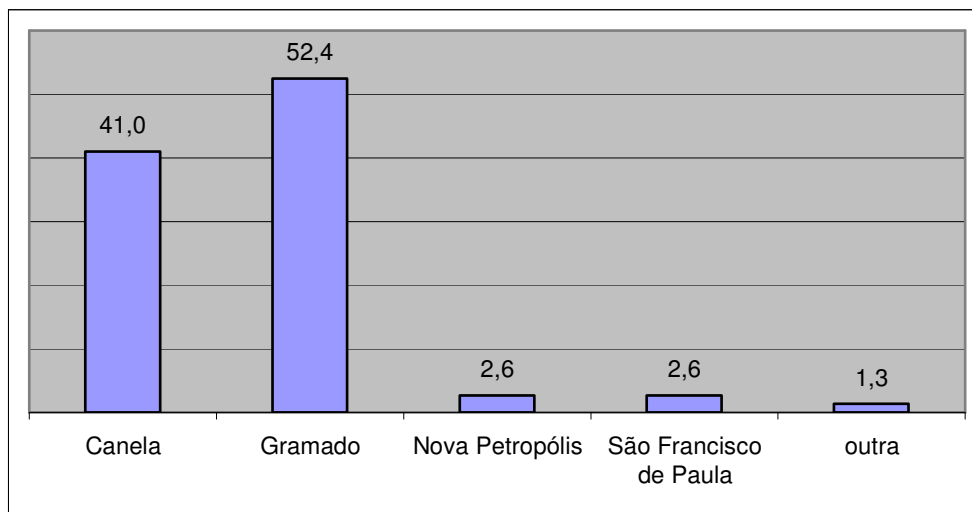


Gráfico 6 – Cidade em que reside

Fonte: Pesquisa aplicada.

O anexo B traz informações de um estudo realizado pelo Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional sobre a região do NUCAN. O estudo apresenta um mapeamento das cidades de origem dos alunos do NUCAN, com os seus indicadores econômicos e sociais, que corroboram as informações levantadas neste estudo. É importante ressaltar que o estudo é dos alunos da Unidade como um todo, não apenas Administração, mas observa-se também o predomínio de alunos de Gramado e de Canela. Outro dado relevante, quanto ao perfil socioeconômico, é a renda per capita, sendo que a de Canela é de R\$ 609,00, uma das mais baixas da região e Gramado R\$ 1.013,00.

A questão 9 do questionário buscou informações sobre onde nasceu o acadêmico. Observou-se que 95 deles nasceram em Gramado; 43, Canela; 16, Porto Alegre; 8, São Francisco de Paula; 2, Nova Petrópolis, e os demais são de várias cidades do Rio Grande do Sul, assim como de outros estados como Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rondônia. Os dados mostram a atratividade da região, que recebe migrantes de vários estados brasileiros em busca de melhores condições de vida.

O gráfico 7 traz as informações referente à propriedade da casa ou apartamento onde moram, trazendo dados do capital econômico, revelando que grande maioria (77,8%) possui casa própria.

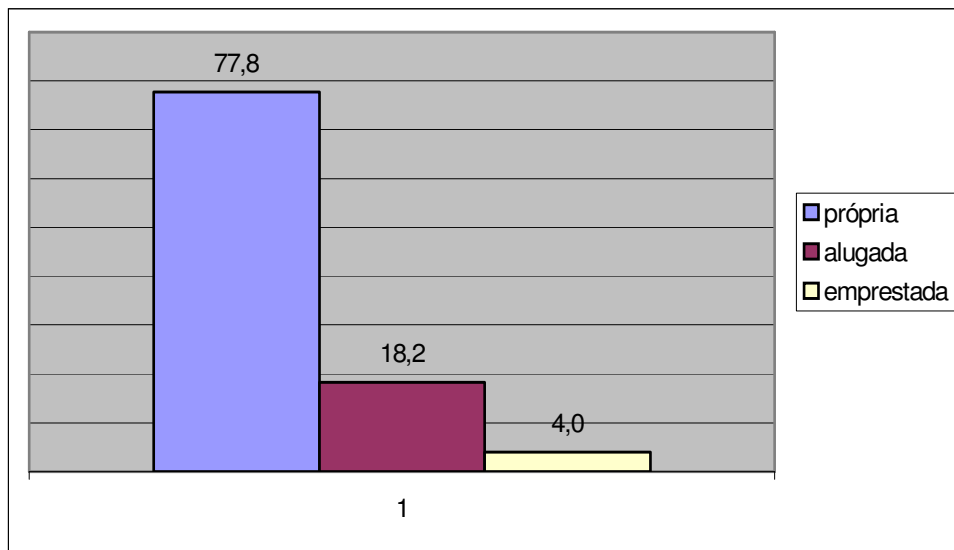


Gráfico 7 – A casa ou apartamento onde você mora é?

Fonte: Pesquisa aplicada.

Há modelos de estratificação social que têm, como um dos critérios, características da moradia, contemplando número de cômodos, se a casa é própria ou alugada; se alugada, quanto é pago de aluguel, cujo resultado traduz a classificação em escalas e pesos. Neste estudo, entretanto, não foi este o objetivo – de estratificação social –, mas sim de conhecer a realidade dos acadêmicos, e constatou-se que a grande maioria tem casa própria, mas moram com os pais. Morar com os pais e familiares confere a esse público um conceito de juventude, como categoria sociológica, que indica o processo de preparação dos indivíduos para assumir o papel de adultos na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, compreendendo a idade de 15 a 24 anos. Pela pesquisa aplicada, percebeu-se que a maioria dos acadêmicos está na faixa de 17 a 25 anos e, pelos indicadores institucionais do curso, apresentados no capítulo 1, a faixa média de idade é 23 e 24 anos. Apesar das diferenças dos dados, sabe-se que as transições e as biografias estandardizadas, como concluir os estudos, começar a trabalhar, casar-se ou ter filhos, não são lineares e os limites se diluem não deixando claro onde começa e onde termina a juventude e inicia a fase adulta (STECANELA & FERRERA, 2007). A trajetória desses acadêmicos exemplifica a não-linearidade das biografias, visto que o trabalho inseriu-se na vida desses sujeitos muito antes da conclusão dos seus estudos.

O gráfico 8 traz informações quanto à paternidade e à maternidade do acadêmico, isto é, se ele tem filhos. Observa-se que a grande maioria (88,5%) não possui filhos. A outra questão versa sobre o número de filhos e, em sintonia com o novo perfil da família brasileira,

com núcleos familiares menores e pela própria faixa etária do grupo, o resultado foi: entre os acadêmicos que têm filhos (11,5%), apenas um acadêmico tem três filhos e outro tem quatro, sendo que a grande maioria dos que tem filhos possui apenas um.

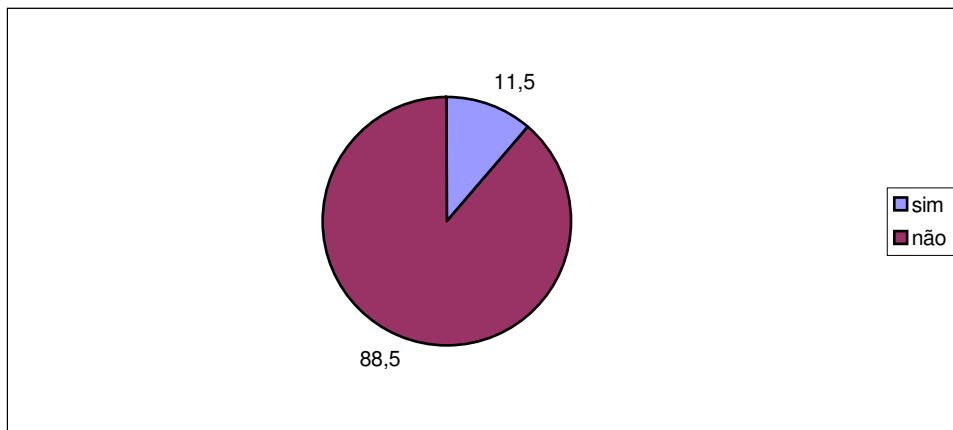


Gráfico 8 – Você tem filhos?

Fonte: Pesquisa aplicada.

O gráfico 9 apresenta que a grande maioria (81,6%) dos acadêmicos não é o chefe da família, ou seja, não é principal responsável pelo sustento de sua casa.

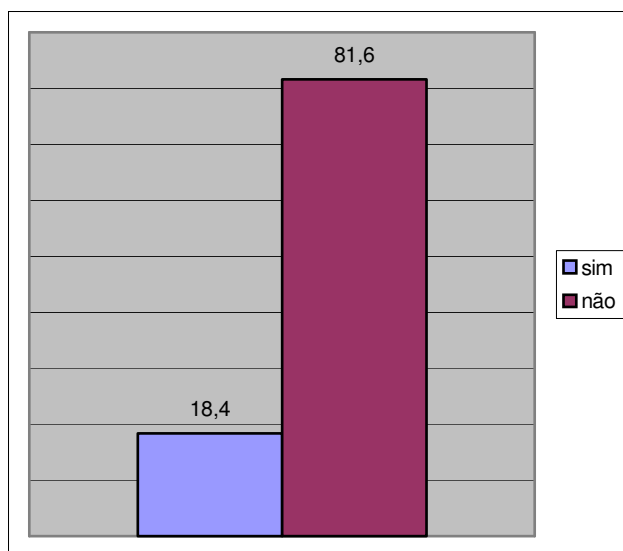


Gráfico 9 – É o chefe da família, principal responsável pelo sustento da família?

Fonte: Pesquisa aplicada.

O acadêmico não é o principal responsável pelo sustento da família, mas a maioria (54,6%) utiliza a sua renda mensal/anual para sustento próprio, conforme apresentado no gráfico 10. Em segundo lugar, a utilização da renda é para a educação e lazer. Acredita-se que, em torno de 90% dos acadêmicos é responsável pelo pagamento da mensalidade da Universidade, somando os que utilizam a renda para sustento próprio e para a educação.

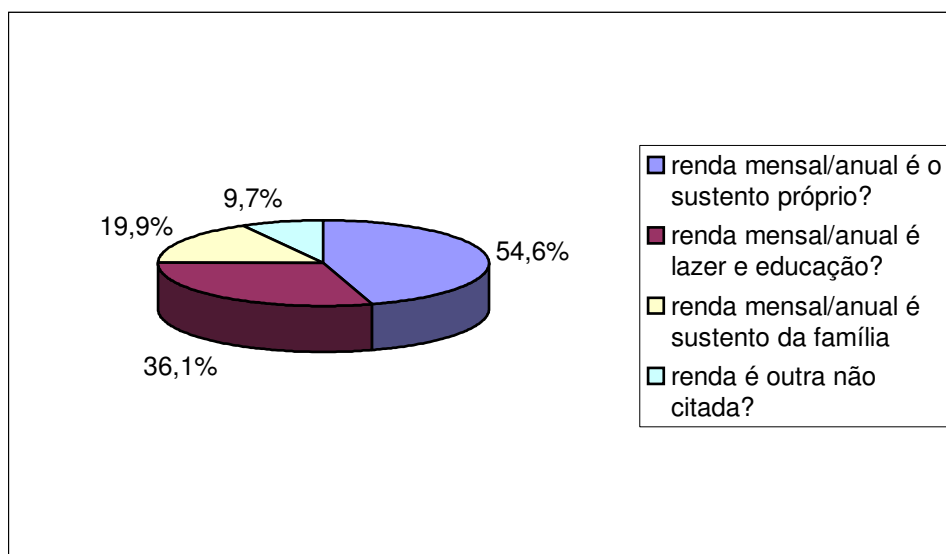


Gráfico 10 – Utilização da renda mensal/anual

Fonte: Pesquisa aplicada.

Para Bourdieu (1998), o espaço social é hierarquizado pela desigual distribuição dos capitais. Em um primeiro momento, pode-se achar que a noção de capital está ligada à abordagem econômica. O capital tem propriedades, tais como acumular-se por meio de investimentos; transmitir-se por herança a qual permite extrair lucros, conforme as oportunidades que o seu detentor tiver de investir, fazer aplicações mais rentáveis. Para Bourdieu (1998) é possível distinguir quatro tipos de capitais: econômico, cultural, social e simbólico. O capital econômico é constituído pelos diferentes fatores de produção (terra, fábricas, trabalho) e pelo conjunto dos bens econômicos, tais como renda, patrimônio e bens materiais.



Expressando capital econômico, os gráficos 11 e 12, apresentam, respectivamente, a renda individual e familiar, o que se concluiu estar na classificação da classe média<sup>7</sup>. Outro aspecto a destacar é que a maioria (55,9%) dos acadêmicos tem cartão de crédito.

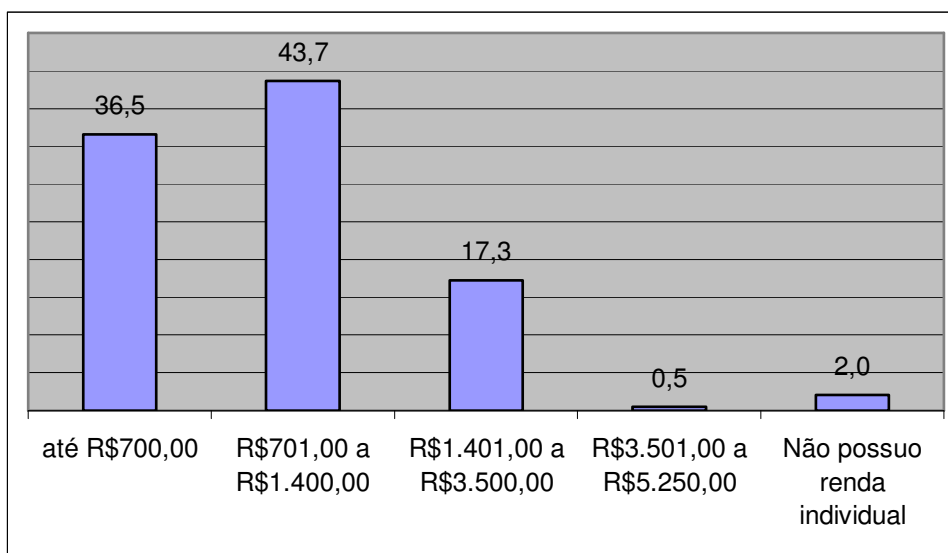


Gráfico 11 – Renda individual

Fonte: Pesquisa aplicada.

A renda familiar predominante (45,9%) corresponde à da faixa de rendimento monetário médio mensal familiar (IBGE, 2003), que no Brasil situava-se em R\$ 1.789,66 e no Rio Grande do Sul, de R\$ 1.946,30, o que indica um predomínio de média classe média e baixa classe média, conforme classificação do pesquisador Waldir Campos<sup>8</sup> (UNICAMP). Marcelo Neri, economista e autor do estudo publicado pela FGV<sup>9</sup>, em agosto de 2008, optou por classificar a classe média aos domicílios com renda total entre R\$1.064,00 e R\$ 4.591,00, confirmando o predomínio da classe média (Folha de São Paulo, 10/8/08). A definição de classe média pode ser considerada arbitrária, e não existe definição oficial nem consensual, dependendo de outros fatores e critérios, tais como estrutura ocupacional e formação

<sup>7</sup> Oliven (1986) apresenta dois elementos principais no entendimento da definição de classe média: o lugar que ocupa das relações de produção e a fração de mais-valia, que é atribuída a este grupo pelos capitalistas. Enfim, as classes são estratificadas a partir de suas relações com a produção, refletindo o poder aquisitivo dos indivíduos.

<sup>8</sup> Em sua metodologia, o pesquisador da Unicamp divide a classe média em três níveis de renda: alta classe média (renda familiar acima de R\$ 5.000), média classe média (de R\$ 2.500 a R\$ 5.000) e baixa classe média (de R\$ 1.000 a R\$ 2.500); abaixo estão a massa trabalhadora (renda familiar de R\$ 500 a R\$ 1.000), os pobres (menos de R\$ 500) e os indigentes (Jornal da Unicamp, maio de 2004).

<sup>9</sup> Pela FGV a classe A e B, mais de R\$ 4.591; C (média) de R\$ 1.064 a R\$4.591; D (remediado) de R\$ 768 a R\$ 1.064, e E (miserável) até R\$ 768,00.

educacional, que vão além da hierarquização da sociedade somente por estratos de rendimento (QUADROS, 2008).

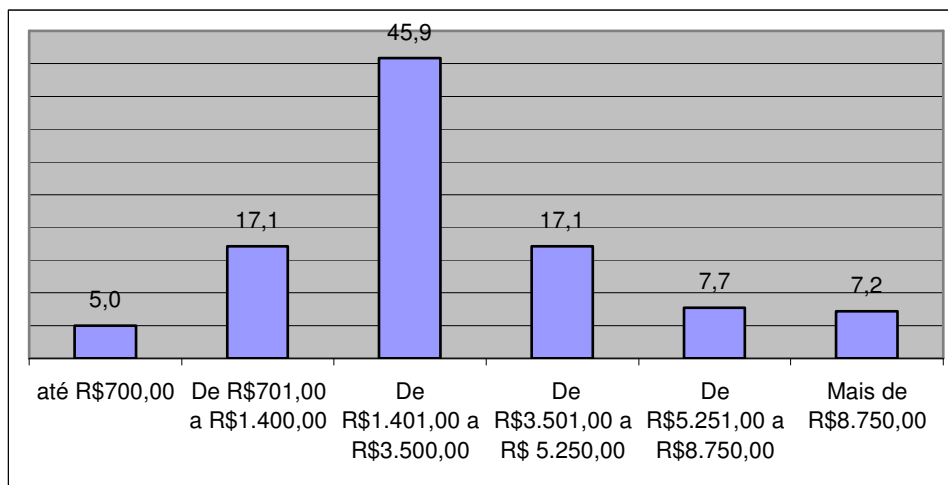


Gráfico 12 – Renda familiar

Fonte: Pesquisa aplicada.

### 3.2 Origem familiar

Nesta seção busca-se analisar a origem familiar dos respondentes. As experiências vividas no seio de uma determinada família são de fundamental importância para a estruturação do *habitus* de um agente social. Esse *habitus* poderá, posteriormente, sofrer reestruturação em função de experiências que vão sendo acumuladas por um agente ao longo de sua trajetória, mas de certa maneira, suas formas posteriores serão sempre variantes estruturais daquela desenvolvida por ação da socialização primária (BOURDIEU,1998). Enquanto um sistema de disposições duráveis, o *habitus* está associado não apenas à geração de práticas reguladas e regulares, como também a certa configuração de atitudes e um padrão de gostos que traz conseqüências importantes para a maneira como a pessoa se posiciona no mundo.

Tabela 4 – Escolaridade pai e mãe

Escolaridade	Pai	Mãe
Analfabeto	2,3	0,9
Primeiro grau incompleto (Ensino Fundamental)	42,1	37,0
Primeiro grau completo (Ensino Fundamental)	14,9	12,8

Segundo grau incompleto (Ensino Médio)	6,8	7,9
Segundo grau completo (Ensino Médio)	16,7	24,2
Ensino superior incompleto	7,7	9,3
Ensino superior completo	5,9	6,6
Pós-graduação	3,6	1,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

Na tabela 3, que apresenta a escolaridade dos pais, pode-se observar o grande percentual de pais com apenas primeiro grau incompleto (pai 42,1% e mãe 37%) e uma minoria (menos de 10%) com ensino superior completo. O grau de instrução do chefe da família é usado como indicador do critério Brasil<sup>10</sup>, sendo considerado na pontuação: zero para analfabeto ou até a 3ª série do Ensino fundamental; 1 ponto até a 4ª série do Ensino Fundamental, 2 pontos ao Fundamental completo; 4 pontos ao Ensino Médio completo e 8 pontos para o Superior completo. Observa-se uma maior escolarização das mães e 66,1% contra a dos pais, com escolaridade até segundo grau incompleto. Esses dados são importantes para compreendermos o capital escolar e cultural da família dos acadêmicos: para muitos, a escolaridade superior representa ascensão cultural e mobilidade social, em relação à sua origem.

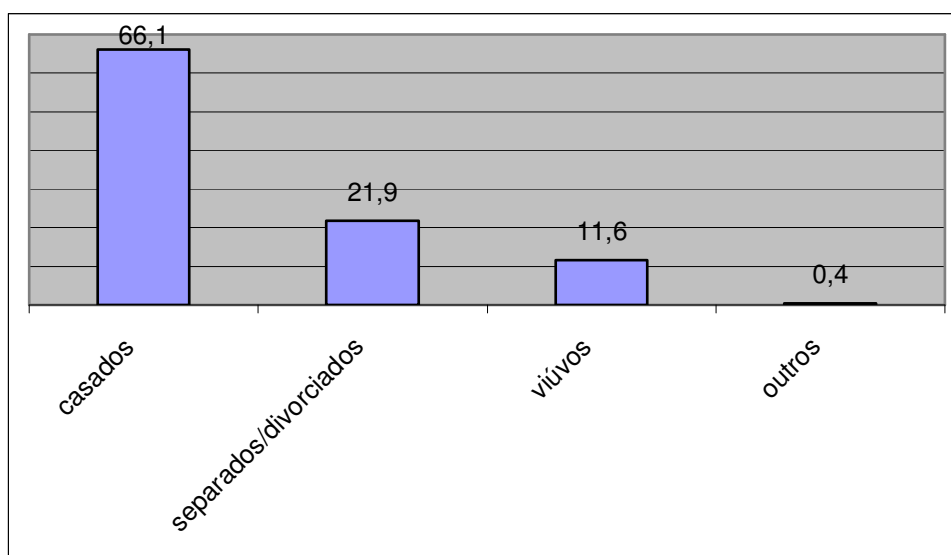


Gráfico 13 – Estado civil dos pais

Fonte: Pesquisa aplicada.

<sup>10</sup> Este critério é usado pela Associação Brasileira de Pesquisa para definição de classes econômicas, apresentando uma tabela de pontos relacionados à quantidade de bens em cada domicílio e a escolaridade do chefe de família. A partir dessas informações, as classes são divididas em oito grupos: A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E. Esse critério tem como objetivo diferenciar as pessoas conforme o seu poder de consumo, destaca o presidente Waldyr Pili (Folha de São Paulo, 10/8/08).

Os pais de grande parte dos respondentes são casados (66,1%), conforme gráfico 13, mas há também um número significativo de pais separados ou divorciados (21,9%) e um número menor de viúvos (11,6%). Outro aspecto é que 90,7% dos respondentes têm irmãos.

Quanto à profissão dos pais, houve uma dispersão em termos de opções com destaque a empresários e administradores (36 respondentes), comerciantes (19 respondentes), corretores de imóveis (5 respondentes) e profissões liberais como advogados, médicos, arquitetos, engenheiros entre outras. No grupo foram pontuadas como atividade paterna: aposentados (36 respondentes) e profissões como agricultores (10 respondentes), entre outras opções isoladas, tais como padeiro, músico, pintor, tabelião, cabeleireiro e confeitiro. Enfim, corrobora o perfil de cidades turísticas com pequenas empresas e setores da economia que giram em torno deste segmento.

Já quanto à profissão das mães, também houve dispersão, com destaque a atividade do lar (74 respondentes), comerciantes (18 respondentes), empresárias (21 respondentes), aposentadas (30 respondentes), costureiras (11 respondentes), professoras (10 respondentes), diaristas e babás (5 respondentes), e um pequeno número de médicas (2 respondentes) e dentista (1 respondentes) que são profissionais liberais com formação de nível superior e outros profissionais como artesã, sapateira. Esses dados, referentes à situação ocupacional, confirmam as informações quanto à escolaridade e caracterizam o perfil de média classe média e média baixa, com ocupações de trabalhadores assalariados, trabalho autônomo e pequeno negócio familiar (QUADROS, 2008).

Com relação à religião, constatou-se que grande parte dos respondentes afirmaram que os pais são católicos (205 respondentes), a uma minoria protestantes (17 respondentes) e espírita (5 respondentes) e, um número muito baixo (3) que não são adeptos de nenhuma religião e apenas um umbandista. Pode-se considerar uma normalidade o conservadorismo quanto à opção religiosa.

### **3.3 Vivências socioculturais**

Nesta seção, apresentam-se as informações coletadas junto aos acadêmicos, referente a alguns hábitos de interação social, “baladas”, viagens curtas ou longas, associação a clubes recreativos e sociais, práticas esportivas. Apresentam-se, ao mesmo tempo, no final

deste item, algumas práticas de hábitos de consumo cultural, tais como ir ao cinema, teatro e shows musicais.

Um dos aspectos analisados foi à frequência a “baladas” ou a festas. A expressão *sair para balada* é comumente usada pelos respondentes e utilizada no questionário. A “balada” constitui um conjunto diferenciado de atividades que giram em torno de uma idéia comum: sair à noite para boates, festas e bares. Um dos aspectos que surpreendeu foi o número de respondentes que afirmaram não ter o hábito de sair (36,6%), conforme demonstrado no gráfico 14. Pode-se verificar que a maioria dos acadêmicos não sai todas as semanas, pois o percentual que sai uma vez ou mais é apenas de 20,3%. Há várias questões a serem observadas e investigadas nessa frequência à “balada”, que podem ser sua renda individual, os dias de trabalho (jornadas nos finais de semana) e o próprio *habitus*.

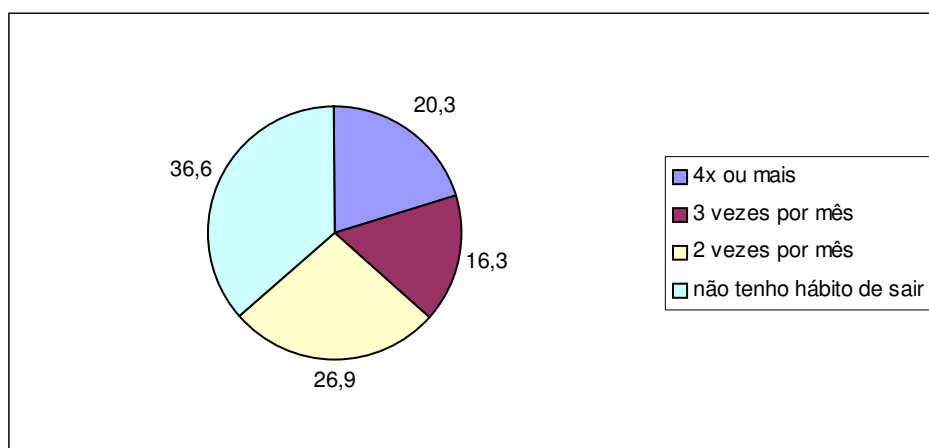


Gráfico 14 – Saídas mensais para balada (festas/boates/bares)

Fonte: Pesquisa aplicada.

Além das “baladas”, investigou-se também alguns hábitos relativos às viagens, as quais se acredita ser prática importante na solidificação de laços de amizade, construção de redes de relacionamento e vivência cultural. Foram investigados dois eixos: a frequência de viagens de curta duração (de um a três dias) e as viagens de duração mais longa (a partir de cinco dias), que costumam acontecer em períodos de férias escolares.

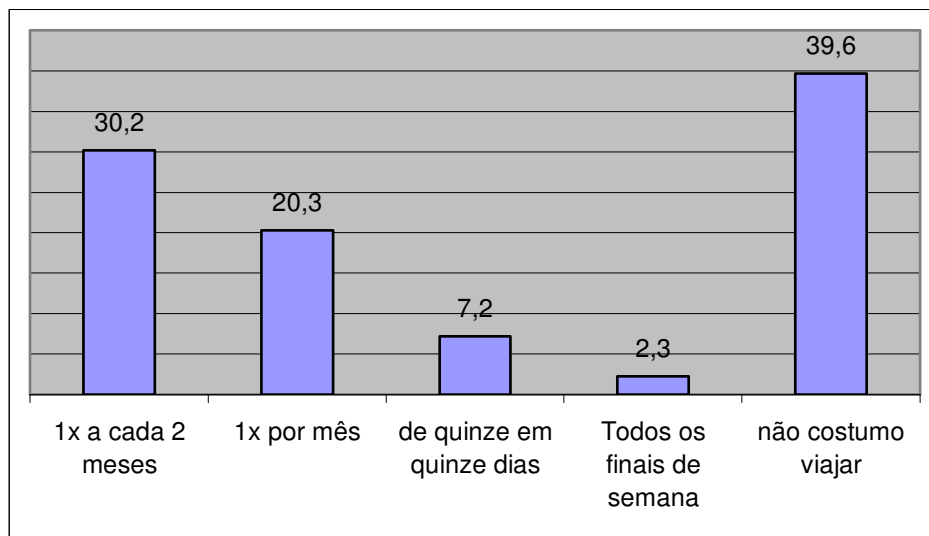


Gráfico 15 – Freqüência que realiza viagens de curta duração

Fonte: Pesquisa aplicada.

Novamente, surpreendeu o alto percentual de acadêmicos que não costumam viajar (39,6%). Em contrapartida, 50% dos acadêmicos realizam viagens uma vez a cada mês ou uma vez a cada dois meses. Quanto às viagens de longa duração, 53,5% dos acadêmicos respondentes disseram que as realizam uma vez por ano.

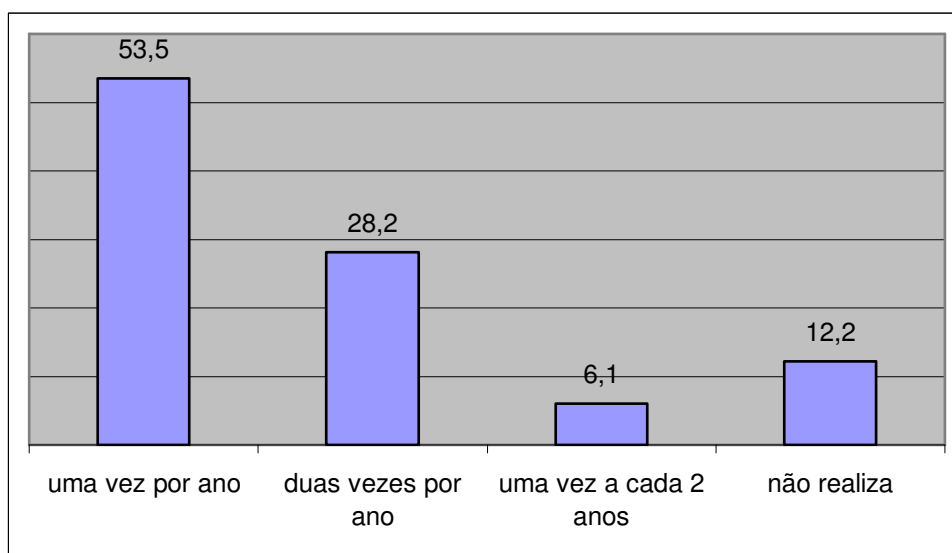


Gráfico 16 – Freqüência que realiza viagens de longa duração

Fonte: Pesquisa aplicada.

Os destinos mais comuns das viagens curtas são o Litoral (56,8%), Porto Alegre (31,9%) e interior do Estado (27%). As razões apontadas para o fato de serem esses os destinos mais freqüentes das viagens curtas foram: lazer (64,6%), família (28%) e

amigos/namorado (16,9%). Ao mesmo tempo, os destinos para as viagens longas foram muito variados, desde à casa dos pais, Porto Alegre, Litoral, outros Estados (como Santa Catarina e Rio de Janeiro), Nordeste, como para o exterior. É interessante observar que as viagens curtas são realizadas 52,4% com namorado(a) amigos e 49,2% com familiares, enquanto que a última viagem longa foi realizada com familiares, 48,6%.

Buscaram-se informações também referentes a aspectos do cotidiano e das relações dos acadêmicos, desde o uso e acesso a equipamentos eletrônicos, como a relação com animal de estimação, associação a clubes e a prática a atividades esportivas.

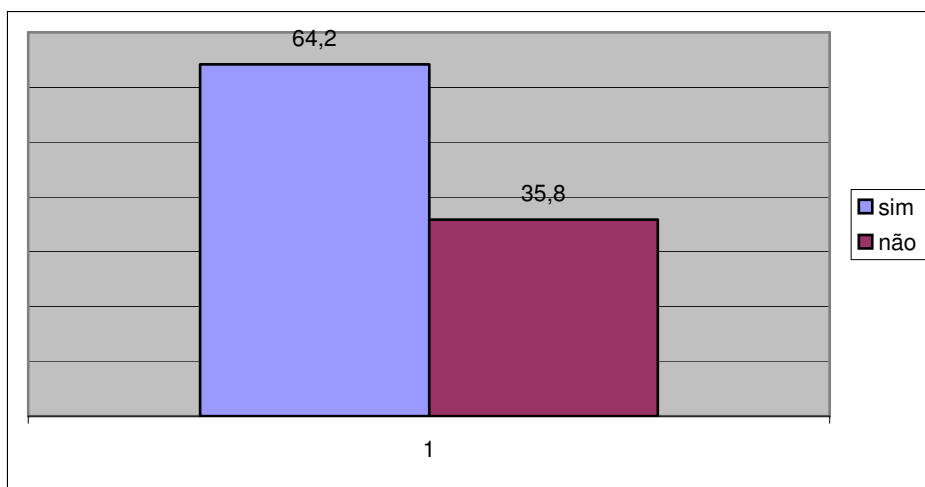


Gráfico 17 – Você tem animal de estimação?

Fonte: Pesquisa aplicada.

Quanto a animal de estimação, 64,2% dos acadêmicos afirmam ter um, sendo que 83,2% têm cachorro como animal de estimação; 28,7%, gato e 14% outros animais, dentre eles cavalo, papagaio, peixe, ganso, tartaruga, canário e coelho.

Tabela 5 – Renda familiar x Média de equipamentos eletroeletrônicos I

A sua renda familiar	Teve em cores	Rádio	DVD	Vídeo cassete	Home Theater	Notebook/laptop	Computador de mesa	Palm Top/ Hand Held	Câmera Digital
Até R\$700,00	1,89	2,11	1,00	1,00			1,00		1,00
De R\$701,00 a R\$1.400,00	2,19	1,84	1,20	1,05	1,00	1,00	1,05	1,00	1,13
De R\$1.401,00 a R\$3.500,00	2,72	2,34	1,38	1,12	1,00	1,15	1,09	1,00	1,17
De R\$3.501,00 a R\$ 5.250,00	3,42	2,24	1,40	1,10	1,25	1,08	1,12	1,00	1,29
De R\$5.251,00 a R\$8.750,00	3,71	2,69	1,77	1,10	1,00	1,00	1,42		1,00

Mais de R\$8.750,00	3,83	2,85	1,77	1,44	1,00	1,18	1,27	1,50	1,69
---------------------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Fonte: Pesquisa aplicada.

Com relação ao número de aparelhos eletroeletrônicos existente na moradia dos acadêmicos, chama a atenção o acesso a esses equipamentos como, por exemplo, nas famílias com renda mais baixa, conforme se apresenta nas Tabelas 4 e 5, observando-se a popularização e a facilidade de acesso a esses recursos. Mesmo em famílias com renda declarada pelo respondente de até R\$ 700,00, há um computador de mesa, em média, por residência.

Nas tabelas 4 e 5, observa-se o acesso aos equipamentos eletrônicos, relativamente homogêneo, independentemente da renda familiar, com exceção, de uma ascensão contínua e visível no caso da tevê em cores, automóvel e celular. Quanto maior o poder econômico, maior o número de televisores, provavelmente para cada “espaço” da casa, assim como cada membro da família tem o seu celular (quando não dois) e o seu carro. O acesso a esses equipamentos pode ser considerado símbolos de poder e de status,

Tabela 6 – Renda familiar x Média equipamentos eletroeletrônicos II

A sua renda Familiar	Geladeira simples	Geladeira Duplex (com freezer)	Freezer independente	Aspirador de pó	Máquina de lavar roupa	MP3 ou IPOD	Automóvel	Moto	Celular
Até R\$700,00	1,17	1,00	1,25	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	2,33
De R\$701,00 a R\$1.400,00	1,15	1,08	1,10	1,00	1,20	1,00	1,32	1,29	2,32
De R\$1.401,00 a R\$3.500,00	1,10	1,03	1,07	1,04	1,08	1,24	1,66	1,07	3,07
De R\$3.501,00 a R\$ 5.250,00	1,33	1,12	1,06	1,08	1,06	1,31	1,93	1,13	3,06
De R\$5.251,00 a R\$8.750,00	1,27	1,13	1,00	1,18	1,00	1,29	2,07	2,00	3,14
Mais de R\$8.750,00	1,20	1,33	1,31	1,42	1,23	1,50	2,92	1,25	3,85

Fonte: Pesquisa aplicada.

Um aspecto que mobiliza os acadêmicos é o time de futebol. O fato de 94,2 % dos respondentes torcerem por algum time é aspecto que corrobora a dificuldade enfrentada pelos professores para mantê-los em sala de aula em dias de campeonato no horário dos jogos.

Com relação à questão de associação a clubes, verificou-se que um número expressivo de 65,9% dos respondentes não é associado a alguma equipe. Essa informação,



junto com o acesso a aparelhos eletroeletrônicos existentes em cada moradia, o grande número que não costuma sair para balada, apresentado anteriormente, podem apresentar a hipótese de que os agentes pesquisados tenham um estilo de vida bastante centrado em núcleos pequenos e fechados, provavelmente familiares.

Em relação à prática esportiva, 65,9% dos respondentes praticam regularmente atividades físicas, dentre as quais se destacam práticas coletivas como futebol (42,4%) e voleibol (16,7%).

Tabela 7 – Modalidade de prática esportiva

Pratica futebol?	42,4%
Pratica natação?	5,6%
Pratica voleibol?	16,7%
Pratica caminhada?	31,9%
Pratica musculação?	35,4%
Pratica outra modalidade de atividade física	19,4%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Entre as outras modalidades, foram citados tênis, yoga, ciclismo, torneio de laço, dança tradicionalista, surf, *rappel* e arvorismo, basquete e corrida.

Tabela 8 – Frequência atividades culturais

Frequência	Cinema	Teatro	Show de Música	Filme DVD
Semanal	3,2	0,5	5,9	54,4
Quinzenal	5,1	0,5	5,4	22,1
Mensal	19,4	1,5	17,1	9,7
Bimensal	6,5	0,5	13,7	5,1
Semestral	11,1	5,5	15,1	1,8
Raramente	54,8	91,5	42,9	6,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

As viagens, atividades esportivas e culturais podem ser importantes fontes de capitais cultural e social. O capital cultural corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Esse capital pode existir sob três formas: em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (por

exemplo, a facilidade de expressão em público); em estado objetivo como bem cultural (a posse de quadros, de obras); e em estado institucionalizado, isto é, socialmente sancionado por instituições (como títulos acadêmicos). O capital social, no entanto, define-se essencialmente como o conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo. A detenção desse capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade: convites recíprocos, lazer comum.

Quanto às atividades culturais, observa-se que os acadêmicos não têm como hábito o consumo cultural, tais como a freqüência a cinemas, teatros e show de música. Assistir a um filme em DVD – uma atividade provavelmente mais familiar e em pequenos grupos – despontou com uma freqüência maior: 54% fazem dessa atividade um hábito semanal e 22,1% quinzenal. Em segundo lugar, foi explorada a participação em show de música e a ida ao cinema. Os acadêmicos raramente vão ao teatro – 91,5% de respostas negativas – mesmo que a cidade de Canela, onde está o Núcleo Universitário, seja sede do Festival de Bonecos e conhecida pelo Festival de Teatro. A não-freqüência às atividades culturais será uma questão econômica, de acesso, por tomadas de posição (escolhas) ou por disposições incorporadas (*habitus*) que condicionam a não-participação? Quando se cruzaram os resultados acerca da freqüência a atividades culturais e à renda familiar, não se observou grande diferença, por exemplo, na freqüência ao teatro apresentado na tabela 6. Na atividade cultural relacionada à ida ao cinema, observa-se uma variação conforme a renda familiar maior. Um aspecto a destacar é que há cinema em todas as cidades da região, com sessões semanais, entretanto as apresentações teatrais são mais esporádicas.

Tabela 9 – Freqüência ao teatro x renda familiar

		A sua renda familiar			
		De R\$701,00 a R\$1.400,00	De R\$3.501,00 a R\$ 5.250,00	De R\$5.251,00 a R\$8.750,00	Mais de R\$8.750,00
Qual a freqüência que você vai ao teatro?	Semanal	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
	Mensal	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%
	Bimensal	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 7,7%
	Semestral	3 11,5%	4 14,3%	0 0,0%	0 0,0%
	Raramente	23	24	13	12

	88,5%	85,7%	100,0%	92,3%
	26	28	13	13
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Tabela 10 – Frequência ao cinema x renda familiar

	A sua renda familiar				
	De R\$701,00 a R\$1.400,00	De R\$3.501,00 a R\$ 5.250,00	De R\$5.251,00 a R\$8.750,00	Mais de R\$8.750,00	
Qual a frequência que você vai ao cinema?	Semanal	0 0,0%	0 0,0%	1 7,1%	3 23,1%
	Quinzenal	0 0,0%	4 12,9%	1 7,1%	2 15,4%
	Mensal	4 14,8%	10 32,3%	3 21,4%	4 30,8%
	Bimestral	2 7,4%	2 6,5%	2 14,3%	0 0,0%
	Semestral	5 18,5%	7 22,6%	0 0,0%	1 7,7%
	Raramente	16 59,3%	8 25,8%	7 50,0%	3 23,1%
	Total	27 100,0%	31 100,0%	14 100,0%	13 100,0%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Observando-se, na Tabela 11, as horas dedicadas à leitura, chama atenção o alto número de acadêmicos que não tem o hábito diário de leitura (24,6%), com um leve decréscimo nos finais de semana e feriados. Um aspecto identificado é que, nos finais de semana e feriados, os respondentes lêem mais e por mais tempo quando o período, considerado livre, é utilizado para a leitura como lazer.

Tabela 11 – Horas dedicadas à leitura diária e nos finais de semana e feriados

<b>Horas dedicadas à leitura</b>	<b>Diariamente</b>	<b>Nos finais de semana e feriados</b>
Até 30min	44,2	24,2
De 30min a 2h	27,6	36,9
De 2h a 4h	3,0	12,1
Mais de 4h	0,5	6,1
Não tenho hábito de leitura	24,6	20,7
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

Diante de uma questão específica relativa aos hábitos de leitura, salientaram-se as revistas, com 56,8%; os livros, 45%; e a internet, 44,1%. Um aspecto a destacar é que, mesmo sendo o meio mais utilizado para leitura, apenas 27,6% dos respondentes têm assinatura de revista, enquanto que 46,9% lêem semanalmente revistas e 32,1% mensalmente. Quanto às revistas assinadas, destacam-se revistas semanais como *Veja*, *Época*, *IstoÉ*; *Exame*, *Você S.A* (relacionadas à gestão), assim como sobre variados assuntos, tais como *Playboy*, *Bons Fluidos*, *Superinteressante*, *Manequim*, *Capricho*, *Cláudia*. Há também a referência a revistas mais específicas à área da gestão e de atuação profissional, como *HSM Management*, *Indústria Moveleira*, *Gula*, entre outras.

Outro hábito investigado foi quanto à leitura de jornais. Um número expressivo, 88,8%, respondeu que lê, destacando-se 55,6% que o lêem diariamente, enquanto apenas 11,2% disseram que não costumam ler jornais.

A tabela, a seguir, apresenta os assuntos (ou as seções) mais lidos pelos respondentes. Cabe destacar a diversidade de temas de interesse, sobressaindo-se os relativos a divertimentos, economia e esporte; entre os outros citados, destacam-se assuntos internacionais, e também os relacionados à moda e à política.

Tabela 12 – Assuntos mais lidos nos jornais

<b>Seção/Assunto</b>	<b>Percentual</b>
Seção de arte e cultura	44,2%
Classificados	29,8%
Assuntos/seção de esporte	54,0%
Suplemento feminino	28,4%

Suplemento de informática	19,5%
Assuntos/seção divertimento	59,5%
Assuntos/seção automóveis	23,7%
Assuntos/seção economia	59,5%
Assuntos/seção policial	40,9%
Suplemento turismo	28,4%
Outros assuntos/seções	12,1%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Quanto à internet, 100% dos respondentes têm acesso, sendo que, conforme gráfico 18, a grande maioria acessa em casa e no trabalho.

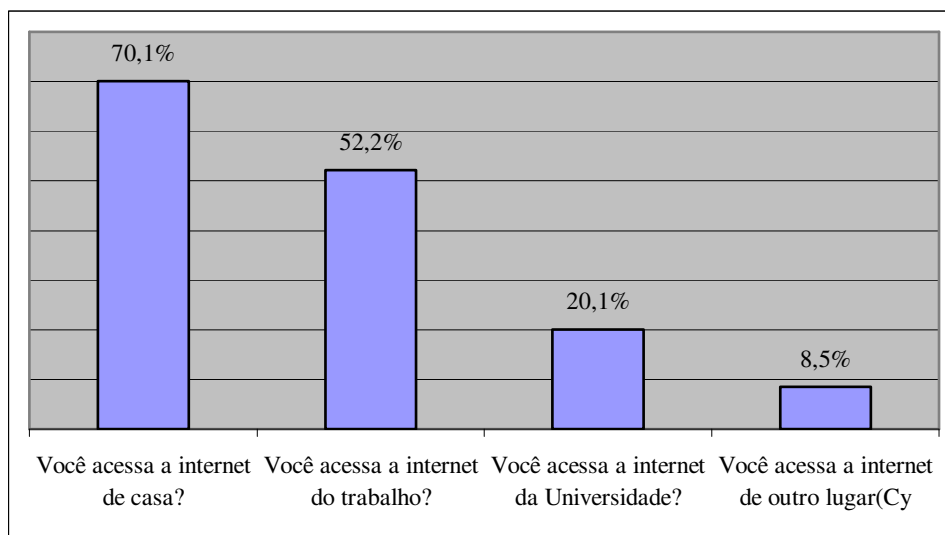


Gráfico 18 – Local de acesso à internet (respostas múltiplas)

Fonte: Pesquisa aplicada.

Ainda é interessante destacar o uso da internet para ler e-mails ou responder a eles (86,5%) e para trabalhos escolares (85,7%)<sup>11</sup>. Esse resultado vai ao encontro da pesquisa realizada pelo IBGE, entre os anos de 2004 e 2005, a qual constatou que, entre os estudantes usuários da internet, a proporção dos que a acessaram para a educação e aprendizado foi de 90,2%.

<sup>11</sup> Pesquisa realizada pelo IBGE (ZH, 24 mar. 2007) destaca que o principal interesse de quem acessa a internet é a educação e o aprendizado (71,7%) e em segundo lugar, vem à comunicação com outras pessoas (68,6%).

Tabela 13 – Finalidades do uso da internet (respostas múltiplas)

<b>Finalidades do uso da internet</b>	
Comunidades	34,1%
E-mails	86,5%
Pesquisa para fins profissionais	28,3%
Compras	26,0%
Mensagens instantâneas ( <i>messenger</i> )	52,5%
Serviços bancários	39,0%
Trabalhos escolares	85,7%
<i>Downloads</i> de <i>software</i> /jogos/mp3	27,8%
Leitura de revistas/jornais	32,3%
Jogos interativos em rede	17,5%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Tabela 14 – Horas de navegação/diariamente/finais de semana e feriados

<b>Horas dedicadas à navegação</b>	<b>Diariamente</b>	<b>Finais de semana e feriados</b>
Até 30min	40,4	18,5
De 30min a 2h	27,2	37,5
De 2h a 4h	12,2	17,0
Mais de 4 horas	16,4	14,0
Não navego na internet	3,8	13,0
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

Na questão relativa ao tempo dedicado à internet e à televisão, constata-se que, durante a semana, 28,6% navegam na internet mais de duas horas por dia, comparados a 13,1% que disseram que assistem a mais de duas horas de televisão por dia; aos finais de semana e feriados, 31% dizem navegar mais de duas horas na internet e o número aumenta para 50% dos que assistem à televisão mais que duas horas por dia. Observa-se assim uma

inversão da concentração de práticas entre os dias da semana e os finais de semana e feriados. Durante a semana, os respondentes afirmam dedicar mais tempo à internet do que à televisão, sendo que se constata um acentuado aumento no final de semana do tempo de permanência em frente à televisão.

Tabela 15 – Horas dedicadas a assistir à televisão diariamente/finais de semana e feriados

<b>Horas dedicadas a assistir à televisão</b>	<b>Diariamente</b>	<b>Nos finais de semana e feriados</b>
Até 30min	33,3%	13,0
De 30min a 2h	41,9%	33,0
De 2h a 4h	9,9%	32,0
Mais de 4h	3,2%	18,0
Não tenho hábito de assistir à televisão	11,7%	4,0
Total	100,0%	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

Quanto ao hábito de assistir à televisão, buscou-se identificar os principais programas. Observa-se, em grande destaque, às notícias (82,9%), aos filmes (78,8%) e aos programas, sendo os mais citados, o programa de Jô Soares, o canal GNT, desenhos, minisséries e música clássica (Tabela 16).

Tabela 16 – Programas preferidos

<b>Programas</b>	
Notícias	82,9%
Novelas	40,1%
Filmes	78,8%
Esporte	48,2%
Documentário	44,1%
Programa de auditório	13,1%

Outro programa	6,3%
----------------	------

Fonte: Pesquisa aplicada.

Dois aspectos no final desta seção foram investigados, dentro de uma perspectiva de padrão e de qualidade de vida, em um comparativo com seus pais e, em contrapartida, a identificação dos cinco principais objetivos/sonhos que gostariam de alcançar. O questionamento era “O seu padrão de vida daqui a dez anos em comparação com o de seus pais será, na sua opinião” para o qual 71,6% dos respondentes disseram que será melhor, 26,7% que será semelhante e 1,8% que será pior. Observa-se uma expectativa extremamente positiva se comparada com a negativa (pior) e neutra (semelhante).

Quanto aos cinco principais objetivos/sonhos a alcançar, chama a atenção a escolha de crescer profissionalmente (75,2%). Esse dado mostra que há um alinhamento com os objetivos do acadêmico, ao ingressar em uma Universidade, de ampliar o capital cultural e econômico; acredita-se que crescer profissionalmente englobe esses dois tipos de capital.

Tabela 17 – Cinco principais objetivos/sonhos a alcançar

<b>Cinco principais objetivos</b>	<b>Resposta múltipla</b>
Crescer profissionalmente	75,2%
Comprar uma casa ou apartamento	57,5%
Abrir um negócio próprio	47,8%
Ter fluência em outro idioma	44,2%
Ter dinheiro para ajudar as pessoas que amo	40,3%
Fazer uma viagem para fora do Brasil	35,4%
Comprar ou trocar o carro	27,0%
Casar	26,1%
Ter mais tempo para ficar com a família	26,1%
Ter uma vida mais saudável	24,3%
Ter um filho	23,9%
Conhecer alguém legal para relacionar-me afetivamente	18,6%
Estudar fora do Brasil	14,2%
Fazer uma viagem para locais do Brasil	12,8%
Adquirir uma casa na praia ou um sítio	11,5%
Ser voluntário em uma instituição do terceiro setor	9,7%
Ter status (ser reconhecido pela minha posição social)	9,7%
Morar fora do Brasil	8,8%
Mudar de emprego	8,4%
Conseguir um emprego	7,1%
Ter outra profissão	6,2%
Mudar o meu visual	3,5%



Ser famoso	3,1%
Outro	1,3%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Adquirir capital econômico está entre os principais objetivos dos respondentes, afirmação que se confirma pelas respostas dadas: comprar uma casa ou apartamento (57,7%), ter dinheiro para ajudar as pessoas que ama (40,3%), abrir um negócio próprio (47,8%), comprar ou trocar de carro (27%). O alto índice de respostas afirmando que o estudante pretende abrir um negócio próprio, se comparado com o percentual baixo de conseguir um emprego, expressa um dos sonhos da classe média que consiste na idéia de não ser empregado, mas sim dono do seu empreendimento.

Destaca-se, igualmente como objetivo, ter fluência em outro idioma (44,2%), sintonizado com a necessidade de comunicação no mundo globalizado. Neste contexto, existe também a vontade de fazer uma viagem para fora do Brasil (35,4%), mas surpreendeu o baixo percentual de respostas quanto ao desejo de morar fora do Brasil (8,8%); aspectos importantes do capital cultural, mas que se articulam com a origem familiar.

Os objetivos vinculados à família e afetividade ficaram em segunda posição, expressando, acredita-se, a preocupação, neste momento, de crescer profissionalmente, talvez como acesso às demais dimensões da vida e do capital adquirido em sociedade.

### 3.4 Trajetória profissional

Esta seção apresenta a trajetória profissional dos acadêmicos, destacando quando começaram a trabalhar, assim como as atividades realizadas, a quantidade de horas trabalhadas e a percepção dos alunos sobre as oportunidades no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, verificou-se o que consideram importante para o processo de inserção neste mercado.

O gráfico 19 apresenta o percentual de acadêmicos que exercem atividades remuneradas, 96%, caracterizando um público de trabalhadores-estudantes e estudantes-trabalhadores que conciliam as atividades de trabalho e de estudo. Entre os que exercem atividades remuneradas, 86,1% são efetivos e apenas 13,9% são estagiários.

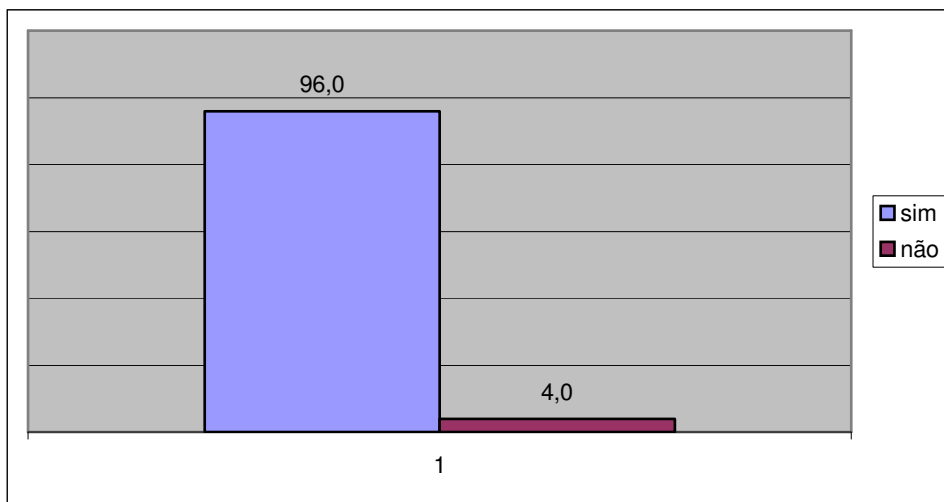


Gráfico 19 – Atividade remunerada

Fonte: Pesquisa aplicada.

A forma pela qual o acadêmico se mantém economicamente, no período de formação universitária, e as relações de dependência geradas para tal situação são baseadas em três categorias propostas por Romanelli (1994): estudante em tempo integral, o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante. Conhecer o acadêmico implica considerar essas diferenças que influenciam o seu cotidiano nas relações estabelecidas entre família x estudo x trabalho.

O estudante em tempo integral é mantido totalmente pela família, podendo dedicar-se somente ao estudo. O projeto e as condições familiares o diferenciam, pois garantem-lhe a escolarização prolongada, sem maiores preocupações.

O estudante-trabalhador ou, literalmente, o estudante que trabalha, continua sendo em parte mantido pela família. O trabalhador-estudante diferencia-se do anterior por não depender financeiramente da família, mas, pelo contrário, colabora para o orçamento doméstico. A família não dispõe de recursos para mantê-lo ou, então, não considera ou prioriza esse investimento na escolarização. Sendo assim, estudar é um projeto que depende unicamente da sua disposição pessoal, de suas aspirações e recursos financeiros, embora, às vezes, venha acompanhado de incentivo da família.

Observa-se que o acadêmico aqui estudado insere-se nas categorias estudante-trabalhador e, principalmente, trabalhador-estudante, para o qual a sua atividade profissional é muito importante, e o estudo, uma contingência, na medida em que pode contribuir (e é a expectativa) para a melhoria das condições de trabalho e de remuneração. O estudante-trabalhador, estagiário ou efetivo não tem um envolvimento tão significativo com o seu

emprego ou atividade, pois o considera provisório, tendo em vista que o futuro profissional seria planejado a partir da qualificação obtida na Universidade

Essas diferenças em graus de envolvimento do estudante com o estudo e com o trabalho, propostas por Romanelli (1994), são reflexões iniciais, que não podem ser generalizadas e afirmadas categoricamente que o estudante-trabalhador esteja ancorado no estudo e que o trabalhador-estudante tenha como âncora o trabalho. Pode-se, sem dúvida, afirmar que o trabalho é parte constitutiva da caracterização e da identidade desses acadêmicos do ensino superior noturno.

Quanto ao segmento de atuação, o grande destaque ficou para serviços (42%), seguido pelo comércio (29,2%). Os segmentos consultoria e outros ficaram com 13,2% e destaca-se o reduzido número de acadêmicos que atua na indústria (2,4%). No item “outros”, observou-se dificuldade de se classificarem os segmentos, sendo citados pelos acadêmicos, turismo, hotelaria, construção civil, saúde, “bicos” ou vendas.

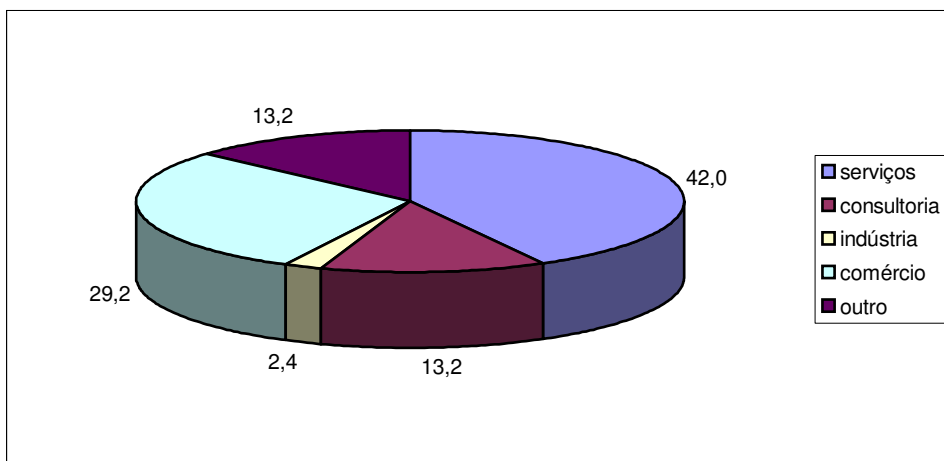


Gráfico 20 – Segmento de atuação

Fonte: Pesquisa aplicada.

Observou-se, conforme a tabela 18, um leve destaque para a função de analista, assistente e auxiliar (27,2%), função que parece ser condizente com a faixa etária dos acadêmicos e a situação de estarem em início de carreira. Pode-se constatar um percentual de 11,3% de filhos do sócio ou do proprietário da empresa, assim como 10,3 % sendo os proprietários ou os sócios. Nesta questão, alguns acadêmicos também encontraram dificuldade de classificação (11,3%), destacando como outros, professora, corretora, secretária, representante comercial, vendedora, por exemplo.

Tabela 18 – Nível do cargo

<b>Nível do Cargo</b>	
Estagiário	12,7
<i>Trainee</i>	2,3
Analista/assistente/auxiliar	27,2
Supervisão/coordenação	9,9
Presidência/vice-presidência	0,5
Filho do sócio ou proprietário	11,3
Consultor/assessor	3,8
Gerência Jr.	2,3
Gerência média	8,0
Direção/superintendência	0,5
Proprietário/sócio	10,3
Outro	11,3
Total	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

Dois aspectos apresentados a seguir, carga horária de trabalho semanal (gráfico 21) e idade em que começou a trabalhar (Tabela 19) corroboram a característica de acadêmico trabalhador. O número de 40 horas semanais trabalhadas, ou mais, despontou como a grande maioria (83,4%) e sinaliza para uma realidade com a qual a Universidade disputa espaço – o tempo excessivo de trabalho presente na agenda dos acadêmicos.

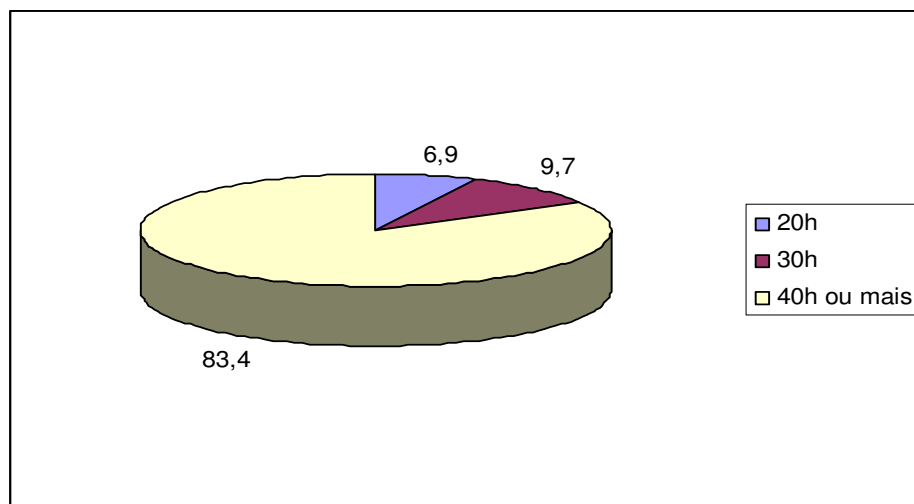


Gráfico 21 – Carga horária semanal de trabalho

Fonte: Pesquisa aplicada.

Essa extensa jornada de trabalho (40 horas ou mais) exige do acadêmico uma gestão do tempo, uma adequação do tempo individual ao tempo institucional para o cumprimento das responsabilidades. A tabela 19 mostra que este acadêmico aprendeu, vem administrando e conciliando trabalho e estudo desde a adolescência, pois o percentual de acadêmicos que começaram a trabalhar antes dos 16 anos é alto, 58,1%, e, se somado aos que começaram a trabalhar entre 16 e 18 anos (27,6%), atinge-se um percentual de 85,6% dos acadêmicos que começaram a trabalhar antes dos 18 anos.

Tabela 19 – Ingresso no mercado de trabalho

Idade que começou a trabalhar	
Antes dos 16 anos	58,1
Entre 16 e 18 anos	27,5
Entre 18 e 20 anos	11,3
Entre 20 e 22 anos	2,7
Com mais de 22 anos	0,5
Total	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

Um aspecto interessante identificado, na Tabela 20, que traz à discussão o papel do capital social, evidencia as indicações para as oportunidades de emprego que somam 66,9%, considerando indicações de familiares e amigos de familiares. Surpreendeu a baixa participação da Universidade neste espaço de inserção e de oportunidades ao mercado de trabalho.

Tabela 20 – Oportunidades no mercado de trabalho

<b>Como surgiram as oportunidades no mercado de trabalho?</b>	
Anúncio em jornais	12,8
Anúncios em murais da Universidade	0,5
Indicações de colegas de Universidade	2,7
Indicações de outros colegas	12,8
Indicações de familiares	34,8
Indicações de amigos de familiares	32,1
Indicações de professores da própria Universidade	1,1
Outro	3,2
Total	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

O predomínio das indicações de familiares, amigos de familiares, de outros colegas mostra a importância do capital social. Bourdieu (1999) destaca que a cumplicidade de classe de estudantes provenientes da mesma origem social, ou dos mesmos estratos, funda-se em critérios personalistas que se convertem em poderoso instrumento de acesso a empregos. Aspecto também pontuado por Da Matta (1985) como prática comum na vida brasileira, e como não poderia deixar de ser, presente em cidades do interior. Estes resultados parecem colocar em segundo plano a competência do candidato, privilegiando a origem social e indicações. A Universidade tem um papel muito “tímido”, quase insignificante neste contexto de ser um local de procura por candidatos, diante do papel das relações sociais já estabelecidas. Observam-se iniciativas isoladas da comunidade empresarial em ir ao encontro da Universidade para buscar profissionais qualificados, pois são poucos os empresários que contatam gestores acadêmicos, solicitando indicações de estudantes para determinadas vagas mais difíceis de preencher, por exigirem maior qualificação.

A tabela 21 apresenta a mediana<sup>12</sup> para os níveis de importância, pois o questionário solicitava uma escala ordinária, referente ao que se considerava mais importante no processo de busca por uma posição no mercado de trabalho (Apêndice A, questão 70).

Tabela 21 – Mediana para os níveis de importância

		Características pessoais	Desenvolvimento de competências técnicas	Estar na Universidade	Experiência	Domínio de idiomas	Conhecimento de informática
Total	Mediana	3,00	3,00	5,00	3,00	6,00	5,00
	Mediana Agrupada	3,00	3,08	4,76	3,02	5,62	5,01

Fonte: Pesquisa aplicada.

Quanto mais altas as medianas, mais importante o indicador. Observa-se, assim, a importância dada ao processo de busca por uma posição no mercado de trabalho para o domínio de idiomas em primeiro lugar, estar na Universidade e conhecimento de informática. O estar na Universidade, valor capital como credencial de acesso ao mercado de trabalho, assim como o domínio de códigos e ferramentas, como idiomas e informática.

### 3.5 Escolaridade

Esta seção apresenta a escolaridade dos respondentes. Procura identificar, a partir da escolaridade do acadêmico, algumas características do seu capital cultural e social.

Na trajetória escolar buscam-se informações sobre as escolas que estudaram, se públicas ou particulares; se cursaram o Ensino Médio noturno ou diurno; se dominam idiomas; e experiência de estudarem em outras Universidades e, também, em outros países.

O gráfico 22 apresenta que, a maioria dos respondentes cursou os Ensinos Fundamental e Médio em escolas públicas (52,9%) e 16% apenas cursaram em escolas

<sup>12</sup> *Mediana* é uma medida de tendência central, um número que caracteriza as observações de uma determinada variável de tal forma que este número (a mediana) de um grupo de dados ordenados separa a metade inferior da amostra, população ou probabilidade de distribuição, da metade superior. Mais concretamente, 1/2 da população terá valores inferiores ou iguais à mediana e 1/2 da população terá valores superiores ou iguais à mediana.

particulares. Esse dado confirma a máxima da educação brasileira “aluno de escola pública nos ensinos Fundamental e Médio é aluno de IES particular no ensino superior”.

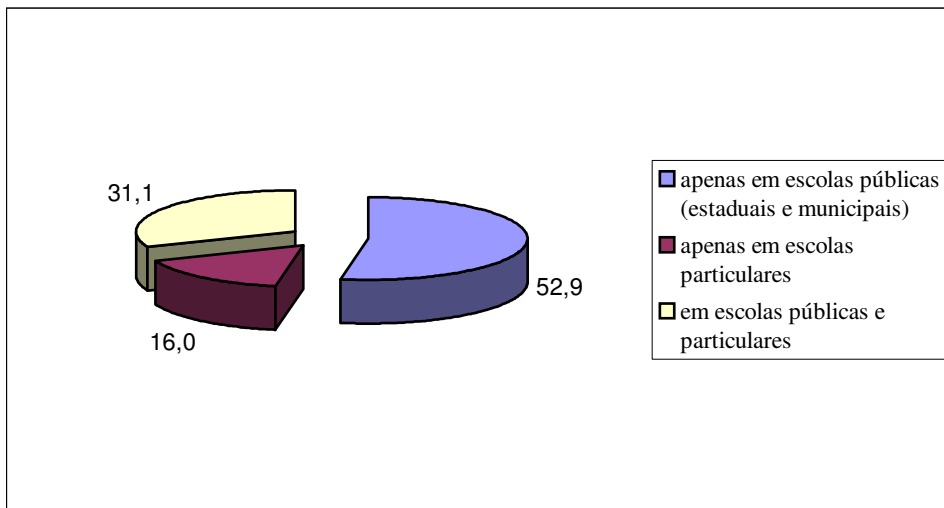


Gráfico 22 – Cursos de ensino fundamental e médio: público x particular

Fonte: Pesquisa aplicada.

Quanto ao turno em que os acadêmicos frequentaram o Ensino Médio, 43,6% das respostas sinalizam o horário noturno, mas 56,4% responderam que cursaram essa etapa no turno diurno. Esses percentuais mostram a inserção precoce no mercado de trabalho apresentada anteriormente, entretanto um bom contingente ainda estudou no horário diurno. Outra questão investigada, quanto à escolaridade, foi a modalidade cursada de Ensino Médio. Conforme Tabela 22, o percentual de acadêmicos que fez supletivo ou Escola de Jovens e Adultos (EJA) foi considerado baixo, totalizando 8,6%. Os respondentes identificaram outros cursos, tais como técnicos, profissionalizante, e Normal (magistério), que neste estudo, correspondem à modalidade regular.



Tabela 22 – Modalidade de Ensino Médio

Modalidade de Ensino Médio	
Regular	86,3
Supletivo	5,0
EJA	2,7
Outro	5,9
Total	100,0

Fonte: Pesquisa aplicada.

O gráfico 23 apresenta a informação que 50,9% dos acadêmicos concluíram o Ensino Médio e ingressaram, de imediato, na Universidade, aspecto relacionado com a faixa etária do grupo respondente. Apenas, 12,9% dos respondentes interromperam seus estudos por mais de cinco anos, antes de ingressar na Universidade. Um dos aspectos a pontuar é que a Universidade tem tornado-se um caminho natural, após o Ensino Médio, principalmente diante da facilidade de acesso, pela proximidade geográfica, para um grande número de alunos.

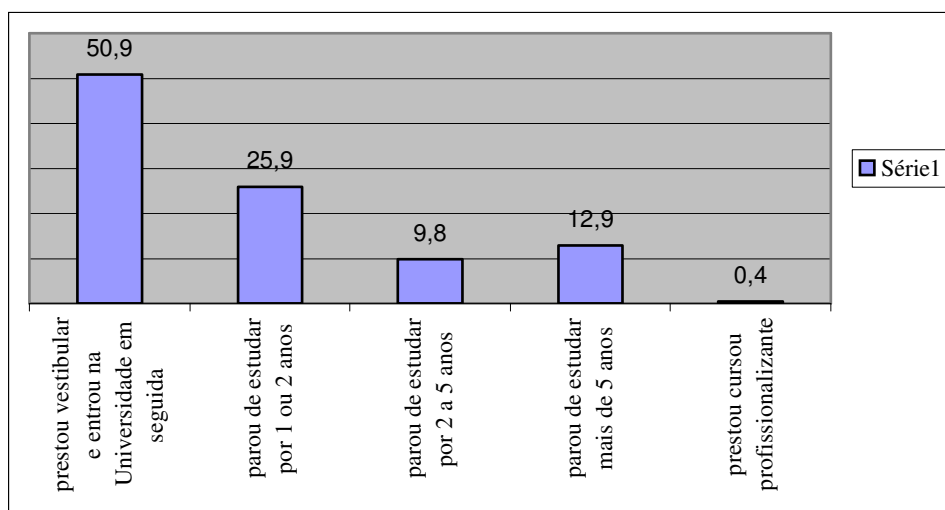


Gráfico 23 – Ingresso na universidade

Fonte: Pesquisa aplicada.

A questão acerca do conhecimento de outros idiomas trouxe como resposta que 27,1% têm domínio e 72,9% não o possui, sendo que, do percentual dos que têm domínio de outras línguas, sobressai-se o idioma inglês, mas foram citados também o espanhol (9 respondentes), o italiano (2 respondentes), o alemão (3 respondentes) e o francês (2

respondentes). O baixo percentual de acadêmicos com proficiência de idiomas não corresponde ao número de respostas dadas ao quesito que se refere a cursos paralelos em escolas de línguas (47,1%). Neste caso, parece ficar comprovado que cursar a escola não é sinônimo de aprendizagem, aquisição de habilidade e de competências.

Tabela 23 – Experiências de estudo

Você tem experiência de estudar?	Outra Universidade?	Outro Estado?	Outro País?
Sim	29,5%	7,2%	7,2%
Não	70,5%	92,8%	92,8%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa aplicada.

Observa-se, na tabela anterior, o reduzido número de experiências de estudo dos respondentes em outros Estados e Países. Quanto às experiências em outras Universidades e Faculdades, predominam as de IES da região, tais como UNISINOS, FACCAT, FEEVALE, das quais o acadêmico vem transferido para a UCS, sendo que um dos motivadores é, principalmente, a proximidade geográfica. Em relação às experiências em outros países, foram citadas as realizadas no Canadá (5 respondentes), na Austrália (2 respondentes), na Inglaterra (2 respondentes), na República Dominicana, na Alemanha e na Espanha.

#### **4. DA ESCOLA PARA A UNIVERSIDADE: UMA TRAJETÓRIA COMUM**

Os sujeitos desta pesquisa têm, como ponto convergente nas suas trajetórias, a situação de estarem cursando bacharelado em Administração, em uma Instituição de Ensino Superior privada (comunitária, mas paga), no turno da noite, na Unidade Acadêmica de Canela. Independentemente da modalidade cursada até então, todos tiveram uma longa experiência em Instituições de Ensino.

O objetivo desta seção é investigar o papel, a importância desta instituição na vida destes acadêmicos, sob a sua percepção, e apresentar uma reflexão sobre o papel da escola, por meio da representação que esses estudantes fazem dela e, por extensão, da Universidade na suas trajetórias. Na sequência, serão abordados o mundo das expectativas e a valorização do diploma do curso em andamento, nas suas vidas.

Buscar entender o significado da escola para o estudante-trabalhador e trabalhador-estudante, com apoio da Teoria das Representações Sociais, é o objetivo desta seção. A figura 2 apresenta a proposta síntese deste capítulo, quanto ao referencial teórico e à análise dos dados. A Teoria das Representações Sociais está como centro do referencial teórico, pois traz à tona o conhecimento social, construído e compartilhado no cotidiano, conhecimento resignificado nas interações dos sujeitos sociais com e na explicação de diferentes fenômenos sociais.

A Teoria das Representações Sociais tem sua origem na Sociologia, com Durkheim, e na Antropologia, com Lévi Bruhl, e tem sido objeto de estudo da Psicologia Social (MOSCOVICI, 1995). A Teoria das Representações Sociais gera conhecimentos práticos que são matrizes geradoras de ações e comportamentos (VERONESE & GUARESCHI, 2007)

Jodelet (2001, p.16) complementa que “as representações sociais nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva”. As representações estão presentes no dia-a-dia, circulam nos discursos, estão nos comportamentos, na organização espacial e temporal e, dessa forma, constituem-se em uma realidade mental, como formas de saber prático ligando um sujeito a um objeto.

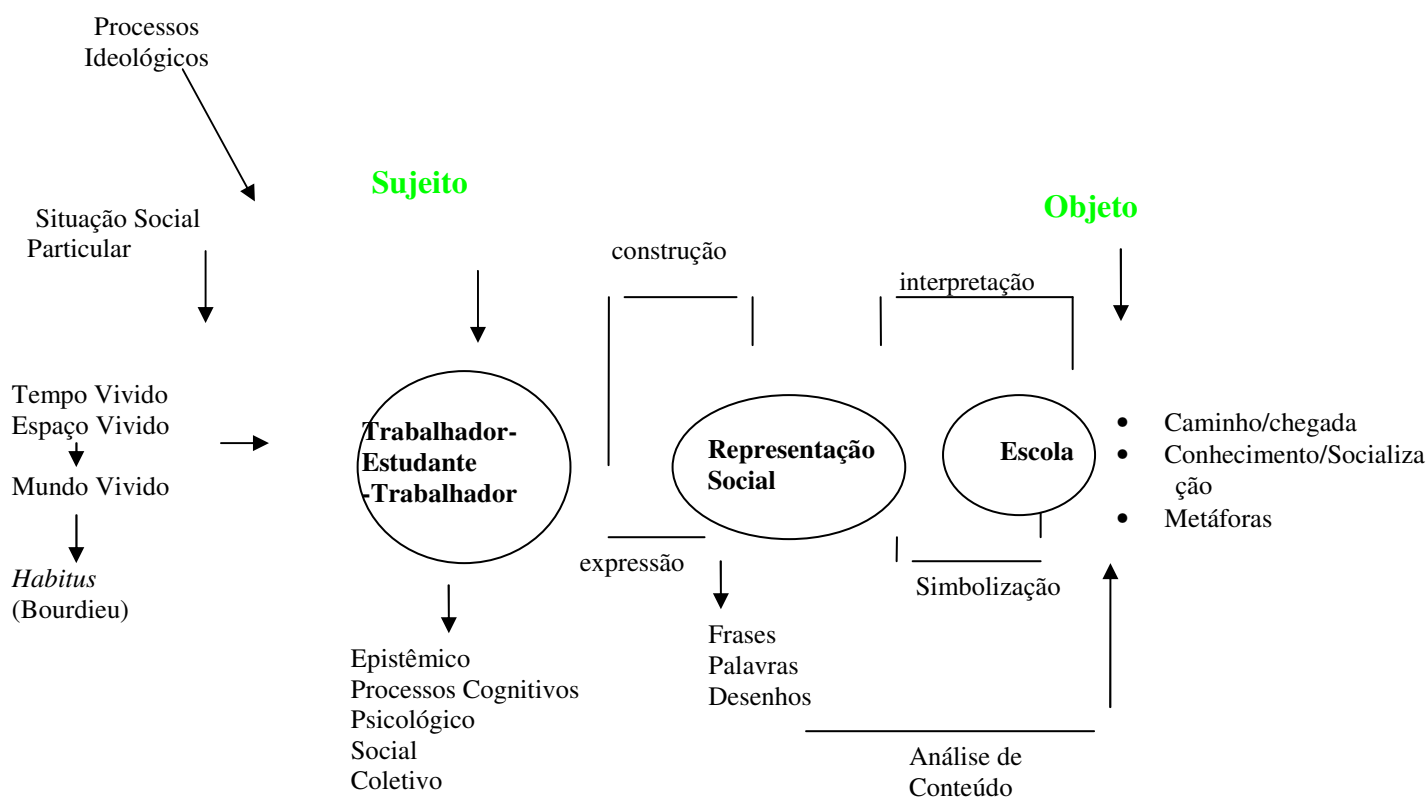


Figura 2 – Síntese Teórica e Empírica – Representação Escola  
 Fonte: Construída pela autora a partir dos dados coletados e de Jodelet (2001).

A Representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Pode-se dizer que são sistemas de interpretação que regem à nossa relação com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e assimilação de conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Neste estudo, busca-se conhecer a representação que estes sujeitos sociais (estudante-trabalhador e trabalhador-estudante) têm do papel da escola em suas vidas.

Levando em consideração que representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito), neste caso a escola, como tempo e espaço vivido sob o olhar do estudante trabalhador, “A representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações) (JODELET, 2001, p. 27)”.

As representações sociais são uma expressão e construção do sujeito, neste caso o acadêmico. Dessa forma, expressam um sujeito considerado nas suas dimensões cognitiva e psicológica, pois expressam e podem ser analisadas assim também, a atividade mental de um grupo, de uma coletividade e na qual podem existir processos ideológicos que atravessam os indivíduos (JODELET, 2001). Os sujeitos têm uma trajetória no mundo escolar, sendo assim, têm tempos e espaços vividos nesta e com esta instituição social, que construíram e resignificam constantemente este saber prático, que é a representação.

As representações sociais, enquanto imagens construídas sobre o real, da relação sujeito-objeto, trazem as marcas e posições de classe, o *habitus*, conforme Bourdieu. “*Habitus* enquanto um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas e funcionam a todo o momento como matriz de preocupações, apreciações e ações” (BOURDIEU, 1973, 182) Pelo *habitus*, o indivíduo está situado em um universo social e o universo social está inscrito nele.

#### **4.1 A representação da escola**

“Escola é um lugar de esperança e de desejo”. *Furlani*

Com o objetivo de conhecer o significado da escola em suas vidas, foi solicitado ao acadêmico representar, por intermédio de um desenho, palavras ou frases, o que significa a escola em sua vida (Apêndice A). Dos 232 questionários aplicados, 22 acadêmicos não responderam à questão, deixaram-na em branco<sup>13</sup>, 58 deles desenharam e os demais escreveram palavras ou frases para representar o que foi proposto. Em um primeiro momento, em uma leitura flutuante, foram sendo identificados os temas; após o assinalamento de palavras, frases e parágrafos, foram definidas as categorias e organizados os dados em quadros para facilitar a análise.

---

<sup>13</sup> Era a última questão, no verso, podem ter esquecido ou deixaram de propósito sem responder.

Um primeiro quadro (quadro 3) apresenta de forma quantitativa as mensagens (desenho, palavras e frases) e suas respectivas categorias. Os trabalhos que apresentavam desenhos e frases foram classificados como desenhos, e, neste caso, as frases e palavras foram consideradas como explicações do desenho, totalizando 58 desenhos e as explicações em frases e palavras totalizaram 152 respostas.

	Caminho/ Chegada	Conhecimento/ Socialização				Metáforas				
Desenhos (58)	22	22				14				
						Sol 3	Evolução 2	Mundo 3	Arvore 3	Asas 1
Frases/ Palavras (152)	4	110				38				
		C 18	S 34	C/ S 24	G 3 4	Tudo/base 12	Ev Humana 1	casa 3	Porta 5	cliches 14

Obs.: C – Conhecimento, S – Socialização, C/S – ambos, Conhecimento e Socialização; e G – Gerais

Quadro 3 – Categorias e Mensagens

Fonte: Dados da Pesquisa

Foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa dos desenhos, das palavras e das frases. Sabe-se que o ponto de partida para a análise de conteúdo é a mensagem, neste caso, verbal e figurativa, que expressa um significado e um sentido, diretamente relacionados, articulados com as condições contextuais de seus produtores, tais como situações econômica e sociocultural, que expressam na mensagem componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis (FRANCO, 2007).

O quadro 3, Categorias e Mensagens, apresenta uma síntese quantitativa dos dados referentes à representação da Escola pelos acadêmicos. Destacaram-se três grandes temas: a representação caminho-chegada, conhecimento/socialização e uma categoria nomeada como *metáfora* para caracterizar as representações em forma de metáforas e frases feitas ou clichês.

#### 4.1.1 Escola: caminho-chegada

A representação da escola como caminho destacou-se nos desenhos com o mesmo número de representações de conhecimento/socialização.

No tema caminho-chegada, observa-se nos desenhos a apresentação de vários tipos de caminhos: lineares (D120<sup>14</sup>); sinuosos com indicação para o sucesso (D75), ou marcando a chegada com a palavra *sucesso* (D 63); com faixa de segurança para passar e com a simbolização do relógio entre uma faixa e outra (neste, destaca-se a passagem de um carro, que parece em alta velocidade e uma pessoa passando na faixa). A palavra *educação*, escrita próxima, pode ser interpretada, talvez, pela idéia da educação como garantia de segurança na travessia (D98); em forma de escada: no início, a palavra *eu* com uma seta ao último degrau com uma medalha de ouro (D97); muitos degraus como no alto um pódio, dando a idéia de, depois do pódio, a descida e ao pé da escada escrito: *ranking* da vida – busca constante pelo melhor (D2); no alto, a palavra satisfação (D166), entre outros a representação da figura 5. A escolha da escada, conforme explicação de um acadêmico é: [...] *o degrau impulsiona para o alto*, talvez diferente do conceito de caminho, estrada, que se avança passo a passo, com uma direção, mas não talvez para o alto. O que seria o alto? A chegada? No alto é melhor?, Alto da hierarquia? E o alto índice de infelicidade dos altos executivos? No alto está o poder? Maior visibilidade do todo? Espaço próprio? A possibilidade da definição da estratégia (CERTEAU)? A escola aparece, também, em um dos desenhos junto à estrada, com uma lâmpada, representando a idéia da escola como iluminação do caminho (figura 11), com as palavras: conhecimento, convívio social, amizade, responsabilidade e raciocínio (D 149). A representação da chegada (figura 3) com formatura – canudo e beca, símbolos da conclusão na Universidade – e pódio (figura 4), troféu e a idéia do número 1, a representação do alvo (alcance de objetivos) (D33); a idéia do gol e quem faz o gol ao lado escrito “eu vencedor” (D 79), parece estar aí expresso a competitividade do mundo dos negócios, a relação ganha-perde, presente no mundo capitalista no contexto dos acadêmicos.

A figura 4 apresenta a idéia do pódio, de ser o primeiro, receber o troféu, que significa missão cumprida. Vários respondentes identificaram no alto, da escada ou do pódio, um “eu vitorioso (Q79)”, obtendo uma medalha, um troféu, fazendo um gol.

---

<sup>14</sup> Os desenhos foram numerados pelo número do questionário, sendo assim D120 representa o desenho do questionário 120.

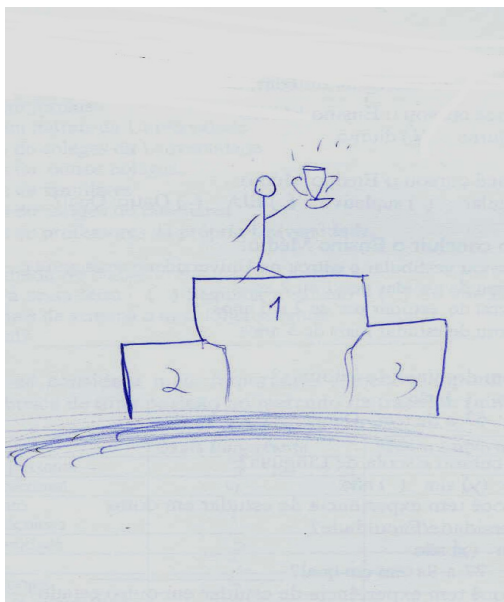


Figura 4 – Representação da escola como troféu/vitória (D99)  
Fonte: Pesquisa aplicada.

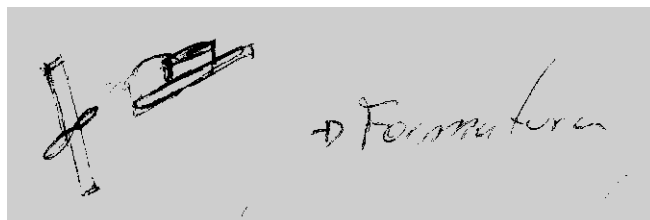


Figura 3 – Escola = Formatura (D132)  
Fonte: Pesquisa aplicada.

O diploma passa a ser um troféu, uma medalha, um grande gol, expresso na figura 3 que mostram o “canudo” e a “beca”, símbolos da formatura e a explicação junto ao desenho: *Na vida passamos muitos anos estudando para o tão sonhado momento de recebermos o nosso diploma e conseguirmos uma melhor colocação profissionalmente e financeiramente,* (Q 132). Observa-se, neste depoimento, uma visão linear possível de questionamento: O acadêmico está na expectativa de que apenas o diploma, o seu significado simbólico, dá acesso ao capital cultural e econômico?

A afirmação “Muitos anos estudando... conseguirmos uma melhor colocação...” nos remete à afirmação de Oliven, quando diz que “[...] uma das principais características da classe média são o individualismo e a aceitação incondicional ao princípio do mérito, materializadas na fase do capitalismo competitivo pelo *self made man*<sup>15</sup>” e na fase do capitalismo monopolista pelo especialista (1990, p.22). A autora continua destacando que a classe média aceita a desigualdade social como uma resultante de uma distribuição diferenciada de talentos e esforços.

A figura 5 também representa os degraus de acesso ao sucesso, para os quais o

---

<sup>15</sup> *Self-made man*, ou seja, aquele que consegue “subir na vida” às custas do seu próprio esforço.



acadêmico destacou a escola, a faculdade e o trabalho, sendo que o sucesso está em um degrau alto de difícil acesso, no qual o degrau do trabalho dá sustentação, mas o impulso é dado pela faculdade.

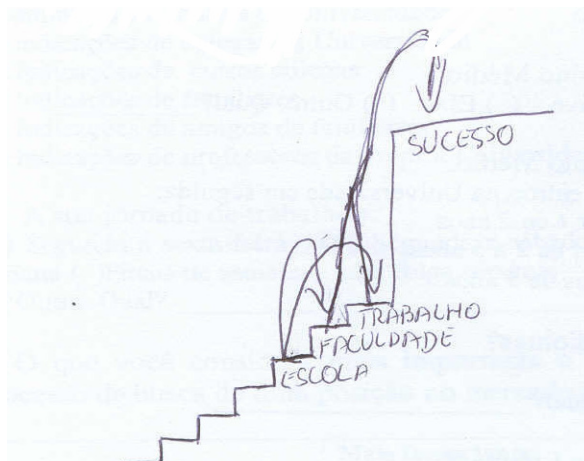


Figura 5 – Escola = Escada (D62)  
Fonte: Pesquisa aplicada

A idéia do patamar, da linearidade está bem presente em um dos desenhos que tem uma seta, com a palavra *UP*, com a explicação que [...] *com o conhecimento você sempre sobe a um novo patamar, esse mais elevado* (D82) e [...] *ranking da vida – busca pelo melhor* (D2)

#### 4.1.2 Escola: conhecimento e socialização

A representação da escola, enquanto espaço de conhecimento e de socialização, predominou entre os acadêmicos como se percebem nos desenhos, com o mesmo número de representação da idéia de caminho/chegada. Quando utilizadas frases e palavras, entretanto, essa significação se fez presente na maioria dos trabalhos. Para melhor conhecer a interpretação e a simbolização feitas pelos sujeitos sociais foram selecionadas, nas frases e nos conjuntos de palavras, as que tinham as palavras *conhecimento*, *amigos/socialização*, e as que tinham as duas palavras expressadas pelo sujeito. A escolha dessas palavras foi resultado da leitura flutuante, da qual emergiram com grande destaque, objetivando identificar a simbologia da escola como um lugar social e/ou intelectual (conhecimento), na representação deste grupo em estudo.

Os dados mostram que as palavras *amigos/socialização* aparecem nas respostas de 34 respondentes, enquanto que a palavra *conhecimento* sozinha aparece em 18 respostas, já as

duas palavras juntas, *conhecimento/amigos*, aparecem em 24 respostas. Observa-se que a interpretação e a simbologia da escola é sugerida como o local em que se faz amigos, no qual acontece a socialização, está na representação e, por consequência, no significado prático para estes sujeitos. Esta categoria também originou outras, classificações gerais, a qual contempla as palavras que tangenciam as palavras *conhecimento* e *socialização*, tais como *aprender*, *crescimento*, *amadurecimento*, *cultura*, *formação*, *experiências*, entre outras. Um aspecto interessante foram as referências à escola como espaço de auto-conhecimento, desenvolvimento do caráter, assim como adrenalina, rotina, tédio e a frase: *O desconhecido causa medo e, ao mesmo tempo curiosidade* (Q221). Frases e palavras soltas que apresentam a complexidade do fenômeno social *escola*.

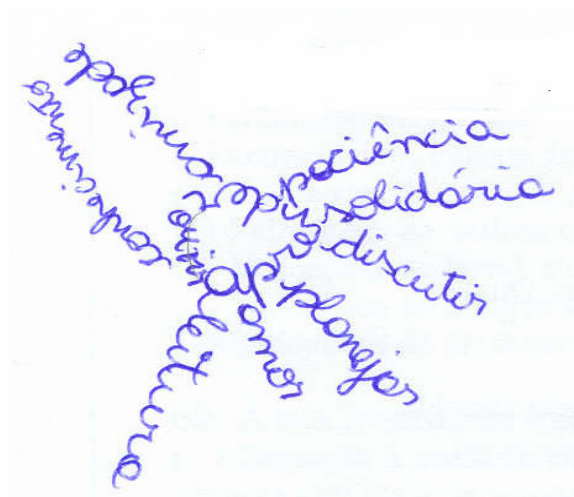


Figura 6 – Escola= Palavras 1 D56  
Fonte: Pesquisa aplicada.

A representação centrada na palavra *aprender* apareceu no desenho de vários acadêmicos, como por exemplo, da figura 6, e nas citações como: [...] *aprender, aprender, aprender e aprender* (Q12). O desenho da figura 6 traz, no centro, as palavras *aprender* e *ouvir*, que parecem gerar conceitos vivenciados e buscados pelo respondente na escola, que são: amizade, amor, paciência, solidariedade, como aspectos mais sociais, vinculados às redes de relações e capital social; igualmente integrado a conhecimento, leitura, discutir, planejar. Interessante observar que *aprender* esta ao lado de *ouvir*, no centro do processo.

Para aprender é necessário ouvir? É também necessário aprender a ouvir? Essas indagações podem reportar à idéia da escola tradicional, da aula expositiva, na qual se

aprende ouvindo – questões importantes ao processo de formação educacional e profissional, também refletidas no capítulo 5.

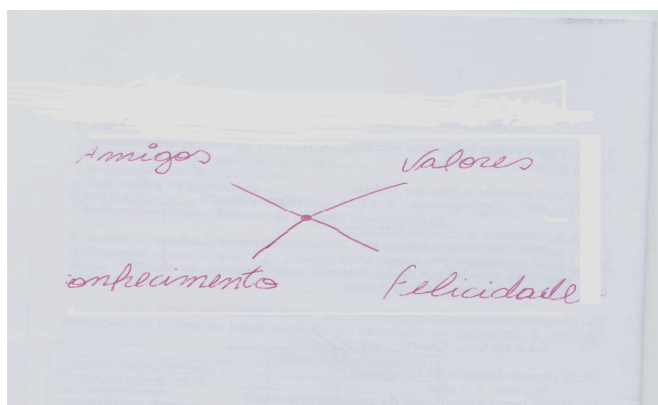


Figura 7 – Escola e palavras 2 (D154)  
Fonte: Pesquisa aplicada.

A representação da figura 7 representa a escola como o encontro entre as palavras *amigos, felicidade, conhecimentos e valores*. Esta figura expressa a função social da escola de socialização e desenvolvimento cognitivo e intelectual.

A representação da escola como a chave para o conhecimento, a chave que abre portas, também está presente no olhar dos acadêmicos sobre o significado, a importância da escola em suas vidas. O olhar social se apresenta, inclusive, como no depoimento a seguir: *Abre portas para uma vida digna, com menos violência e menos disparidade de classes sociais* ou, na reflexão, com a metáfora de uma porta (Q 26), [...] *grande porta que nos indica o futuro* (D 207).

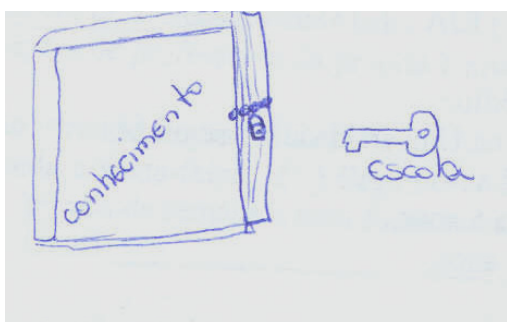


Figura 8 – Representação da escola como chave (D220)  
Fonte: Pesquisa aplicada

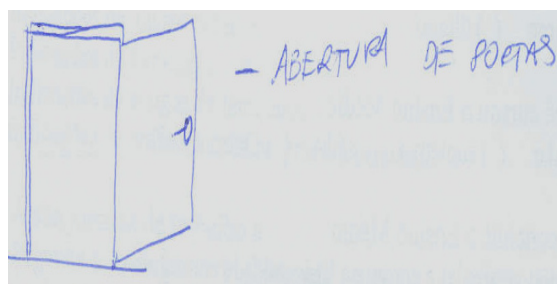


Figura 9 – Representação da escola como portas (D207)  
Fonte: Pesquisa aplicada.

#### 4.1.3 Escola: metáforas

As representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas por palavras, umas e outras carregadas de significações. (JOCELET, 2001, p. 21). Nesta categoria, observa-se a presença forte de

imagens e expressões “coloquiais”, que podem ser classificadas como frases feitas ou clichês<sup>16</sup> para simbolizarem a escola, na visão dos sujeitos em estudo. Aparecem, também, expressões espontâneas, originais e ousadas como as exemplificadas na figura 10, que traz a frase: *Tédio, mas com benefícios a médio e longo prazo* (Q 93) como na explicação, *Muita coisa que aprendi na escola, estou achando a resposta agora* (Q170), e a figura 11 que traz o desenho da Escola com asas (Q88).

TÉDIO, MAS COM  
BENEFÍCIOS A MÉDIO  
LONGO PRAZOS.

Figura 10 – Palavra *tédio* (D93)

Fonte: Pesquisa Aplicada



Figura 11 – Escola- Asa (D 88)

Fonte: Pesquisa Aplicada

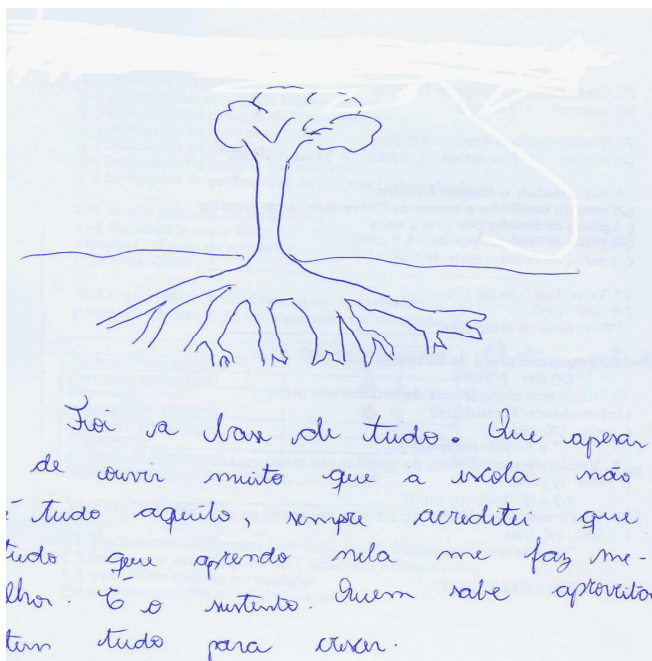
---

<sup>16</sup> Aqui tomamos clichê como chavão ou lugar-comum.

Na representação escola-asa, chama a atenção a proporcionalidade do tamanho da escola e das suas asas em comparação com o sujeito/aluno pequeno e suspenso. No alto um saco, com cifrão, simbolizando dinheiro, que expressa a expectativa colocada no papel da escola: levar o indivíduo ao sucesso, oriundo do dinheiro. Pode-se inferir dessa imagem o reflexo do papel e do poder da escola na vida do indivíduo, pois, se “cair” da escola, for excluído “esborracha-se”, em queda livre no chão. Ao mesmo tempo, existe a expectativa de que a escola o levará, como um pássaro gigante ao sucesso.

Na dimensão *metáforas* foram agrupadas representações da escola como árvore, mundo, asas, sol nos desenhos. Também se reuniram temas relativos à vida, em especial ao ciclo da vida. Quanto às frases e palavras, destacam-se também outras representações como de segunda família, tudo/base. Neste grupo, colocaram-se também as frases feitas, as quais, assim como as metáforas, são estratégias de comunicação e de sensibilização, que geram impactos e acredita-se que apresentem um “discurso” do senso comum. As metáforas, ao serem analisadas, também levam às dimensões já citadas: conhecimento/socialização e caminho/chegada, que também podem se configurar como metáfora. Pelo grande número desenhos expressando esta idéia foi construída outra categoria.

A idéia de alicerce, base, raiz da construção e sedimentação da existência humana, como pode ser exemplificada no depoimento: *A escola dá base, abre horizontes, mas também deixa muitas dúvidas, para seguir em frente neste formato, difícil e concorrido que é o mercado de trabalho* (D71).



A representação da escola como árvore, que dá sustentação, frutos e sementes foi lembrada pelos acadêmicos respondentes, conforme explicação que acompanha a figura ao lado e o depoimento a seguir: *Para mim a vida é uma escola cheia de ramificações que dá frutos e sementes para uma nova vida* (A 151). Neste contexto, amplia-se o conceito de escola, além dos seus muros: a escola da vida.

Figura 12 – Representação Escola= Árvore (D 129)  
Fonte: Pesquisa aplicada.

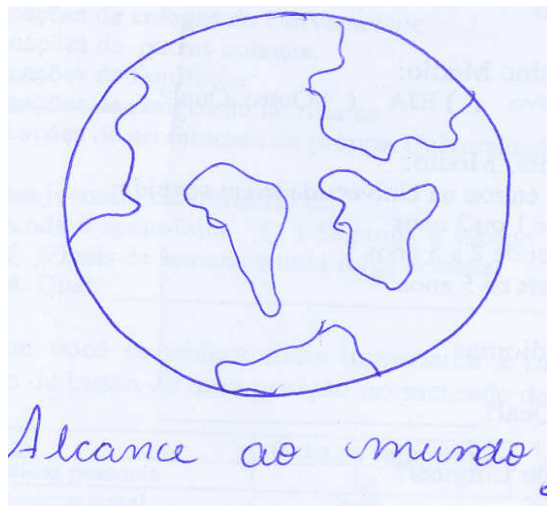


Figura 13 – Escola = Mundo (D32)  
Fonte: Pesquisa aplicada.

A escola, como um espaço de apresentação e representação do mundo, foi lembrada por vários respondentes, ocorrência que pode ser embasada Arendt (2000) quando diz que a escola é a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma que torna possível a transição da família para o mundo. O depoimento a seguir, expressa esta percepção: *Acho q. na escola é por onde a gente acaba entrando na sociedade. É o 1º passo p/ vida, amigos, no meu caso, foi onde tive os 1ºs, pra mim, onde abrimos nossas primeiras portas, e derrubamos algumas barreiras* (A14).

A dimensão social, enquanto formação do cidadão e dos relacionamentos sociais esteve presente em várias representações, com destaque a expressão: [*.. onde fiz grande amigos, alguns inesquecíveis* (D7)].

A representação da figura da lâmpada traz à imagem da escola a idéia de caminho e luz. A idéia de caminho foi muito usada, inclusive com placas indicando, ao longo do trajeto, a direção para o sucesso. O conceito de luz, lâmpada, foi apresentado por alguns respondentes também com o sol.

A representação do sol, luz, lâmpada com a idéia de luz, claridade, aquecimento esteve presente nos desenhos e pode-se relacionar com a concepção de que, o conhecimento “clarifica”, ilumina a tomada de decisão.

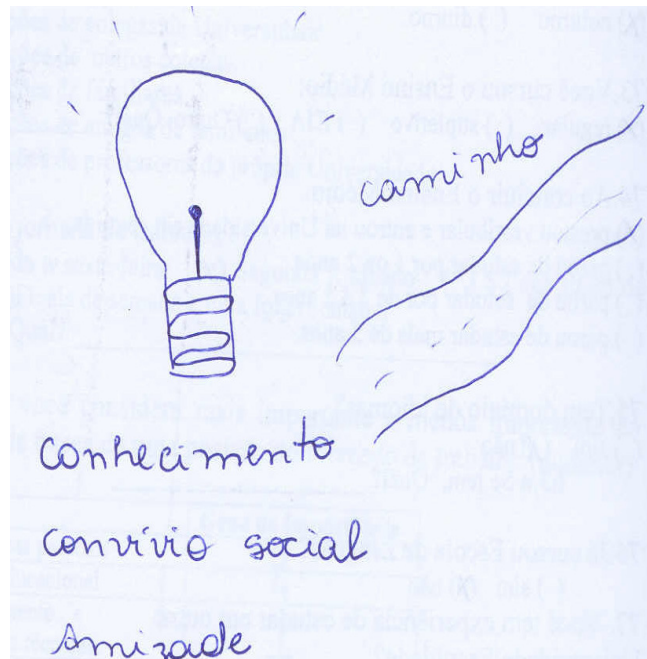


Figura 14 – Escola = Caminho Luz (D213)  
 Fonte: Pesquisa aplicada.

A representação da escola como evolução, crescimento e conhecimento está apresentada na figura a seguir e expressa no depoimento: *experiência, amadurecimento, conceitos diferenciados, novas capacidades, novos conhecimentos, amizades, novos contatos* (Q58).

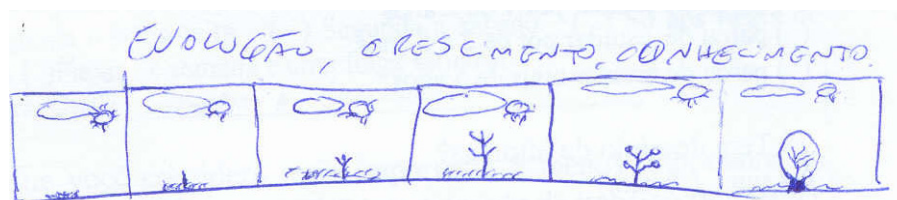


Figura 15 – Escola = crescimento (D53)  
 Fonte: Pesquisa aplicada.

As representações confirmam as duas dimensões principais da escola: enquanto uma instância de socialização secundária em que há uma espécie de reestruturação do *habitus* e enquanto uma instância em que os agentes sociais acumulam capital social (criação, expansão e consolidação de rede de relacionamentos) e capital cultural (obtenção de credencial de formação educacional, acadêmica valorizada pelo mercado). Essas duas dimensões se articulam, garantindo assim à escola o desempenho eficiente de suas funções

sociais de reprodução cultural, reprodução social e legitimação, ou está perdendo a sua força no contexto atual?

Observou-se também a representação por meio de frases, fortemente arraigadas no senso comum, com frases ditas “feitas” como, por exemplo: *escola é vida* (A 113), *ela é a única que nos dá algo que jamais alguém pode nos roubar: o conhecimento* (A172), *um*

*tempo que vai ficar na memória para sempre* (A78), *Alicerce para a Vida* (A184) como apresentado na figura 16.



Figura 16 – Alicerce para a Vida (D184)

Fonte: Pesquisa Aplicada

*A escola é uma forma de inclusão na sociedade. Dá à pessoa a bagagem técnica que, juntando à experiência da vida, forma a pessoa e o profissional* (A168) *A expressão a escola nos dá* parece trazer uma concepção epistemológica e pedagógica empirista (BECKER, 1993) com o papel do aluno passivo, que vai à escola para receber informações, representadas na ação de “ouvir e reproduzir”. É esta a concepção do acadêmico do seu papel na Escola, estendendo *escola*, aqui, representando a Universidade.

Constatou-se a frequência expressiva da representação da Escola/Universidade como porta que se abre para um novo mundo, até então inimaginável conforme depoimentos a seguir:

*Tudo, mudou a minha vida, hoje posso falar de assuntos que jamais teria acesso a verdades que são contadas por aí, a formar opinião própria* (A118).

*Representou um começo para um fim melhor* (A119).

Revelaram-se, igualmente, depoimentos que enfatizam a possibilidade, também concreta, de melhoria de vida, de ascensão social:

*Tudo, família pobre, nenhuma luz, mas tinha alguma coisa que me dizia que precisava ir em frente, somente eu podia mudar, e assim o fiz, nunca aceitei parar de estudar; sei que a escola me fez crescer e continua fazendo* (A47).



*A escola proporciona o conhecimento para crescermos na vida pessoal e profissional. Aprendemos a conviver com diferenças e dar valor a tudo que conquistamos diariamente seja status, ou seja, amor (A128).*

Curiosamente, houve a auto-avaliação de que o período escolar foi um momento que poderia ter sido melhor aproveitado:

*Escola foi um tudo que eu não dei valor. Hoje percebo o quanto eu podia ter aproveitado e ter me empenhado mais, hoje dou valor na faculdade, pois não tenho muito tempo e sou eu que pago (A57).*

Estas percepções vão ao encontro da teoria bourdieusiana, a qual destaca que os estudantes de classes média e popular acreditam que o sucesso escolar permitirá o acesso a posições mais elevadas.

Na tentativa de categorização, observaram-se muitos desenhos e frases na fronteira, isto é, apresentam, mostram a complexidade da representação social a partir da interpretação e simbolização deste objeto tão presente e significativo na vida social que é a *escola*.

A representação da escola seja enquanto caminho-chegada, conhecimento/socialização, seja por meio de metáforas, mostra a importância que a instituição tem para este grupo investigado e no seu contexto, corroborando o esforço feito para conciliar trabalho, família e estudo tão presente no perfil econômico-social. Caracteriza, conforme apresentado por Jodelet (2001, p. 22), “a representação social como uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. É uma forma de apropriação da realidade que expressa o grupo que a construiu e enquanto uma forma de saber prático, orientado para a ação e para a gestão da relação com o mundo; parece dar sentido, relevância e significado ao cotidiano de universitário, ao definir o objeto (Escola) representado.

As representações podem ser compartilhadas com os outros de uma forma convergente ou até mesmo gerando conflitos, que podem ser compreendidos, enfrentados e até gerenciados, administrados (JOCELET, 2001). Neste caso, observou-se uma representação bastante convergente entre os sujeitos sobre o papel da escola, com algumas pequenas oscilações na interpretação, como uma valorização maior para alguns do convívio social e para outros o aspecto do desenvolvimento intelectual. Em linhas gerais, as representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam, e observou-se que a escola para estes sujeitos tem um papel decisivo no desenvolvimento social e intelectual. Por

intermédio das expectativas e significados expressos nas metáforas, fica visível a idéia de ascensão social, de acesso ao capital cultural e econômico, nas expressões *sucesso*, *status*, *satisfação*.

## **4.2 Graduação em Administração**

Esta seção apresenta o *modus operandi*, enquanto modo de agir, do acadêmico no curso de Administração: número de disciplinas cursadas, tempo de estudo, quem paga as mensalidades do curso, assim como percepção e expectativas sobre a importância do diploma de curso superior, o que é ser acadêmico de Administração, como estuda para as aulas, se pensa em continuar estudando após concluir o curso. No final, busca-se analisar de como aplica o período vivido na Universidade na sua vida com o questionamento: “O que você tira/aproveita, das aulas, das coisas que você vive na faculdade para a sua vida?”

A tabela 23 apresenta uma relação entre o número de disciplinas, em média, cursadas a cada semestre e quem paga as mensalidades da Universidade, as despesas com o curso. Observa-se que os acadêmicos que cursam mais de três disciplinas, em sua maioria, possuem um responsável pelo pagamento, são familiares; em contrapartida, todos os que cursam apenas uma disciplina são os responsáveis pelo pagamento.

O percentual de acadêmicos que são responsáveis pelo pagamento é a maioria (58,6%); aqueles, cuja responsabilidade pelo pagamento cabe aos familiares (pais ou irmãos), perfazem o percentual de 25,1%; alguns têm auxílio da empresa (6,5%); e um número muito pequeno de acadêmicos vale-se de crédito bancário (3,3%). Na opção “outros” (6,5%), os respondentes citaram Prouni (8 acadêmicos); companheiro(a), tia ou a divisão em 50% do valor da mensalidade para o acadêmico e 50% para pai e/ou mãe. O maior número de acadêmicos (57,1%) cursa três disciplinas, em média, por semestre, informação que corrobora os dados de acompanhamento de matrícula fornecidos pela Universidade, mostrando assim, a representatividade da amostra participante da pesquisa.

Tabela 23 – Número de disciplinas cursadas x pagamento da mensalidade

Quem paga as mensalidades da Universidade, as despesas com o curso de Administração * Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre			Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre					Total
			uma	duas	três	quatro	cinco	
Quem paga as mensalidades da Universidade, as despesas com o curso de Administração	Eu (acadêmico)	Número % Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre	2 100,0%	28 77,8%	84 69,4%	9 29,0%	3 12,5%	126 58,9%
	Familiares (pais, irmãos)	Número % Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre	0 0,0%	4 11,1%	24 19,8%	13 41,9%	12 50,0%	53 24,8%
	Tenho crédito educativo	Número % Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre	0 0,0%	0 0,0%	1 0,8%	2 6,5%	4 16,7%	7 3,3%
	A empresa auxilia	Número % Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre	0 0,0%	3 8,3%	9 7,4%	2 6,5%	0 0,0%	14 6,5%
	Outros	Número % Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre	0 0,0%	1 2,8%	3 2,5%	5 16,1%	5 20,8%	14 6,5%
Total	Número % Número de disciplinas cursadas, em média, a cada semestre	2 100,0%	36 100,0%	121 100,0%	31 100,0%	24 100,0%	214 100,0%	

Fonte: Pesquisa aplicada.

Na questão relacionada ao tempo de estudo semanal, além da frequência às aulas, surpreendeu o número de horas dedicadas ao estudo, sendo que: 71,7 % responderam que estudam semanalmente entre uma a três horas, considerando a soma do tempo de estudo 1 hora (27%), 2 horas (23,9%), e 3 horas (21,7). Em contrapartida, há 14,6% que estudam 30 minutos por semana e 12,8 % que não estudam, apenas freqüentam as aulas.

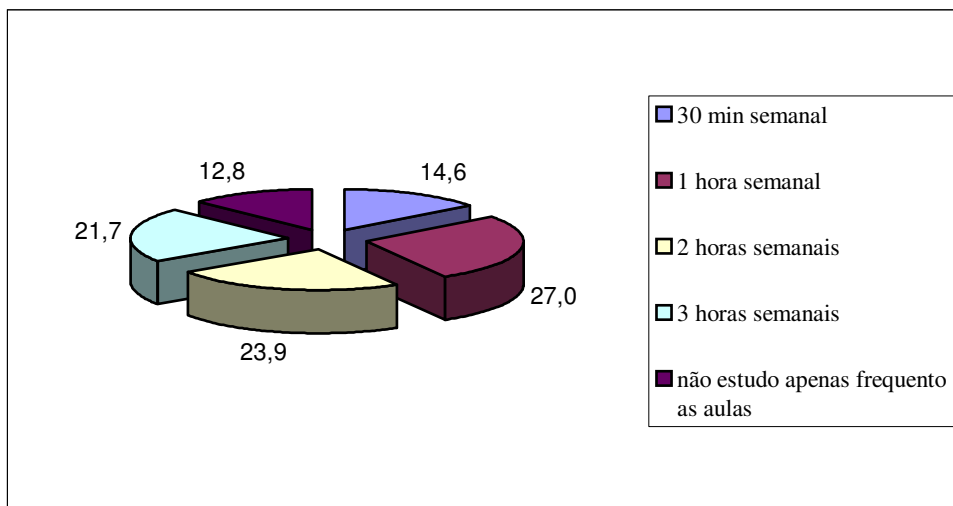


Gráfico 24 – Tempo de estudo semanal

Fonte: Pesquisa aplicada

As horas de estudo citadas realmente surpreendem. É possível que estudem três horas por semana, quando se considera a média de disciplinas cursadas. Esse tempo disponibilizado corresponderia a uma hora por disciplina? Pelos depoimentos, ao longo da pesquisa, entretanto, observa-se que esse dado pode estar superestimado, pois de fato percebe-se que o tempo de estudo corresponde, basicamente ao tempo de sala de aula.

#### 4.2.1 Ser acadêmico/estudante de Administração

Esta questão foi avaliada a partir das expectativas e sentimentos de ser estudante, como é percebido e sentido pelo acadêmico.

A partir da leitura flutuante, identificaram-se as seguintes categorias para a análise do ser estudante de Administração/ ser acadêmico do curso: Conhecimento (acesso a), Relacionamento, Oportunidade, Projeção de Futuro e Vida Pessoal. O quadro 4 apresenta a síntese qualitativa das respostas dos acadêmicos.

A expectativa de ser acadêmico é muito grande, quanto à projeção futura, aos resultados a alcançar, pois o estudante está inserido em um mundo repleto de expectativas e de projetos. Percebe-se, entretanto, que o acadêmico tem dificuldade para caracterizar o momento presente, que está vivenciando, corroborando com a questão da dificuldade de organizar o tempo e espaço, nesta fase de formação.

Nesta reflexão sobre ser acadêmico, vieram à tona questões gerais sobre o curso de Administração: *ser acadêmico de Administração é um desafio, pois muitos fazem*

*Administração, mas poucos são reconhecidos (A51).* Esse depoimento mostra a percepção do acadêmico da massificação do curso de Administração e o número de administradores formados, que não é proporcional às vagas disponíveis no mercado de trabalho, conforme apresentado no capítulo 1.

<p>Conhecimento</p>	<p>Foco da Teoria para aplicação na prática.          Adquirir conhecimentos para administrar negócios.          Manter-se atualizado, novos conhecimentos.          Buscar conhecimentos e compartilhar.          Importantíssimo. O conhecimento é a única coisa que ninguém tira da gente.          Adquirir conhecimento para as situações diárias.</p>
<p>Relacionamento</p>	<p>Uma oportunidade de aprender a se relacionar com outras pessoas.          Troca de informações, de conhecimentos com os colegas.</p>
<p>Oportunidade</p>	<p>Ser privilegiado por estar investindo no meu futuro.          Ter sorte.          É um orgulho.          É ser privilegiado! Estar aproveitando uma grande oportunidade!          É um privilégio, que muitas vezes só valorizamos depois da metade do curso.          Fazer parte de uma pequena parcela dos jovens da minha faixa etária.          Eu me sinto importante.</p>
<p>Projeção de Futuro</p>	<p>Poder um dia administrar o meu negócio.          O começo para a construção do futuro.          É poder sonhar com um futuro melhor.</p>
<p>Vida Pessoal</p>	<p>É muito importante. Eu levei a vida mais a sério após estar cursando administração.          Ter chance de melhorar como pessoa.          Adoro. A administração tem contribuído bastante tanto para o meu ambiente pessoal como profissional.          É força de vontade.          Orgulho, importante para o crescimento pessoal.          Tudo! Para mim passei a administrar muito bem os meus passos fazendo com que seja tudo de bom e que todos os meus familiares possam se orgulhar de mim.          Ser um batalhador.          Aprendiz.          É motivador.          Curioso.</p>

	<p>É ser uma criança num mundo adulto, com muito para aprender.</p> <p>É alguém que precisa ser flexível e atento as mudanças constantes que ocorrem na sociedade.</p>
--	--

Quadro 4 – Ser acadêmico de Administração

Fonte: Pesquisa Aplicada

A formação generalista e para a vida foi apresentada pelos acadêmicos como, por exemplo, na resposta: *Administração é um curso, que acima de qualquer coisa nos ensina e nos educa para cuidarmos primeiramente da nossa vida e dos nossos pertences, mesmo que a administração não seja exercida profissionalmente, nos dá estrutura para o nosso dia a dia* (A 176), assim como *Administração abre novos caminhos* (A51); e *Para mim o curso é super básico, no sentido que todos deveriam fazer para depois seguir adiante* (A16).

Pode-se observar em muitos acadêmicos um sentimento de gratidão e valorização pela oportunidade de estarem na Universidade, às vezes gerando uma euforia e um grande sonho de ascensão a uma vida melhor, expressada de forma espontânea como ... *eu me sinto importante* (A123). Os acadêmicos trabalhadores pagam o seu curso, têm consciência da importância e do custo de ser estudante em uma Universidade privada, mas mesmo assim sentem-se agradecidos de terem esta oportunidade, considerando-se parte de uma elite brasileira.

Predominam nas respostas a busca pelo conhecimento e a projeção quanto ao futuro. O acadêmico tem um projeto de um futuro melhor, seja na abertura de um negócio próprio seja pela busca de um emprego com maior remuneração e valorização no mercado. Percebe-se uma preocupação e consciência desta fase como um período também de crescimento pessoal e de formação de uma rede de relacionamentos. O aspecto que chamou a atenção foram as poucas referências ao ser estudante, como alguém que vive um momento presente. As respostas reportaram na grande maioria ao futuro, ao resultado buscado, como por exemplo, *buscar conhecimentos e sucesso pessoal e profissional* (A 23), ou considerações amplas, gerais como *é aprender, correndo atrás do saber* (A103). Observa-se, neste contexto, a necessidade de trabalhar o momento presente e a instrumentalização para a caminhada, as habilidades e competências do ser estudante, as estratégias de aprendizagem para a jornada. Alguns atributos do ser estudante pontuados são relevantes e sinalizam às características da vida acadêmica, tais como *ser aprendiz* (A89); *curioso* (A89); expressão de humildade,

encantamento e receptividade como *é ser uma criança num mundo adulto, com muito para aprender* (A71); e requisito básico como *ser uma pessoa interessada, é tirar tudo o que posso e aproveitar para utilizar no dia-a-dia* e a expressão *uma aventura em busca do conhecimento* (A163).

O período de encontro com o mundo universitário pode ser considerado o momento de ruptura no plano escolar, social e individual (PAIVANDI, 2006). Os primeiros períodos são cruciais, nos quais os estudantes estão mais vulneráveis e sensíveis, vivem um novo momento, uma nova cultura, onde não estão tão protegidos e, conseqüentemente, não tão controlados como na escola de Ensino Médio, precisam assim conviver com o anonimato, a liberdade, responsabilidade e autodisciplina no seu dia-a-dia. Neste processo de iniciação ao mundo acadêmico, não são acompanhados e orientados de forma planejada e sistemática pela Universidade, ficando entregues, pode-se dizer, à própria sorte, aspecto que pode ser inclusive um dos motivos das altas taxas de evasão. Em contrapartida, este período tem a complexidade da inserção no mercado de trabalho, sendo assim um momento de constante articulação teoria e prática na significação e resignificação das suas práticas como profissional, no mercado de trabalho, enquanto está estudando. Este aspecto pode ser potencializado e mais bem aproveitado nas Universidades, em especial nos cursos de Administração, pela especificidade da área de atuação e também, neste caso, no contexto de Universidade regional, pelo comprometimento com o desenvolvimento regional, expresso na missão institucional, a necessidade de conhecer a realidade regional e local para contribuir para o seu desenvolvimento.

#### **4.2.2 Vivência acadêmica e profissional**

O tempo de acadêmico é um tempo de construir significados e sentidos e compartilhá-los, estando em constante processo de resignificação, a partir da trajetória individual e das vivências profissionais e pessoais. Neste processo de formação, “o sujeito se apropria e se assenhora de sua própria vida, sempre produzida socialmente” (LINHARES, 2003, p. 33).

Buscou-se conhecer um pouco este processo de significação e resignificação vivido pelo acadêmico com a questão aberta do questionário: “O que você tira/ aproveita das aulas, das coisas que você vive na faculdade para a sua vida?” As respostas corroboraram o significado da escola, apresentado anteriormente: a dimensão do capital social e cultural.

Um dos aspectos destacados foi a oportunidade de criar, consolidar a rede de relacionamentos, inclusive na perspectiva de aprender a lidar, a conviver com as pessoas

diferentes. Os exemplos dos depoimentos são variados, tais como *convívio com colegas e professores, rede de relacionamentos (Q177), amizade, conhecimento e comunicação (Q48), principalmente o convívio com pessoas diferentes (A53)*.

Uma das palavras mais citadas foi *experiência*, entre o que aprendem e levam para a vida: a experiência vivida pelos colegas e relatada em sala de aula, nos momentos de troca e debate; a experiência partilhada pelos professores; as experiências de gestão de outras empresas; as lições de vida das revistas, jornais e livros; e a sua própria experiência, na vivência do momento de estudante fazendo as relações com a sua vida pessoal e profissional.

É interessante observar e investigar a aplicabilidade buscada pelo acadêmico para os temas trabalhados em sala de aula, como pode ser observado nos depoimentos a seguir. Em primeiro lugar um olhar generalista como, por exemplo, *Quase tudo. Muita coisa acontece no dia-a-dia. Acabo aprendendo a lidar melhor com as situações (A21); de modo geral, tudo o que aproveito das aulas é a filosofia de métodos úteis para administração, não sigo tudo ao pé da letra, mas me guio, a partir dos princípios, fazendo da minha vida meu 'test-drive' administrativo (Q85), planejar e organizar melhor o meu modo de viver (Q77) e experiências de vida, a capacidade de refletir em minhas ações e traçar metas para o futuro (Q59)*. Em contrapartida, parecem exemplos pontuais: *planejar minhas despesas e controlar meu dinheiro (Q102); ter disciplina ... organização (Q66); administração do meu tempo (Q149); motivação diária (Q67)*.

Houve respostas muito vagas tais como *Tudo, dado a oportunidade (Q 216) ou Não muito (Q190); por enquanto nada (Q155); praticamente tudo (Q 188); de tudo se tira proveito (Q157); Não sei exatamente, mas sempre há algo... (Q132); Sinceramente, não muita coisa (Q17)*. E críticas contundentes como *Algumas coisas são úteis, mas também muita coisa é besteira (Q64); e Tem muitas cadeiras que na minha vida não servem para nada. Quando sabemos um pouco de tudo, sabemos muito de nada. (Q71)*

Em linhas gerais neste item pode-se observar que o curso não tem atendido plenamente, às expectativas e sonhos destes acadêmicos. Muitos comentários positivos trazem como complemento a expressão, *mas poderia haver um maior aproveitamento (Q1); algumas matérias ensinam coisas válidas; outras, não tanto (Q14); há muita coisa que acho que não vai me servir (Q54)*.

Colocam-se na posição de aprendiz, relatando um esforço para fazer as relações e estabelecer o vínculo do meio acadêmico com o setor produtivo, buscando a aplicabilidade, como se exemplifica: *Tudo o que aprendo, no outro dia já pratico (Q23)*. Identifica-se o predomínio do verbo no Presente e na primeira pessoa com as expressões exemplificadas a



seguir: *utilizo* (Q18), *procuro* (Q10), *aplico* (Q4), *coloco* (Q81),  *tiro* (Q134), *levo* (Q137), *aproveito* (Q144), *retiro* (Q144), *tento* (Q212), *aprendo* (Q25). Nas expressões, o verbo *procurar* aparece em maior número, o qual mostra uma intencionalidade, um esforço, mas parece não alcançado muitas vezes pelo acadêmico. Essa dificuldade é apresentada na maioria das vezes pelos acadêmicos, como problema institucional como exemplifica a resposta: *infelizmente percebo que a faculdade esta um pouco distante da situação atual* (Q7).

O estudante tem buscado na Universidade respostas para as situações do dia-a-dia como trabalhador, no contexto de aplicabilidade e utilitário, de busca de lições, exemplos conselhos e macetes. Os relatos positivos a seguir exemplificam essa busca: *dos aprendizados e conselhos* (Q15); *exemplos de situações que acontecem nas empresas* (Q41); *exemplo e teorias de como fazer e como não fazer* (Q49); *os conhecimentos e os macetes* (Q160), *métodos* (Q74); *modo de realizar tarefas* (Q159). E quanto às expressões referentes à validade das disciplinas: *Tem muitas cadeiras que não servem para nada* (Q71); *Há cadeiras que não são aproveitáveis para nada* (Q58); *algumas cadeiras deixaram a desejar mas outras foram proveitosas* (Q173). Verifica-se, igualmente, a aplicabilidade dos conceitos de Administração como a relação custo-benefício e investimento-retorno: *Estou no 6º semestre e até pela quantidade de horas que já frequentei neste curso, vejo que pouco me acrescentou em questão de conhecimentos* (Q118).

A concepção de aula tradicional e a busca da aplicabilidade, aparece presente em depoimentos como *Sempre procuro transportar o que aprendo, ouço e vejo em aula para a minha vida profissional* (Q83); *retiro as informações em aulas e as encaixo nas experiências de vida* (Q144);

Por último e como instituição, constata-se um resultado relevante quanto à credibilidade e responsabilidade institucional das 217 respondentes. Apenas 13 respondentes apontaram apenas aspectos vagos ou negativos, tais como *tudo* (Q36); *por enquanto nada* (Q155); *não muito* (Q190); *apenas algumas poucas coisas* (Q183), mas, em contrapartida, há manifestações que trouxeram o papel da Universidade, além da formação instrumental e utilitária da profissão, presentes em grande número como, por exemplo, *Visão ampla* (Q135); *vivemos em um mundo com pessoas diferentes e com várias experiências e oportunidades para acordamos para a vida* (Q 147); *o curso está abrindo a minha visão para a vida* (Q84); *visão ampla, livre de preconceitos* (Q135); *é um mundo novo, onde você interage com todos os conhecimentos possíveis* (Q165); *a conviver com as diferenças* (Q 217).

Observa-se, pelos dados analisados, a imagem positiva e grande expectativa de acesso e desenvolvimento, pelos acadêmicos, do capital cultural e social nesta fase de

formação, que é a Universidade. Na instituição, provavelmente, pela experiência profissional dos acadêmicos, percebe-se um esforço de autoria e, por consequência, de responsabilidade própria na sua formação, pelo menos enquanto teoria, entretanto essas questões, nas práticas e táticas de estudo, precisam ser melhor avaliadas.

Após a conclusão do curso de Administração, mais de 90% dos acadêmicos pensam em continuar estudando. Os motivos da continuidade dos estudos e os cursos almejados são muito diversificados, como para ampliar capital cultural e econômico: *Para alcançar meus objetivos e coisas, como viagens independência financeira; para ampliar e adquirir domínio de idiomas: sim, não sei ainda, mas acho que pretendo aprender a falar outros idiomas; talvez por falta de opção e expectativas de ampliar os conhecimentos; não pretendo passar as noites em casa, olhando novela das oito.* Pela visão de necessidade do mercado, a busca pela especialização: *pois além de gostar muito de aprender coisas novas, é uma exigência do mercado e teremos que atualizar sempre. Pós-graduação.* Ou em busca da realização e satisfação pessoal: *pretendo fazer o curso que sempre imaginei. Porque acredito que terei condições de pagar o curso por inteiro, pois na empresa onde trabalho não é voltada para este ramo.*

Na busca pela educação continuada, além de cursos acadêmicos, como nova graduação, pós-graduação *lato sensu* (especialização e MBAs), pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), os respondentes também citaram cursos livres de idiomas e cursos diversos como massagem, jardinagem entre outros. Acredita-se que está expressa, ao mesmo tempo, a busca por um tempo para si, o *hobby*, indo muito além da busca pela capital econômico/cultural.

### **4. 3 Papel e expectativa do diploma**

O acadêmico está inserido em um espaço social, vivendo como profissional e cidadão neste espaço, no qual está constituindo e buscando capital. Complementando essa busca está o diploma, como capital simbólico, cultural, econômico e social.

Para Bourdieu (1996, p. 107) “capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social) percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor”. O autor destaca que é um capital com base cognitiva, apoiado

sobre o conhecimento e o reconhecimento; enfim, só o reconhece como capital simbólico quem o conhece e valoriza.

O acadêmico busca, nesta fase de formação, ampliar qual capital? Investe na construção do conhecimento com o objetivo de ter acesso, ampliar o capital cultural? Simbólico? E, por consequência, o capital econômico?

Oliven (1990, p. 101) comenta na expansão do ensino superior no Brasil, a presença na nossa cultura, além do paternalismo<sup>17</sup> e do formalismo o “[...] princípio de que a posição que um indivíduo tem na hierarquia ocupacional deve ser determinada por critérios universalistas (tais como nível de escolaridade).”

O capital simbólico corresponde ao conjunto dos rituais (como as boas maneiras) ligadas à honra e ao reconhecimento. As manifestações do código de honra e das regras de boa conduta são vantagens sociais que geram distinção. O diploma universitário, as boas notas na Universidade são capital simbólico, na medida em que o grupo compartilha um conjunto de crenças apropriadas a fazer com que percebam e apreciem certas condutas como honrosas ou desonrosas.

Há coerência entre as estruturas mentais e sociais do acadêmico e suas disposições, o *habitus*, com as estruturas objetivas do espaço social, universitário e as exigências do mercado de trabalho? O que o agente acha importante, interessante, os jogos que valoriza, que têm importância para ele, foram impostos e postos na mente e no corpo como sentido do jogo?

A percepção do acadêmico, sobre a importância do diploma de curso superior, foi investigada na questão “Em sua opinião, qual a importância do diploma de curso superior para o futuro de um profissional?”

Em uma primeira análise, emergiram como principais macro-categorias: capital econômico e cultural (acesso a); capital simbólico, pré-requisito (para o mercado) e diferencial. Essas macro-categorias estão exemplificadas no quadro a seguir, com depoimentos de acadêmicos. As macro-categorias estão articuladas e, inclusive se sobrepõem como, no caso, o diploma, como diferencial, é um capital simbólico, mas essa divisão serviu como ponto de partida para a reflexão sobre o tema.

---

<sup>17</sup> A autora apresenta paternalismo-encobrimento da assimetria das relações sociais através da proximidade afetiva de elementos pertencentes a classes antagônicas e formalismo – a aceitação das normas institucionalizadas em teoria e, ao mesmo tempo, uma negação destas normas na prática (p.100)

Capital Econômico e Cultural	<p>Estabilidade profissional e financeira, além do crescimento pessoal.</p> <p>Ajuda no nível salarial, oportunidades de emprego e melhor remuneração.</p> <p>Para seu próprio ego é um estimulante.</p> <p>Para ter um emprego bom onde possa sustentar no futuro uma família.</p>
Capital Simbólico	<p>Dá um certo prestígio.</p> <p>É uma maneira de demonstrar que realmente já possui algum tipo de conhecimento sobre o assunto.</p> <p>Reconhecimento pelo esforço dedicado.</p> <p>Apenas uma forma de comprovar que se formou em algum curso.</p> <p>É muito importante, hoje em dia o mercado dá muito valor a isto.</p> <p>Um atestado de que estudei para chegar onde estou.</p>
Pré-requisito	<p>Uma formação básica.</p> <p>Um diploma é um pré-requisito para qualquer emprego hoje.</p> <p>Dizem que antigamente era a linha de chegada, hoje é o ponto de partida .</p>
Diferencial	<p>O diploma é um diferencial no mercado de trabalho atual.</p> <p>Quanto maior a qualificação do profissional, melhor suas chances.</p>

Quadro 5 – Importância do diploma 1

Fonte: Construído pela autora com base nos dados da pesquisa.

Um aspecto interessante a pontuar foi a manifestação, pequena em número, mas contundente e crítica de alguns acadêmicos, de descrédito e, talvez até de desilusão com o “sonho” do diploma. Essa percepção do diploma exemplifica os depoimentos apresentados a seguir, como este que questiona o perfil da cidade: *Depende, em Canela não sei se agrega muito* [ ]. Fatos que levam à reflexão sobre o papel da Universidade e talvez até de cursos, como de Administração, que são extremamente generalistas: *Se não se aprofundar em nenhum curso, nenhuma;* ou ainda de reflexão do projeto de vida do acadêmico: *Somente para concurso ou empregos que necessitem de grau superior, pois o aprendizado é fraco* [...].

O quadro a seguir, construído a partir de um mapa de idéias, apresenta de forma sintética a importância do diploma para estes sujeitos em estudo. Na primeira coluna, no

centro, está o diploma, na primeira linha as palavras *conquista* e *diferencial*, que emergiram como síntese nas respostas, assim como as palavras *símbolo do conhecimento*, *formação*, *qualificação* e *credibilidade*, as quais surgiram praticamente como sinônimo de diploma na percepção dos acadêmicos. A segunda coluna apresenta considerações gerais sobre a importância do diploma. A terceira coluna traz o papel do diploma na aspiração de ser empreendedor, e no mercado em geral, no qual se observam significados diferentes quando da busca de um espaço no mercado de trabalho ou na gestão da sua empresa. Na quarta coluna, a síntese geral da importância do diploma. Ao final do quadro, uma síntese dos principais questionamentos, conformados e críticos, feitos pelos acadêmicos sobre a importância do diploma.

<p style="text-align: center;">Conquista Diferencial</p> <p style="text-align: center;">⇕</p> <p style="text-align: center;">Diploma</p> <p style="text-align: center;">⇕</p>	<p style="text-align: center;">Considerações Gerais</p> <p>Visão de diversos aspectos e atualização constante</p> <p>Contato com pessoas de diferentes visões e ramos.</p> <p>Futuro com maior segurança</p> <p>Básico (formação básica)</p> <p>Indispensável</p> <p>Capacitação e diferenciação</p> <p>Pré-requisito para seleção</p> <p>Essencial / exigência no mercado</p> <p>Afirmação pessoal</p> <p>Currículo</p> <p>Cultura</p> <p>Vantagem competitiva</p>	<p style="text-align: center;">Empreendedor</p> <p>Para poder ser dono do negócio</p> <p>Maior auto-confiança no comando da “minha” empresa.</p> <p>Como empresário, o diploma é relevante.</p>	<p style="text-align: center;">Síntese</p> <p>Aperfeiçoamento profissional e pessoal</p> <p>Novas oportunidades</p> <p>Renda mensal maior</p> <p>Base sólida para o futuro</p> <p>Significa que tenho algo mais .</p> <p>Sucesso profissional</p> <p>Base de conhecimento científico e teórico para aplicar no mercado</p> <p>Ter mais possibilidade de participar de concursos</p> <p>Aprendizado e chance para novos desafios.</p> <p>Conhecimento adquirido no curso + experiência, é o que conta, mas o diploma dá o princípio.</p> <p>No passado linha de chegada, hoje ponto de partida</p> <p>É a confirmação do compreender, saber utilizar e se adaptar</p>
---	---	---	--

<p>Símbolo de Conhecimento Formação Qualificação credibilidade</p>	<p>Para o próprio ego é estimulante</p> <p>Crescer como pessoa e ter rumo na vida</p> <p>Significa que tenho algo mais</p> <p>Técnica, conhecimento, respeito</p> <p>Base sólida para o futuro</p> <p>Ajuda a abrir portas</p> <p>60% de importância</p> <p>Reconhecimento pelo esforço dedicado</p> <p>Reconhecimento</p> <p>Porta de entrada para o mercado</p> <p>Busca de um status financeiro melhor e confortável para a sustentação de meus familiares e lazer.</p> <p>Facilitador</p> <p>Um ponto a favor entre os obstáculos encontrados</p> <p>Dá um certo prestígio, mas não garante vaga</p> <p>Para ser uma pessoa mais culta</p> <p>Crescimento da auto-estima e assim maior produtividade</p> <p>Ter bagagem acadêmica para usar.</p> <p>Importância burocrática</p> <p>Abrir caminhos, mas aprendemos com a prática</p> <p>Saber lidar com as situações do cotidiano</p> <p>Ter mais oportunidades</p> <p>Oportunidade de</p>	<p>Mercado de Trabalho</p> <p>Ingressar e disputar lugares no mercado</p> <p>Cargo mais valorizado</p> <p>Nível superior na carreira</p> <p>Valorização profissional</p> <p>Bom emprego</p> <p>Mais fácil de arrumar emprego</p> <p>Garantia de emprego</p> <p>Importante na avaliação de currículo, mas precisa junto a experiência.</p>	
--	---	---	--

	<p>trabalhar naquilo que gosta</p> <p>Comprovante de que é capaz</p> <p>Comprovação do que se diz fazer</p> <p>Um atestado de que estudei para chegar onde estou.</p> <p>Prova escrita de qualificação</p> <p>Atesta capacidade e potencial</p> <p>Com diploma somos tratados como mais capacitados do que as pessoas sem diploma.</p> <p>Muita leitura e informação</p> <p>Colocar os conhecimentos teóricos que terei em prática</p>	<p>Junto com atitudes e relacionamentos torna-se um trunfo para disputar uma vaga.</p> <p>Fundamental para bom emprego e boa remuneração</p>	
<p style="text-align: center;">Questionamentos</p> <p>Tão importante quanto o Know How adquirido fora do âmbito acadêmico e menos importante do que a manutenção/continuação dos estudos de pós-graduação.</p> <p>Não basta tem que saber ou entender no que se formou</p> <p>Não mais diferencial, mercado muito competitivo.</p> <p>A qualificação é mais importante</p> <p>Pelo que estamos vendo, torna-se apenas um diploma.</p> <p>Senão se aprofundar em nenhum curso, nenhuma.</p> <p>Somente para concursos ou empregos que necessitem de grau superior, pois o aprendizado é fraco.</p>			

Quadro 6 – Importância do Diploma 2

Fonte: Construído pela autora com base nos dados da pesquisa

Nas considerações gerais sobre a importância do diploma, pode-se observar que contemplam a dimensão intelectual de formação e de acesso ao capital cultural como, por exemplo, *mais cultura*; como capital social: *contato com pessoas de diferentes visões e ramos* e também enquanto capital simbólico formal, como atestado, comprovante, símbolo de prestígio. O aspecto conquista pessoal é apontado em expressões como *para o próprio ego e crescimento da auto-estima*, por exemplo.

A importância do diploma de graduação enquanto qualificação para o exercício de uma profissão, uma atividade, é apresentada em linhas gerais e pode ser subdividida, neste caso, como acadêmicos de Administração em: para empreendedores e para o mercado de trabalho em geral. Para empreendedores, observa-se a questão segurança, autoconfiança para a gestão ou para montar um negócio, competências alcançadas com um diploma. Ao mercado de trabalho, a possibilidade de acesso a melhores cargos, a concursos, não como garantia e estabilidade, mas como um requisito para o acesso. Os acadêmicos mostram uma visão lúcida e realista ao comentar que só o diploma não basta, como exemplifica *junto com atitudes e relacionamentos torna-se um trunfo para disputar uma vaga*. Os questionamentos presentes quanto ao valor do diploma hoje, enquanto diferencial, consideram que, o que mais vale é a qualificação e a importância, não mais como *linha de chegada, mas ponto de partida*. Percebe-se a preocupação com a educação continuada e a sensação de “incompletude”, ao chegar próximo ao diploma. Há, também, em especial, as expectativas quanto à pós-graduação presente em depoimentos de muitos acadêmicos.

O significado de possuir um diploma sofreu mudanças na sociedade brasileira, conforme destaca Oliven:

[...] enquanto o diploma de curso superior era condição não necessária, mas suficiente, para que o portador gozasse de prestígio e poder, as camadas médias foram desviadas para os cursos técnicos [...] mais tarde, o diploma universitário passou a ser condição necessária, mas não suficiente, para que o portador obtivesse uma posição de prestígio e poder. (1990, p. 107)

Nesse contexto, cabe a expressão “uma geração enganada” de Bourdieu (2007, p. 136), que complementa “A desqualificação estrutural que afeta todos os membros de uma geração, levados a obter de seus diplomas um resultado bem menor do que teria sido conseguido pela geração precedente.”

Bertero (2007), presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), comenta sobre o modismo da pós-graduação e a sede de conhecimento que leva muitos administradores a recorrer à especialização e complementa “É triste, mas isso também está ligado ao fato de que a educação brasileira é, infelizmente, de baixo nível. Então as pessoas recorrem a um curso de pós-graduação pela consciência de que ainda ficou muito a aprender”. Em contrapartida, analisa o perfil do brasileiro como muito titilista, que adora diploma, e ainda acredita “no poder mágico do diploma”. Poder que de fato existe, por exemplo, como credencial para cursar a pós-graduação e como credencial para acesso a alguns espaços no mercado de trabalho.



A afirmação *O diploma não dá qualificação* traz à tona o questionamento sobre o papel da graduação. Essa questão conduz para a proposta pedagógica do curso e sua inserção no mercado, se estão adequadas e atendem às demandas, ou se, pelo processo de massificação, tornam-se, também e principalmente “fábricas de diplomas”, ou “supermercado de diplomas” (OLIVEN, 1990). A nossa sociedade valoriza o papel, os documentos, certificados, é uma sociedade cartorial, mas as competências dos egressos de um curso de graduação precisam estar muito além do diploma que, questionado por um dos acadêmicos, “é apenas papel”. Muitos acadêmicos percebem que o diploma tem o significado de pagamento dos seus anos de estudos (BOURDIEU, 2007), dão-se conta da defasagem entre as aspirações e a oferta concreta de oportunidade, considerando questões estruturais e os limites da própria formação escolar.

Observa-se que o trabalhador-estudante tem uma visão clara do papel da experiência, do diálogo teoria e prática para a sua qualificação como profissional, e se questiona e reflete sobre o valor real e nominal do diploma. O espaço social e o meio produtivo têm os seus princípios de valorização e hierarquização e o diploma – pelo menos fora dos limites do sistema escolar – não conseguiu impor-se como um “padrão único e universal do valor dos agentes econômicos” (BOURDIEU, 2007, p.127)

Através da representação, os sujeitos elaboram o sentido da realidade social, expressam o sentido que conferem às suas ações e, da mesma forma, é este sentido que orienta as suas práticas. Este sentido, dado ao papel da escola em suas vidas, está orientando as suas práticas cotidianas de acadêmico? A partir deste sentido, constrói-se o uso do tempo e espaço no seu cotidiano? Quais as táticas (CERTEAU) e práticas disponibilizadas, usadas para enfrentar situações imprevistas e previstas no cotidiano de acadêmico de Administração? As respostas a esses questionamentos serão temas analisados no capítulo cinco.

## 5 LABIRINTOS DE TEMPO E DE ESPAÇO NO COTIDIANO DO ACADÊMICO

“Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo”  
(Oração ao Tempo – *Caetano Veloso*).

Tempo-espaço, no cotidiano do acadêmico, são os temas discutidos neste capítulo, buscando-se uma *tecibilidade* conceitual, enquanto condição ou qualidade do que é tecível. Tal discussão é tecida sob uma divisão metódica que se configura na apresentação teórica e no entrelaçamento para a compreensão do fenômeno estudado. Ao longo do texto, a teoria é relacionada ao objeto de pesquisa e trazida à tona como nós e laços importantes na tecitura da construção da reflexão do tema.

Em um primeiro momento, faz-se a discussão da dimensão tempo-espaço na realidade humana, para que possa fundamentar as relações com a vida/condição de acadêmico, uma vez que se trata de duas dimensões de toda atividade e experiência humana (CHANLAT, 1996). Na seqüência, entrelaçam-se os dados da pesquisa, teorias e reflexões relativas ao cotidiano como acadêmico, e as representações de tempo/espaço individual e coletivo nesta fase. Ao mesmo tempo, as imagens escolhidas pelos sujeitos para representar este cotidiano serviram para corroborar esta análise.

O ponto de partida está na constatação de que o ser humano é um ser espaço-temporal, pois todo ser humano está inserido no espaço e no tempo (CHANLAT, 1996). Essas duas dimensões, que são inseparáveis, constituem o quadro geo-histórico da ação humana, pois um movimento no espaço é também um movimento no tempo.

O tempo remete aos ritmos biológicos, psicológicos e sociais que marcam as atividades humanas individuais e coletivas, assim como marcam as relações com o cosmo e com o universo (HAWKING, 1988). Outro aspecto é o tempo é cultural – o tempo de uns não é o mesmo de outros – em função da sociedade em que o homem está inserido. Há diferentes concepções de temporalidade entre países e culturas, a seqüência de dias não é percebida da mesma forma nos diferentes países e regiões e mesmo entre os homens inseridos no mesmo contexto geográfico ou organizacional.

O espaço nos envia a nossa espacialidade, ou seja, os diferentes lugares que constituem nossa geografia ao mesmo tempo pessoal e social. Todo

indivíduo é com efeito originário de determinado lugar, desenvolveu-se em um meio particular, ocupa uma posição profissional, trabalha em determinada organização e desaparece algum dia em algum lugar. Estes lugares estão por sua vez integrados a espaços mais amplos. Este enraizamento espacial pode ser mais ou menos forte [...] É por esta razão que os lugares e as posições que ocupamos a título individual ou coletivo são objeto de diversos investimentos: afetivo, material, profissional, político [...] Fontes de enraizamento, estes investimentos reafirmam a identidade pessoal e coletiva (CHANLAT, 1996, p. 31).

A vivência como acadêmico, estar na Universidade constitui um enraizamento espacial, fundamentado e mantido na singularidade de cada sujeito. É da mesma forma peculiar o investimento afetivo e material colocado neste período de formação. As questões que instigam são: Neste tempo e espaço, como se organiza o cotidiano?

O espaço é criado, objetiva e subjetivamente, material e imaterialmente, real e virtual. As organizações, independentemente dos seus objetivos, áreas de atuação, estruturas, representam novos espaços criados, novos objetos de coexistência e de inter-relações (VERGARA & VIEIRA, 2005).

O que constitui o espaço Universidade para o acadêmico? De que forma interage? Neste “tempo de acadêmico”, quais espaços são criados e buscados no cotidiano nesta fase de formação? Entendendo-se tempo de acadêmico como período, espaço de tempo (dias, meses, anos), em que se está cursando um curso de nível superior, neste caso, bacharelado em Administração.

O tempo marca a sucessão dos eventos relacionados com os espaços criados. É uma simbologia humana para registrar as sucessões. Dias e noites, anos, séculos e milênios, a modernidade e a pós-modernidade, tudo se relaciona com a sucessão, o acontecimento dinâmico, a vida e a morte.

O espaço e o tempo formam uma unidade à medida que são associadas às coexistências com as sucessões, sejam elas “seqüências recorrentes” (ELIAS, 1998, p. 8) sejam apenas sucessões que não se repetem, mas que marcam um momento, uma época, um fato histórico.

Os espaços sociais, indissociáveis que são do tempo, são criados objetiva e subjetivamente, em processo de alimentação recíproca, que se faz tanto individual quanto coletivamente. Quais os espaços sociais usados pelo acadêmico no seu cotidiano? Como são criados e realimentados de forma coletiva e individual?

Os eventos sociais ocorrem no tempo-espaço das civilizações, um tempo-signo, evoluindo do passado para o futuro, de um início para um fim determinado. Como diria

Prigogine (1996), todo organismo possui uma história: nasce, atinge a maturidade e morre, numa ordem caótica. O autor apresenta o tempo como criação, refutando a divisão aristotélica do tempo entre passado, presente e futuro colocados em linha reta. Prigogine (1996) faz referência a dois contrastes: nuvens e relógios. À imagem dos relógios, cabe a idéia de estabilidade; em contraste, à imagem das nuvens que trazem o imprevisível, o surgimento de novas figuras e formas (ao sabor do vento). Neste contexto, está a irreversibilidade do tempo e múltipla possibilidade de caminhos, não há caminhos únicos a desembocar em certezas.

Os eventos sociais de todos os tempos, e do nosso tempo em particular, têm sentido evolutivo, mais lento ou mais rápido para cada processo civilizatório, de acordo com os meios em que o pensamento, o conhecimento e as técnicas puderam avançar em ritmos, mais ou menos velozes. Os eventos representam a dimensão humana do tempo-espaço e neles o tempo e o espaço vão sendo construídos. Estar na Universidade, assistir a uma aula, participar de um projeto de pesquisa, formaturas são eventos sociais, assim como as avaliações e dias de provas.

A relação entre o passado, o presente e o futuro em nenhuma outra época da temporalidade da evolução humana foi tão dinâmica como atualmente. O presente nos escapa das mãos; é uma transição cada vez mais efêmera. Tal efemeridade está intimamente vinculada às mudanças no consumo econômico, social e cultural. Tudo parece ser e não ser em lapsos muito curtos de tempo, o que conduz às transformações rápidas nos comportamentos. Há cada vez mais expectativa do futuro, do próximo evento e quando ele chega já está amplamente anunciado e desprestigiado por uma nova expectativa.

Este sentimento de efemeridade está presente na formação. Há a certeza da necessidade da educação continuada no meio acadêmico?

Noções como espaço social, espaço cultural, espaço econômico, em suma, o espaço construído, foram erguendo-se com a evolução do conhecimento e da informação e tem as suas especificidades em cada contexto.

As metáforas podem ser ricos instrumentos de análise e Hassard (1996) apresenta duas que foram usadas na Sociologia para representar o conceito de tempo. A metáfora do ciclo e a metáfora da linha, ou seja, o tempo cíclico e o tempo linear.

O tempo cíclico é a imagem fundamental do tempo nas sociedades denominadas pelo autor como arcaicas, anteriores ao Cristianismo. Para o homem arcaico, os acontecimentos se desenrolavam seguindo um ritmo imutável, baseados nas estações do ano, períodos de colheita e tradição que são cíclicos e o futuro é baseado nas tradições do passado que se repetem. A percepção do tempo se organizava em termos de plantio, colheita, estações,

tarefas cumpridas e uma visão mais fluida e imprecisa do tempo vivido, de acordo com o ciclo da natureza, e não com o ciclo industrial, preciso e cronometrado (VERGARA & VIEIRA, 2005).

A metáfora do tempo linear é descrita por Hassard (2001) como predominante na sociedade industrial. O autor mostra que, na cultura moderna, a idéia de irreversibilidade (o tempo que não volta mais) substitui a do eterno retorno (estações do ano, por exemplo). A característica distinta de uma progressão em direção a um fim último se deve à expansão do Cristianismo, com a idéia de salvação e redenção no fim do percurso. A metáfora linear faz a relação também com o tempo como mercadoria na sociedade industrial. As culturas industriais modernas adotaram esta perspectiva linear de tempo, no qual o passado não se repete e é considerado obsoleto, o presente é transitório e o futuro, infinito e explorável. O tempo é homogêneo: objetivo, mensurável e divisível (HASSARD, 2001).

Neste sentido, Vaselli e DeMasi (1999) colocam que a noção de fragmentação do tempo, a medida do tempo através do cronômetro, em intervalos regulares, introduziu-se na vida cotidiana a partir da modernidade. A economia industrial e o processo de trabalho fundamentam-se neste paradigma quantitativo, a ponto de destacar-se que não foi a máquina a vapor que desempenhou um papel decisivo na era industrial, mas o relógio. O relógio foi o principal instrumento de coordenação e de controle do trabalho industrial. Tanto pelo estudo de tempo e movimentos, da Administração Científica, feito por Taylor, que estudava regularmente os ciclos de trabalho e media detalhadamente os intervalos mínimos que implicavam a execução da tarefa. Como o relógio é a máquina dominante na organização, ele dá o sinal de início e de término dos trabalhos.

Hägerstand (apud HARVEY, 2000) foi pioneiro na descrição das práticas cotidianas e afirma que os indivíduos são considerados agentes movidos por um propósito, engajados em projetos que absorvem tempo através do movimento no espaço. A descrição da vida diária das pessoas se desenrola no espaço e no tempo, considerando que os recursos temporais são finitos e a fricção da distância (medida em tempo e gastos necessários para vencê-la) restringem o movimento diário. Os projetos sociais precisam de intersecção das trilhas de tempo-espaço de dois ou mais indivíduos para que qualquer transação social seja realizada. Harvey (2000) destaca, ao comentar o autor, que as biografias individuais podem ser tomadas como “trilhas de vida no tempo-espaço”, começando com rotinas cotidianas de movimento, tais como de casa para o trabalho, a escola e de volta para casa e podem ser até movimentos migratórios que alcançam a duração de uma vida, como, por exemplo, treinamento profissional na cidade grande. Essa descrição de Hägerstand, biografias tempo-

espaciais, é interessante e importante, deve ser conhecida e atualizada para contemplar o contexto atual de simultaneidade com o uso de tecnologia, o tempo e espaço virtual e a descrição das práticas cotidianas que sinalizam usos do espaço e tempo individual e social.

Nas trilhas de vida no tempo e no espaço, os indivíduos no cotidiano estabelecem ligações com a sociedade. Araújo (2005, p. 5) apresenta cinco tipos principais de ligações entre a pessoa e a sociedade nas quais o tempo aparece como eixo organizador fundamental: tempo-memória; tempo-programa; tempo para si; tempo natural e tempo institucional.

A pessoa é tempo memorizado, pois a primeira grande relação entre pessoa e tempo é feita através do tempo biográfico e da memória a ele associada. Chauí (2001) destaca que a percepção da temporalidade é fundamental para a identidade. A memória, acervo das percepções temporais e da história de cada indivíduo, é a capacidade humana de guardar o tempo que se foi salvando da perda total. Araújo (2005) também destaca que a pessoa é um tempo memorizado, a memória funciona como um armazém de experiências passadas que, consciente ou inconscientemente, atua nas respostas dadas ao presente, assim como às projeções do futuro.

A pessoa é tempo programado, pois tem a capacidade de programar e projetar a possibilidade de sonhar o futuro. A partir do projeto, a pessoa busca a realização pessoal e a justificativa para a sua existência. É, por exemplo, a questão 60 do mapeamento dos acadêmicos (Apêndice A) “Destacar objetivos ou sonhos que gostariam de alcançar”.

A pessoa é tempo para si, pois tem a possibilidade de ser pessoa e de assumir a especificidade identitária e passa atualmente, não apenas pela obtenção de tempo cuja ocupação depende do conjunto de relações estabelecidas com os outros, mas da oportunidade de os indivíduos disporem de tempo para si. Araújo (2005, p. 7) comenta “tempo dedicado à contemplação, à catarse do cotidiano e que está na posse do indivíduo”. Cabe ressaltar que o tempo para si depende de várias variáveis, tais como condições financeiras, gênero, atividade profissional, compromissos e responsabilidades familiares.

A pessoa é tempo natural, pois a relação entre pessoa e tempo está, também, na conexão tempo natural e tempo social. Araújo (2005) destaca que a possibilidade de ser, está na capacidade de articulação equilibrada do mundo social e o mundo natural, considerando o mundo natural como produtor de temporalidades que interagem com o social.

A pessoa é tempo de interação e tempo de instituição, pois a existência humana desenha-se no contexto de espaços e tempos de interação social, através de horários, marcações do tempo como semana, mês, ano, que servem para normatizar e regular as relações sociais. No entanto, em determinados momentos ou fases da vida, há necessidade de

um controle maior do tempo, necessidade de adequação do ritmo individual ao ritmo imposto por outros agentes ou instituições, como, por exemplo, horários das instituições de ensino e locais de trabalho.

Neste contexto, está o tempo social como um conjunto de normas cuja principal função é assegurar a integração e prevenir ou sancionar desvios. O calendário, por exemplo, é uma estrutura abstrata que tem como objetivo, ao ser tomado como uma característica inerente aos próprios quadros de percepção do indivíduo, gerar harmonização dos ritmos sociais, assegurando estabilidade da organização e do funcionamento social.

A partir das experiências vividas e das estruturas temporais, as pessoas reproduzem suas práticas cotidianas, ou seja, rotineiramente agem conforme estruturas temporais que elas previamente construíram para organizar a continuidade de suas práticas. Assim como as estruturas sociais em geral, as estruturas temporais simultaneamente estabelecem limites e novas possibilidades (NOGUEIRA, 2003).

O quadro, a seguir, é explicativo das perspectivas sobre o tempo (NOGUEIRA, 2003).

	<b>Objetiva</b>	<b>Subjetiva</b>	<b>Baseada na Prática</b>
Conceito de Tempo	Existe independente da ação humana; exógeno, absoluto.	Socialmente construído pela ação humana; culturalmente relativo	Constituído pelas práticas, assim como sendo elemento constituinte das ações humanas.
Experiência do Tempo	O tempo determina ou poderosamente constrange ou limita as ações humanas, graças a adoção de sistemas de padrões de mensuração.	O tempo é experienciado através de processos interpretativos das pessoas que criam noções significadoras temporais, tais como eventos, ciclos, rotinas, ritos de passagem.	O tempo é realizado através de práticas recorrentes das pessoas que reproduzem estruturas temporais (ex.: calendários e cronogramas em planos) que são tanto resultantes quanto meio ou suporte para essas práticas.
Papel dos Atores na Mudança do tempo	Os atores não podem modificar o tempo; eles podem adaptar suas ações para corresponder adequadamente à sua aparente inexorabilidade.	Os atores podem modificar a sua interpretação cultural do tempo e, assim, alterar a sua experiência do tempo nas rotinas, eventos e ciclos.	Os atores são agentes que reflexivamente monitoram suas ações e assim, em certas condições, podem reproduzir estruturas temporais novas ou alteradas em suas práticas sociais.

Quadro 7 – Diferentes perspectivas sobre o tempo

Fonte: NOGUEIRA, 2003, p. 3.

O cotidiano do acadêmico contempla vários espaços e tempos individuais, assim como espaços e tempos sociais vividos, refletidos, construídos no cruzamento das trajetórias pessoal e coletiva, de acordo com os propósitos dos sujeitos nos seus movimentos diários.

## **5.1 O cotidiano como acadêmico: espaços e tempos individuais na vida social**

Uma das questões investigadas foram as práticas cotidianas dos acadêmicos para entender como eles organizam o tempo e o espaço nesta fase de formação. Em um primeiro momento, apresentam-se as rotinas cotidianas de movimento, uma descrição livre do cotidiano feita pelo acadêmico; posteriormente, as concepções de tempo e espaço individual e tempo e espaço coletivo.

### **5.1.2 Rotinas cotidianas de movimento – trilhas de vida no tempo e no espaço**

Os acadêmicos, sujeitos da pesquisa, são identificados pela sigla T (Trilha) e o número da entrevista/descrição como, por exemplo, T1. Aos acadêmicos foi solicitada a descrição livre da rotina cotidiana. Pode-se observar que alguns dividiram o relato em horários cronometrados, outros apresentaram uma descrição mais geral. Os quadros, para exemplificar, foram montados pela pesquisadora a partir das informações coletadas, mantendo as transcrições literalmente como apresentadas pelos sujeitos da pesquisa.



Durante a semana	Horário	Atividade	Observação	
Leio assuntos da aula	5h50min	Acordo	Ônibus até o trabalho	
	6h20min	Saio de casa		
	7h	Início do meu trabalho	Volto de ônibus	
Acesso a internet ou fico no sol	11h	Início do intervalo para almoçar. Até este horário almoço		
Leio no caminho	11h20min	Final do intervalo		
	12h	Final do horário de trabalho		
	17h às 17h50min	Jantar, ir ao supermercado, tomar banho		
	19h às 19h30min	Laboratório de informática ou biblioteca (UCS)		
	19h40min às 22h30min	Aula		
	23h às 24h	Família /Dormir		
Final de Semana		Limpar a Casa		
		Estudar		
		Família		

#### Rotina Cotidiana T1

Fonte: Pesquisa Aplicada.

Observa-se, na descrição da acadêmica, a diferença na apresentação da rotina durante a semana e ao final de semana. Durante a semana, a apresentação de horários cronometrados, expressando a sociedade industrial e urbana que impõe o poder, por intermédio do controle do relógio na rotina, com espaçamentos de minutos que fazem a diferença no desempenho das atividades previstas, planejadas e controladas. No fim de semana, entretanto, a apresentação das atividades realizadas sem o tempo cronometrado para a realização.

A imagem escolhida para representar este cotidiano, pela acadêmica T1, está na figura 17, em consonância com a descrição apresentada.

Imagem que Represente este cotidiano.



Para o meu cotidiano o relógio é a imagem perfeita. Como o dia todo para chegar sempre no horário, preciso buscar conhecimento para manter o meu trabalho, ou seja vivo contra o tempo.

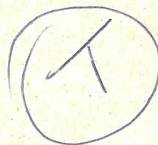


Figura 17 – Tempo (T 1)

Fonte: Pesquisa aplicada

Na busca da estabilidade (PRIGOGINE, 1996) e controle, a imagem escolhida pela acadêmica foi o relógio e manifesta-se no final com o desabafo [...] *vivo contra o tempo*. Observa-se aqui, o que os autores (COVEY, 1995 & WAGNER, 2003) que estudam a gestão do tempo apresentam como um grande conflito, ao sugerir a substituição da palavra *tempo* por *vida* e, então, tem-se a frase “Vivo contra a vida”.

#### **Cotidiano de Universitário**

*De segunda a sexta, acordo às 5h45min para trabalhar, como secretária, começo as 7h até as 17h45min. Tenho uma 1h15min de intervalo de almoço e fico na empresa neste horário, é neste período que uso para estudar e fazer meus trabalhos, pois uso o computador da empresa para isso, quando tenho prova ou estou com algum trabalho*

*atrasado para entregar, nem almoço, faço um lanche rápido lá mesmo. Faço três cadeiras em duas noites, faço uma de vespertino na terça, as noites que não vou na faculdade fico em casa com a filhota de 5 anos e aproveito para organizar a casa e fazer os trabalhos domésticos, pois tenho outro emprego nos finais de semana, faço extra em uma loja de chocolates. Por isso meus dias são bem corridos e nem levo os cadernos para casa, pois, sei que não vou ter tempo para olhá-los.*

### Cotidiano T3

Fonte: Pesquisa Aplicada



Figura 18 – Imagem Cotidiano (T3)

As imagens escolhidas para representar este cotidiano, pela acadêmica, foram: relógio, mas enriquecido com a imagem de uma cabeça batendo na parede, na qual a explicação posta é *Tem dias que é de enlouquecer de tantas coisas para fazer*, explicitando o desgaste da multiplicidade do cotidiano feminino no desempenho de vários papéis: profissional, acadêmica, mãe, esposa, dona de casa. A acadêmica, na rotina semanal, otimiza o tempo aproveitando para cursar uma disciplina no vespertino, para diminuir o tempo de

deslocamento para a universidade e aproveitando as outras noites para conviver com a filha e organizar as atividades domésticas. Outro aspecto pontuado é da virtualidade das comunicações, na imagem do celular, com o comentário *Convivemos mais com as pessoas por fone do que pessoalmente*. A praticidade fica expressa na confissão do relato [...] *nem levo os livros para casa, pois, sei que não vou ter tempo para olhá-los*.

<p><b>Cotidiano de Universitário:</b> <i>a minha agenda é baseada 100% no meu trabalho, sendo que se for importante faltar aula para cuidar de um negócio, atender um cliente, nem penso duas vezes....</i></p>
<p><b>Trabalho</b> (2 f a 6f): <i>6h20min às 12h e 13h às 18h</i></p> <p><i>Sábado – 9h às 12h</i></p> <p><i>40min/dia deslocamento</i></p> <p><i>O resto do tempo é utilizado para cuidar da casa, compras, estudo etc...</i></p>
<p><b>Curso – Uma noite por semana:</b> <i>19h às 23h</i></p>
<p><b>Faculdade – Três noites por semana:</b> <i>19h30min às 22h – normalmente chego atrasada nas aulas, pois sempre tenho compromissos que não deixam que eu saia da empresa no horário final do expediente.</i></p>
<p><b>Sono – Em torno de 6 horas diárias</b></p> <p><b>Reflexão –</b> <i>Meu crescimento pessoal, intelectual, profissional está baseado, em torno de 95% na minha atividade profissional, na troca que ocorre neste meio (profissional) e nos cursos que faço direcionados para a minha área de atuação. ...as escolhas que priorizei..visando “custo e benefício”.</i></p>

#### Trilha 4

Fonte: Pesquisa Aplicada

O grifo na palavra *trabalho* foi feito pela acadêmica, destacando o papel principal na sua vida. A priorização do trabalho mostra a busca pela ascensão profissional no mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo, uma visão utilitária e imediatista e um questionamento sobre a qualidade dos serviços oferecidos pela Universidade, nesta relação escola-trabalho. A dificuldade seria a de priorizar e conciliar a vida acadêmica e o sistema produtivo? Na seqüência do texto, a acadêmica destaca que esta escolha é resultado da relação custo-benefício; mostra a extrapolação dos conceitos da Administração para a gestão da vida

peçoal, com a expressão *custo e benefício*, colocado pela acadêmica, com constrangimento, na justificativa.

Esta acadêmica dividiu a sua rotina em segmentos/áreas que valoriza neste contexto de universitária: trabalho, curso de idiomas, faculdade e sono. É importante observar o número de horas de sono, disponibilizadas para repouso.

<b>Cotidiano de Universitário</b>
<b>Segundas-feiras</b> – <i>Vou ao trabalho partindo da casa do meu namorado as 6h30min da manhã. Chego no escritório e começo as minhas atividades. Este é o dia mais puxado, já que na minha função dentro da empresa acumula serviço por causa do final de semana. Faço a conferência dos caixas do supermercado na parte da manhã e a tarde faço lançamentos no sistema. Como este é um dia que não tenho aula, durante o serviço, coloco em ordem alguma atividade prevista para as aulas da semana. A noite não estudo nada.</i>
<b>Terças-feiras, Quartas-feiras, Quintas-feiras</b> – <i>A rotina de serviço é sempre a mesma e como tenho aula nestes três dias, procuro fazer o serviço, que não é tanto, mais rápido para poder ocupar o tempo fazendo coisas da faculdade. Não é permitido, mas levo material, livros, apostilas, pois não tenho outro horário para fazer isso. Chego as 23h15min em casa da faculdade e/ou faço trabalhos até a madrugada e/ou vou dormir direto.</i>
<b>Sextas-feiras</b> – <i>Tenho folga no serviço na parte da tarde onde utilizo o tempo para estudar ou vou à casa de meu namorado.</i>
<b>Sábados e Domingos</b> – <i>Sempre ponho em dia as atividades, mas prefiro ficar com a família já que durante a semana não tenho tempo para isso.</i>
<i>Procuro me dividir em estudo, trabalho, família e namorado.</i>

Trilha 5

Fonte: Pesquisa Aplicada

Este cotidiano tem rotinas diferenciadas conforme o dia em que a aluna tem aula ou não, mostrando o tempo como eixo organizador das ligações entre a pessoa e a sociedade, a necessidade de integrar os tempos individual e institucional, caracterizados pelo horário de aula e de trabalho.

O jeito gazeteiro das táticas (CERTEAU, 1994) aparece nas expressões: *Não é permitido, mas levo material, livros, apostilas, pois não tenho outro horário para fazer isso.* Em outro momento, a acadêmica destaca [...] *procuro fazer o serviço, que não é tanto, mais rápido, para poder ocupar o tempo fazendo as coisas da faculdade.*

### **Cotidiano de Universitário**

*Trabalho diariamente das 8h às 12h e das 13h às 17h30min. Como não almoço em casa, às vezes, utilizo a intervalo do meio dia ou o horário antes do início da aula para realizar pesquisas na internet ou na biblioteca da UCS para os trabalhos de aula.*

*Também utilizo os finais de semana para o trabalho de conclusão (em especial as tardes de sábado e domingo). Atualmente não tenho muito contato fora da Universidade com os colegas, pois aqueles mais próximos ou já se formaram ou não cursam nenhuma cadeira comigo.*

### **Trilha 2**

Fonte: Pesquisa Aplicada

Final de curso, atividade mais individual e o distanciamento dos colegas que já o concluíram, mostra a não-linearidade do curso e a trajetória de cada um sendo construída nas circunstâncias e ritmos individuais. O espaço sala de aula, mesmo no final do curso, ainda é o espaço de contato e convívio maior com os colegas, como exemplifica [...] *pois aqueles mais próximos ou já se formaram ou não cursam nenhuma cadeira comigo.* Os laços de coleguismo, conseqüentemente, perdem-se na rotina individual, os objetivos individuais e o cotidiano se sobrepõem aos vínculos de amizade e coleguismo. Nesta situação, percebe-se ao finalizar o curso, junto com a satisfação da conclusão, certa nostalgia pela perda dos vínculos e o término de uma fase de convívio social e construção coletiva.

### **Cotidiano Universitário**

*A minha rotina começa cedo, acordo por volta das 6h30min (segunda a sexta). Organizo o meu material para o dia, e logo após rumo para a minha primeira jornada de trabalho das 8h às 16h, como estagiária no Departamento Comercial de uma fabrica de cabines de segurança biológica. Nesse espaço de tempo, começo verificando os meus e-mails, são sete, entre profissional, pessoal e de estudante. Tento planejar dentro*

*do possível as minhas tarefas para a manhã, como quais os clientes que tenho que ligar, orçamentos para fazer, pedidos para encaminhar à produção. O legal é que faço parte de uma equipe que está sempre se ajudando e que ao invés de ver só o problema ajuda trazer a solução. Quando tenho uma folga verifico se não preciso de algum material para a disciplina que estou cursando. O meu dia é bem corrido, após 8h na frente do computador e com o telefone grudado na orelha.*

*Início a minha segunda jornada de trabalho, são 4 horas diárias como bolsista na universidade que estudo. Auxílio no setor de Orientação dos cursos de Administração e Direito. É uma rica oportunidade de aprendizado. Sobre este trabalho, posso dizer que fica dividido em dias mais tranquilos que aproveito para fazer algumas pesquisas e dias mais agitados onde às 4 horas diárias não são suficientes, em que divido meu espaço de tempo entre o computador, xerox e os corredores da universidade.*

*O fato de estar cursando apenas uma disciplina neste semestre, facilita a dupla jornada de trabalho, podendo conciliá-la com tarefas domésticas. Os assuntos que são discutidos em aula, além de prestar bem atenção, acabo dividindo-os com meus colegas dos dois trabalhos o que enriquece o meu aprendizado.*

*Como sou casada, acabo tendo que arrumar um espaço dentro desta minha rotina para as tarefas do lar e não posso me queixar, meu marido que também é estudante, me auxilia nas tarefas diárias e nos meus trabalhos acadêmicos. É também com ele que divido os assuntos do meu cotidiano, que acaba sendo nosso.*

*Os finais de semana, são os dias em que tiramos um para o outro, para estudarmos juntos ou simplesmente não fazer nada, juntos. Não sinto muita necessidade de estudar nos finais de semana, procuro prestar muita atenção nas aulas.*

*Essa rotina que tenho hoje, é muito diferente da que possuía há algum tempo atrás. Posso garantir que vale a pena toda essa intensa rotina, pois aprendo muito e sei que vou ter o retorno de todo o esforço que tenho feito. Olho para o futuro e vejo que este é o caminho para ter um crescimento pessoal e profissional.*

A universidade e o trabalho, os quais se podem denominar como dois mundos – escolar e produtivo – disputam espaço nos sonhos, desejos e rotina dos acadêmicos, como exemplifica T 6.

Disputam espaços e complementam-se, pois para acadêmicos que exercem funções relacionadas com o curso, há uma continuidade e articulação entre trabalho e estudo: *Os assuntos que são discutidos em aula, além de prestar bem atenção, acabo dividindo-os com meus colegas dos dois trabalhos o que enriquece o meu aprendizado.* Há um conflito gerado pela dificuldade de conciliação das atividades do trabalho, estudo e família, mas são vistos como importantes para as aspirações futuras. Justificam, inclusive, certo “sacrifício”, expresso na idéia do [...] *retorno de todo o esforço que tenho feito.* Estudar significa também trabalhar, buscando um labor mais qualificado e que possibilite crescimento pessoal e social.

A participação da família, diretamente ou mesmo sendo solidária e entendendo as necessidades da vida acadêmica, é importante para a tranquilidade e desempenho do acadêmico como relata: *Como sou casada, acabo tendo que arrumar um espaço dentro desta minha rotina para as tarefas do lar e não posso me queixar, meu marido que também é estudante, me auxilia nas tarefas diárias e nos meus trabalhos acadêmicos.*

Duas jornadas de trabalho, além da Universidade, é uma realidade de muitos acadêmicos conforme descrito anteriormente, trilha 6 : uma jornada das 8h às 16h e outra na Universidade como bolsista – duas jornadas diárias. Para outros acadêmicos, a situação se assemelha: uma durante a semana e outra no final de semana, com extras para completar o orçamento.

Um espaço valorizado pelos acadêmicos como oportunidade de formação dentro da Universidade são as bolsas trabalho e estágios extracurriculares, em laboratórios de aprendizagem como Empresa Júnior e Escritório de Projetos. Esses espaços têm grande rotatividade dentro da Universidade, pois são “vitrines” para o mercado de trabalho corporativo, na maioria das vezes. Há também a oportunidade de monitorias, mas com procura menor pelos acadêmicos, devido à dificuldade de horário e ao auxílio financeiro ser menor. O trabalho na Universidade apresenta uma convergência de espaços de formação e trabalho e a conciliação de tempos diferentes.

Esses espaços da Universidade caracterizam este tempo de estudante como a imagem que o acadêmico F apresentou, que melhor representa o seu cotidiano como Universitário, o lugar em que trabalha como estagiário no escritório de projetos, comentando que: *A imagem que melhor representa o meu cotidiano universitário é esta que mostra a relação trabalho-estudo. Neste ambiente eu trabalho como estagiário no Escritório de*



*Projetos, e, ao mesmo tempo, estudo, faço trabalhos, pesquisas e ainda faço as minhas tarefas relativas a Empresa Junior na qual sou presidente.*



Figura 19 – Imagem acadêmico F  
Fonte: Pesquisa Aplicada

A possibilidade de vivenciar e experienciar os conhecimentos produzidos e socializados na Universidade no ambiente de trabalho faz o acadêmico valorizar o curso e envolver-se mais com a própria instituição. Observa-se, igualmente, que a representação estudantil, as monitorias e a bolsa-trabalho facilitam a relação de familiaridade com a instituição e com as pessoas que dela participam.

Oportunidades que representam, ao estudante, um aumento de limites e possibilidades, as quais, embora simples, possibilitem-no conhecer os próprios programas e projetos da instituição, como cooperação internacional.



Figura 20 – Imagem (J)  
Fonte: Pesquisa Aplicada

Outros estudantes, como exemplificado pela acadêmica J, trouxeram cenas que apresentam o intercruzamento de trajetórias individuais, que são os momentos de convívio e socialização do conhecimento.

*Escolhi cenas diferentes que acredito me representar, a cena do auditório é mais comum, pois estamos sempre vendo palestras diferentes, a cena dos acadêmicos com o professor representa um grupo de estudos ou algum trabalho sendo elaborado, atividade constante do acadêmico e para mim a mais marcante é a fotos do congresso que é a oportunidade de conhecer novas IES e outros acadêmicos, para trocar experiências.*  
(Acadêmica J)

A participação em eventos, no qual o tempo e o espaço vão sendo construídos na troca e na convivência, incita o desejo de conhecer e a curiosidade aliada ao compartilhar e socializar experiências.

O paradigma do tempo linear e quantitativo foi além da indústria e influenciou todas as instituições sociais. As instituições de ensino ficaram marcadas pela sineta, pelo número de horas/aulas, pela presença física dos alunos na sala de aula, entre outros aspectos da metáfora *escola* vista como máquina, indústria, pautada pelo relógio. O dia escolar é segmentado em unidades temporais precisas, sendo cada uma delas dedicada a uma atividade, tópico ou tarefa específica. “O tempo é um parâmetro objetivo, quantificado e não uma

situação vivida; é uma grandeza quantitativa que serve como meio de controle” (HASSARD, 1996, p. 182). O tempo é uma mercadoria que se pode ganhar, economizar e gastar. O depoimento do acadêmico JA corrobora essa visão de recurso ao afirmar que *O tempo é precioso e escasso, procuro absorver o máximo nas aulas*. Na Universidade esse paradigma é reforçado com a ação de alguns docentes, conforme depoimento do acadêmico P: *Depois de entrar na sala e iniciar a aula, mais um menos um tempo de 5 minutos o professor faz a chamada e no final da aula também, 5 minutos antes de terminar*. As rotinas da vida acadêmica são definidas, controladas por instrumentos de poder e de controle como a “chamada” para garantir a presença física em aula e dar o ritmo coletivo.

Para Bourdieu, as ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual se aprende quem ou o que somos em sociedade. A razão pelo qual a submissão aos ritmos coletivos é exigida com tanto rigor, para o autor, é o fato de as formas temporais ou estruturas espaciais estruturarem não somente a representação do mundo do grupo, mas o próprio grupo, que organiza a si mesmo de acordo com essa representação. Desenvolve, por exemplo, a noção de senso comum de que “há um tempo e um lugar para tudo” que são absorvidos em um conjunto de prescrições que replicam a ordem social ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempo. Na seqüência, Bourdieu sugere que é através da “relação dialética entre o corpo e uma organização estruturada do espaço e do tempo que as práticas e representações comuns são determinadas” (HARVEY, 2000, p. 198). A partir dessas experiências que se impõem esquemas duradouros de percepção, de pensamento e de ação. É no contexto de práticas específicas que a organização do espaço pode, de fato, definir relações entre pessoas, atividades, coisas e conceitos. A noção do senso comum, de que “há um tempo e lugar para tudo” tem sido burlada pela criatividade, displicência, com apoio da tecnologia, pela juventude nas suas práticas gazeteiras, tais como realizar atividades em aula, referentes a outra disciplina ou mesmo de trabalho, com o apoio do notebook e internet na própria sala de aula e, no ambiente de trabalho, realizar atividades e pesquisas da Universidade. Os limites de tempo e espaços estão cada vez mais fluidos.

Os estudos de Bourdieu podem apontar para um quadro estático de reprodução social, não mais condizente com a sociedade pós-industrial. Parece haver novos sentidos para o espaço e o tempo num mundo de efemeridades e fragmentação? O capitalismo flexível em tempo e espaço, a excessiva flexibilidade nas relações de trabalho deixam o homem à deriva. (SENNET, 2006) A noção linear do tempo pode dar estabilidade, pois dá a sensação de controle, de poder.

Já Vaselli e DeMasi retratam as concepções temporais da sociedade pós-industrial da seguinte maneira:

Na aurora das sociedades pós-industriais, parece perfilar-se um novo tipo de relação entre o homem e o seu ambiente. A noção de tempo circular volta a entrar em cena. O homem se redescobre dependente da natureza: os tempos econômicos devem respeitar os tempos ecológicos, muito mais lentos, e no trabalho, volta-se para o presente (1999, p. 203).

A noção de tempo circular entra em cena e a dicotomia entre as dimensões passadas e futuras, típicas do período pré-industrial e industrial, é questionada. O presente ganha importância como intersecção entre essas dimensões perceptivas, pois é construído a partir das experiências passadas, mas tem dimensões atuais e é influenciado pelas projeções futuras. A dimensão presente, nesta perspectiva, é a intersecção que reúne percepções passadas, futuras e atuais, onde estas percepções se misturam e entrelaçam (VASELLI & DeMASI, 1999).

No que se refere ao trabalho, a percepção do tempo adquire na sociedade pós-industrial um caráter difuso e menos estruturado, pois, com a velocidade da circulação e a mudança contínua, lidar com os acontecimentos atuais e com grande número de informações consome a energia dos indivíduos; o futuro parece menos possível de previsão, a velocidade dos acontecimentos relativiza a validade das regras e planejamentos, fragiliza as relações e mostra a instabilidade dos cenários atuais.

A instabilidade e a fragilidade das relações têm levado o homem à busca do sentido na natureza, voltando-se a questões presentes nas civilizações agrícolas, como a observação atenta e respeitosa às mudanças climáticas, as quais tiram o controle de um instrumento, como o relógio, e reporta-nos a um conjunto de variáveis que estão além do controle humano. A imagem escolhida pelo acadêmico J apresenta a idéia da colheita, que também está presente no cotidiano acadêmico, em um contexto de tempo cíclico.

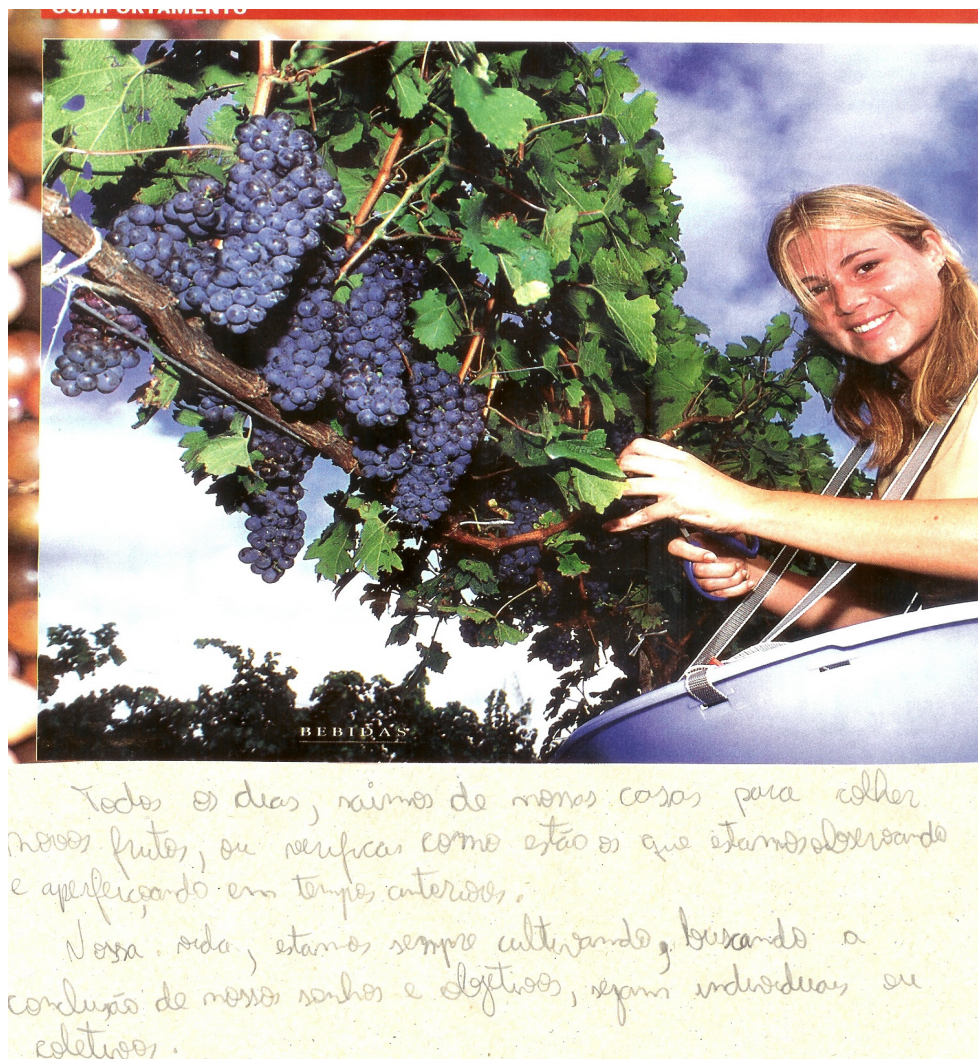


Figura 21 – Cotidiano como tempo de colheita  
Fonte: Pesquisa Aplicada

A idéia do tempo cíclico, do ritmo da natureza é um ritmo natural que precisa ser respeitado e acompanhado com atenção, vivendo os momentos presentes e atentos aos sinais evidenciados. Ele comenta *Todos os dias, saímos de nossa casa para colher nossos frutos, ou verificar como estão os que estamos observando e aperfeiçoando em tempo anteriores. Nessa vida, estamos sempre cultivando, buscando a conclusão de nossos sonhos e objetivos, sejam individuais ou coletivos.*

Neste contexto, o conceito de tempo vivido, ganha importância, como destacam Vaselli e DeMasi (1999, p. 211): “Ocorre a decomposição progressiva do tempo industrial moderno, o seu esmigalhamento na multiplicidade de tempos individuais, mais adaptados para enfrentar uma fase de crise estrutural e transição social entre industrial e pós-industrial”.

O conceito de tempo vivido implica estudos qualitativos que tentarão recuperar a experiência cultural dos diversos grupos e a produção de sentidos ao criar significados

temporais, ao invés de obedecer às estruturas temporais. O objetivo é explicar a natureza cíclica e qualitativa do tempo social (HASSARD, 2001). A reconstituição do sentido atribuído pelos indivíduos à sua experiência ao tempo vivido é facilitada pelo uso de imagens ou metáforas que representam suas percepções.

A concepção qualitativa não entende o tempo como necessariamente homogêneo e linear, mas decorrente da rede de significações experienciada intersubjetivamente. Em linhas gerais, o tempo coletivo é uma categoria social do pensamento, resultante dos processos sociais, constitui o ritmo da cultura de determinada sociedade. O tempo seria, então, relativo, contextual e orgânico, objeto de representação social e visto como tendo articulações macro e microsociológicas.

O tempo, na perspectiva qualitativa, está baseado no evento e não no cronômetro, como a perspectiva quantitativa. O tempo está nos eventos, sejam eles sociais sejam naturais, e não é nem fixo nem regular, é muito mais dinâmico, variando segundo normas e convenções<sup>18</sup>. É a substituição do tempo cronológico pelo evento, na percepção subjetiva dos indivíduos, ou um acontecimento que faz a diferença, uma oportunidade. O tempo é considerado como um aspecto processual de desenvolvimento.

É importante destacar que os estudos qualitativos da temporalidade reconhecem o papel ativo das pessoas em criar suas ações a partir de suas percepções subjetivas do tempo, mas também reconhecem as condições estruturais e externas que fogem ao controle do indivíduo, mas que influenciam, por sua vez, a percepção dos indivíduos.

---

<sup>18</sup> Nesta distinção, pode ser apontada a diferença existente entre os deuses gregos Cronos e Kairos. Na literatura grega, Cronos é o tempo cronológico, sucessão em série, ou o tempo medido pelo cronômetro. Trata-se da passagem das horas, dias, meses e anos, que traz transformações na matéria e na sociedade. Cronos era o deus grego que devorava os seus filhos assim que nasciam, ou seja, o tempo cronológico, medido em anos que passam e trazem a velhice e a deterioração, está dentro de uma visão linear onde o passado não volta mais e o futuro é o destino final. Kairos é o deus grego dos eventos e das oportunidades, nas quais os indivíduos interagem e constroem o futuro a partir do presente.

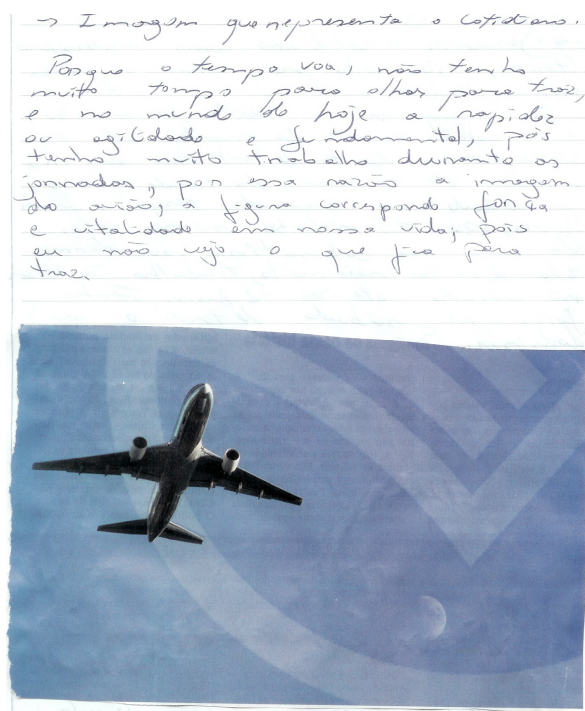
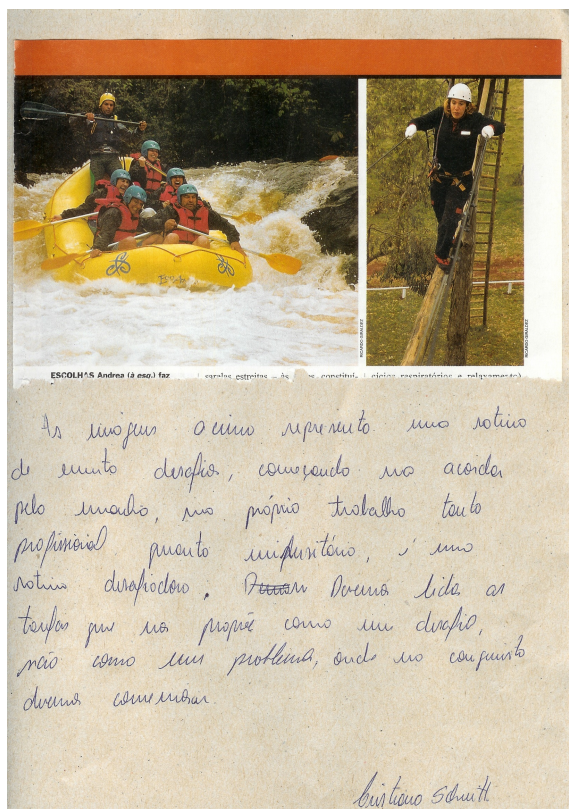


Figura 22 – Tempo Avião (D)  
Fonte: Pesquisa Aplicada

A idéia do tempo como recurso irreversível, que não se recupera, está muito presente na sociedade atual e aparece na representação do avião e na qual o acadêmico ressalta [...] *não tenho muito tempo para olhar para trás, eu não vejo o que fica para trás.*

A perspectiva do tempo baseada na prática constitui-se na alternativa vivenciada pelos acadêmicos, ao refletirem e considerarem as suas práticas como decisivas na concepção do tempo vivido.

O acadêmico C traz a representação do tempo do cotidiano acadêmico como [...] *rotina de muitos desafios, muito desafiadora*, por isso as corredeiras que representam a turbulência, o imprevisto, a criatividade da aventura e a necessidade em contrapartida do equilíbrio, um desafio cotidiano, destaca o acadêmico C.



Na perspectiva sobre o tempo baseada na prática, pode-se buscar o conceito de *habitus* de Bourdieu, como um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização. Ele garante a coerência entre a sua concepção de sociedade e a do agente social individual; fornece a articulação, a mediação entre o individual e o coletivo. Por meio dessa noção, surge uma teoria específica de produção social dos agentes e de suas lógicas de ação. O conceito de *habitus* está na base da reprodução da ordem social, pode ser como um princípio de conservação, ou pode tornar-se um mecanismo de invenção e, conseqüentemente, de mudanças.

Figura 23 – Tempo/Espaço – Equilíbrio/corredeira  
 Fonte: Pesquisa Aplicada

Em outras palavras, a maior parte das condutas é condicionada pelo *habitus*; a forma como é utilizado o tempo e como reflete-se sobre ele poderá ser conseqüência desses princípios geradores de práticas distintas e distintivas (BOURDIEU, 1996).

No contexto em estudo, que é na Universidade, encontra-se o tempo medido e cronometrado: carga horária, horário das aulas, número de créditos, calendário escolar e os tempos fragmentados e relativos que dependem da percepção dos atores sociais. Este é um dos focos buscados neste estudo, as características cíclicas e qualitativas do cotidiano do acadêmico nesta fase de formação, entender como o acadêmico operacionaliza, faz a gestão do tempo social, do tempo institucional construindo o seu tempo individual neste cotidiano.

O quadro a seguir apresenta algumas questões referentes ao tempo social e individual refletidas com o acadêmico em Administração.



Tempo social-estrutural-organizacional	Tempo-experiência individual
Representações sobre o bacharelado em administração Avaliação das expectativas iniciais Auto-conceito como acadêmico	Futuro Estilo de gestão do tempo Práticas, rotinas do uso de tempo e espaço Sentimento sobre decisões anteriores

Quadro 8 – Reflexão tempo social e individual do acadêmico

Fonte: Construído pela autora.

As questões tempo e espaço individual e coletivo foram descritas e representadas através de fotografias e/ou imagens construídas pelos acadêmicos.

### 5.1.2.1 Tempo-espaço individual

As representações de tempo/espaço individual foram marcadas pelo uso de tecnologia, momentos de introspecção, lazer e a “idéia” de corrida. O acadêmico H apresentou a imagem de corrida como tempo/espaço individual como representação de preparo, corrida, arrancada para uma situação desejada.



Figura 24 – Tempo Individual (H)  
Fonte: Pesquisa Aplicada

Os acadêmicos M (figura 26) e P (figura 25) representaram o tempo-espaço individual de forma muito similar, mas o acadêmico M fez questão de destacar um espaço com uso da tecnologia a seu favor, destacando que [...] *utiliza para agilizar o acesso aos conteúdos necessários e para me manter mais organizado*. E os momentos reservados, mais tranquilos, [...] *isolados, dedicados ao estudo e a leitura*, destacando que é [...] *preciso fazer escolhas e abdicar de algumas coisas em prol de outras*. A acadêmica P destaca [...] *o seu*

canto, arrumar minhas coisas, ter um momento só meu. Observou-se nos depoimentos, em geral, o espaço individual; o quarto, como espaço para estudar, como exemplifica AD: *É no meu quarto que consigo me concentrar para estudar.* O escritório é o local muito usado nos intervalos (e durante o expediente) para trabalhos acadêmicos, como relata AD [...] *no escritório, que é onde eu uso a tecnologia (internet), nas horas disponíveis, para os trabalhos da Universidade.*



Figura 26 – Tempo Espaço Individual (M)  
Fonte: Pesquisa Aplicada

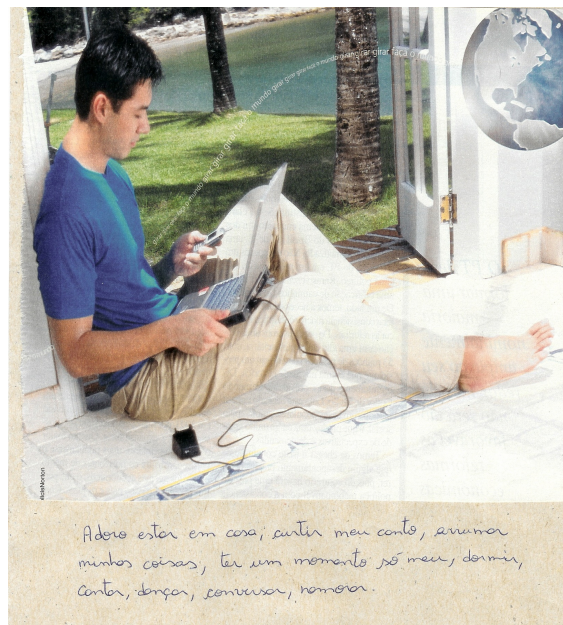


Figura 25 – Tempo Individual (P)  
Fonte: Pesquisa Aplicada



Figura 27 – Tempo Pensar (C)  
Fonte: Pesquisa Aplicada

O acadêmico CS traz à pauta a importância do tempo para [...] *refletir sobre o trabalho, família e universidade*. Expressa um sentimento vivido e manifestado pelos estudantes de estar em uma “roda viva com piloto automático ligado”, expressão que reflete o ritmo da vida moderna, na qual predomina a realização de tarefas, entretanto faltam momentos contemplativos e reflexivos.

## 5.2 Tempo e espaço de estudo no cotidiano do acadêmico

Uma questão instigante e curiosa é conhecer como o trabalhador-estudante e o estudante-trabalhador organiza o tempo e espaço para estudo. A rotina é regulada pelo tempo disponível, planejado para cada atividade, exemplificado nas trilhas do cotidiano: a jornada de trabalho, o tempo de deslocamento para o trabalho e Universidade, tempo de descanso e o sono, as condições e horários de alimentação. A questão investigada foi “Como você estuda para as aulas do curso?”. As respostas foram muito diversificadas, expressando a heterogeneidade do acadêmico e abordaram questões: Quando? Como? e Onde? Desta forma, as respostas foram agrupadas em três categorias iniciais que emergiram das questões: Quando (horários / tempos), Como (métodos) e Onde (espaços). O quadro, a seguir, traz essas macro-categorias:

<b>Quando</b>	<b>Como</b>	<b>Onde</b>
Conforme a maior necessidade	Sozinha (o)	Em casa
Na própria aula	Em grupo	No computador
Tenho uma folga em casa	Leio/ Lendo muito	Na própria aula
Todos os dias no mínimo, uma hora por dia, independente do horário.	Com interesse	No trabalho
À noite e fim de semana, de dia.	Com dedicação e atenção	No meu quarto
Na sala de aula e quando tenho tempo em casa	Pesquisa em sites direcionados	No ônibus
No tempo que consigo	Pesquisa	Tem silêncio
Nos finais de semana e antes da aula	Buscando em livros	Lugar vazio, sem barulho
Apenas quando há um trabalho para fazer ou na hora	Troca de informações com os colegas	Em meio à correria
Ao longo do semestre, não só quando tem provas	Discutindo com os colegas	
	Internet, livros, apostilas e tutoriais	
	Fazendo resumos, tópicos	
	Revisando a matéria e fazendo	

Lendo antes de dormir Nas horas de folga No dia da minha folga e os dias que não tenho aula à noite No intervalo do serviço Em pequenos tempos vagos Quando tem provas e trabalhos	exercícios, tarefas Vendo o que o professor deu em aula Prestando a atenção nas aulas e complementando em casa Leitura e prática Procurando aproveitar o máximo Relendo o que foi discutido em aula e respondo novamente os exercícios. Lendo a matéria se for teórica e fazendo exercício, se for prática Como posso Procurando saber assuntos novos Conforme o necessário Sempre que preciso peço auxílio a minha esposa. Com minha namorada Com meu colega e namorado Livros recomendados e revistas Lendo texto, jornais (jantar de informações) Falo em voz alta no meu quarto	
---	--	--

Quadro 9 – Macro-categorias “Como Estudo”

Fonte: Pesquisa aplicada (Apêndice A).

Um aspecto interessante é que, dos 222 respondentes a essa questão, 25 acadêmicos (mais de 10%), fizeram referência ao aproveitamento da aula como o principal tempo/espço de estudo no seu cotidiano de trabalhador-estudante. Para exemplificar, A1 comentou: *Dedico 100% da atenção nas aulas e procuro criar algum diferencial nos trabalhos.* A sala de aula já havia sido destacada como um dos principais espaços e tempos coletivos da rotina do acadêmico. Observa-se aqui a importância da sala de aula, enquanto um espaço de construção do conhecimento. Uma das estratégias de ensino-aprendizagem proposta, pelos docentes, é elaborarem-se nas aulas os trabalhos. Por intermédio desse expediente, pode-se encontrar uma tática do acadêmico de criar diferencial nos trabalhos, dando-lhe maior tranquilidade para a prova, ou melhor, sentindo essa tranquilidade ao garantir uma boa nota nos trabalhos.

A estratégia, como a intervenção de sujeito que dispõe de um espaço próprio, no conceito proposto por Certeau (2001), pode-se considerar como o planejamento da aula, que é uma habilidade de ensino usada pelo docente. As estratégias são capazes de produzir, mapear e impor espaços. E a tática, enquanto uma utilização do espaço de outro, uma ação que pode ser criativa do homem ordinário neste espaço. Neste contexto, a tática do acadêmico é o seu fazer em uma estratégia definida por outro, neste caso pelo docente.

No quadro 9 foram apresentadas as principais idéias que emergiram dos acadêmicos sobre “Como você estuda para as aulas do curso?”. As idéias não estão quantificadas, apenas são apresentadas literalmente. A partir das colocações dos acadêmicos pode-se inferir uma seqüência de ações, sendo que nem todos a contemplam como apresentado nos quadros a seguir. Alguns acadêmicos ficam apenas no primeiro tempo/espaço que é o da sala de aula (quadro 10) e outros realizam várias atividades, sejam de leitura, pesquisa sejam apenas de revisão fora da sala de aula (quadro 11).

O quadro 10 traz o tempo/espaço sala de aula, considerando neste espaço a liderança do professor, e o planejamento das estratégias, enquanto mapeamento e imposição dos espaços, e as táticas e as ações dos acadêmicos neste tempo/espaço sala de aula. Desta forma são estratégias docentes, citadas pelos acadêmicos: exposição oral, trabalhos individuais ou em grupo, discussões/fechamento do tema. E em itálico apresentam-se as táticas e ações, ou seja, o fazer do acadêmico em cada contexto.

Tempo/ Espaço Sala de Aula			
Estratégias Docente	Exposição Oral	Trabalhos Individuais ou em grupo	Discussões/Fechamento do tema
Táticas Ações	<i>Procuro estar presente</i> <i>Presto muito atenção</i> <i>Acompanho o desenvolvimento da aula</i> <i>Anoto todas as informações</i> <i>Anoto tópicos</i> <i>Tiro as dúvidas que surgem com o professor assim tento entender o conteúdo dado</i> <i>Estou sempre atento às explicações</i>	<i>Criar diferenciais nos trabalhos</i> <i>Dedico-me aos trabalhos</i> <i>Realizo os exercícios e atividades</i> <i>Discuto com os colegas, enquanto troca de idéias</i>	<i>Escuto</i> <i>Debato</i> <i>Anoto</i>

Quadro 10 – Tempo/Espaço sala de Aula

Fonte: Pesquisa Aplicada

O Quadro 11 apresenta, em síntese, as táticas de estudo criadas e vivenciadas pelos acadêmicos fora de sala de aula. Essas ações elencadas no quadro foram nomeadas pelos acadêmicos como *estudo* e agrupadas em três ações básicas: leitura, pesquisa e revisão.

<b>Táticas</b>	<b>Ação</b>	<b>Atividades (como e onde)</b>	<b>Com quem</b>
	Leitura	De assuntos novos De diversas obras De resumos De literatura de apoio Do conteúdo dado De apostilas Na internet (de sites específicos) De livros comprados De livros retirados da biblioteca De revistas especializadas na biblioteca De resumo feito em aula Para memorizar, decorar.	Individualmente Em grupo Pedindo auxílio a Esposa (o) Namorado (a) Colega
	Pesquisa	Na internet Procurando mais informações em Jornais e revistas Na biblioteca	
	Revisão	Troca de idéias com colegas Troca de informações com colegas Fazendo ligações com o meu trabalho Realizando exercícios propostos e já feitos em aula Lendo e “vendo” o que o professor deu e revendo Atividades feitas em aula Fazendo resumos Fazendo esquemas Relembrando o que foi discutido em aula	

Quadro 11 – Táticas de Estudo

Fonte: Construído pela autora a partir dos dados da pesquisa.

No quadro 11, a coluna “com quem” foi inserida para fazer o registro das manifestações espontâneas sobre com quem estudam, mas observou-se que mais de 90% dos acadêmicos estudam sozinhos e eventualmente solicitam auxílio de um familiar, colega ou amigo mais próximo e, portanto, com maior convivência.

Em linhas gerais observa-se que o tempo de estudo tem disputa acirrada na agenda com o tempo do trabalho e de outros interesses como familiares e sociais. Há depoimentos que exemplificam essa forte relação com o trabalho, com a prática buscada e valorizada pelo acadêmico: [...] *fazendo ligações entre o curso e o meu trabalho na empresa. Acredito que quando trabalhamos na área aumenta em média 80% o entendimento do assunto em aula*”. Ao responder a essa questão, observou-se também uma reflexão crítica do acadêmico sobre o seu comportamento como estudante, ao comentar, por exemplo, [...] *de maneira mais vergonhosa, leio o que deve ser lido, raramente me disponho a procurar o ‘algo mais’. Ou ‘nem sempre consigo dar o melhor de mim’*. E a atitude, talvez descomprometida ou irreverente, em depoimentos, como *Nem posso lembrar-me, rarissimamente estudo*.

Alguns destacaram que estudam quando há uma folga, momentos disponíveis. Os horários vagos citados foram ao meio-dia, no intervalo do trabalho, quando *dá uma folga no movimento, quando tenho uma folga em casa*. Essas afirmações parecem ser um consenso, como citado por um acadêmico [...] *em pequenos tempos vagos*. Outra expressão interessante das respostas foi [...] *quando dá tempo* ou [...] *quando consigo*, ou ainda, [...] *sempre que preciso*. Duas questões podem ser levantadas: (a) Os acadêmicos em geral têm dificuldade na gestão do tempo, não têm o controle do seu tempo, são reativos às demandas e controlados pelo relógio? e (b) O aproveitar as horas vagas, de folga, é uma tática dos acadêmicos para utilizar o tempo de forma mais adequada aos seus interesses e prioridades?

A Universidade subentende que o aluno estuda, mas os dados mostram que o tempo e o espaço para estudo são mínimos. O mito “aprender sem estudar”, já comentado anteriormente, predomina e parece ser eficaz, pelo baixo índice de reprovação apresentado (Anexo B).

E quanto ao espaço, ou a construção do espaço para estudar? Considerando espaço como um lugar praticado (CERTEAU, 2001), pode-se dizer que os espaços citados foram muitos, mas destaca-se o espaço do quarto, como local personalizado, de sossego e silêncio. O espaço local de trabalho é utilizado, muitas vezes como uma prática gazeteira, conforme relatos apresentados.

Nesses tempos de pós-modernidade ou supermodernidade, pode ser e acontecer em não-lugares (AUGÉ, 1994)? O autor apresenta o conceito de não-lugar como diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado, sendo representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô e também pelos meios de transporte e cadeias de hotéis e supermercados. O espaço ônibus foi um dos citados tanto no trajeto casa-trabalho como casa-universidade. Na universidade, entre os espaços citados estão o laboratório de informática, a biblioteca, a cantina; destaca-se a sala de aula, pela lógica da proximidade com os colegas e também pela questão espaço físico, pois já é o espaço próprio das aulas.

A questão do tempo e do espaço disponibilizado para o estudo foi retomada na investigação realizada sobre o cotidiano universitário, na segunda parte da pesquisa, em agosto de 2008, com a participação de 29 acadêmicos. O quadro a seguir apresenta as Estratégias/ Táticas de Estudo e Organização do Tempo, construído a partir dos dados tabulados apresentados no Apêndice B.

<b>Onde (Local)</b>		<b>Quando</b>	<b>Como</b>
Escola (1) Universidade (5)	Sala de aula (12) Biblioteca (3) Laboratório de Informática(2) Lancheria (para conciliar o horário de lanche com o de estudar)	3 vezes por semana, vem mais cedo Antes de iniciar a aula Para realizar trabalhos Antes de apresentação de trabalhos Antes das Provas Vespera das provas Grande parte dos trabalhos realizo no espaço de tempo entre a saída do trabalho e vinda para a Universidade (A13)	Prestando atenção em aula Fazendo todos os trabalhos em aula se possível (A9) Trabalhos individuais e em grupos Estudar para provas 2 horas antes Contato com professores na Empresa Júnior (EJ) e Escritório de Projetos (EP).
Trabalho (7)		Horário de almoço 40 min durante o intervalo de almoço 2ª a 5ª feira (pouco trabalho) Nos dias que tenho aula, procuro fazer o serviço,	Imprimindo material Acessando a internet Realizando pesquisas na internet Acesso ao UCS Virtual Estudo trabalhando (trabalho na EJ e EP)



		<p>que não é tanto, mais rápido para poder ocupar o tempo fazendo coisas da faculdade (A5)</p> <p>Intervalos do trabalho</p> <p>Horários vagos durante o horário comercial</p> <p>No meio do trabalho</p> <p>Horário livre</p>	<p>Fazer uma leitura, ou um resumo ou uma parte de um trabalho (A7)</p> <p>O trabalho me obriga diariamente</p> <p>a rever meus conceitos e matérias administrativas (A21).</p> <p>Dar uma olhadinha na matéria</p> <p>e tentar me inteirar do assunto</p>
Casa (16)	Quarto Meu computador	<p>Domingo à tarde (tempo que sobra depois de cuidar da casa e torço para que ninguém venha me visitar)</p> <p>À noite após cada aula</p> <p>Noite e finais de semana</p> <p>Turno de folga (6ª feira à tarde)</p> <p>2ªf, 4ªf, 6ªf das 8h às 10h</p> <p>4 feira a domingo à noite</p> <p>4 feira à noite (quando a marido tem aula)</p> <p>2ªf a 5f</p> <p>(22h30min até 00h30min até marido chegar)</p> <p>Sábado pela manhã</p> <p>Após a aula (23h às 24h).</p> <p>Finais de Semana</p> <p>Sábado e domingo pela manhã</p> <p>24h às 2h (após aula, quando preciso)</p> <p>Acabo deixando tudo para a última hora.(A22)</p> <p>Às vezes estudo a noite, após a aula, mesmo não gostando, dificilmente consigo me concentrar e acabo prejudicando meu dia seguinte.</p>	<p>Ler e tirar dúvidas</p> <p>Leituras complementares em revistas e livros.</p> <p>Fazer trabalhos</p> <p>Fazer trabalhos com antecedência</p> <p>para não fazer mal feito.A11</p> <p>Para as provas pego a matéria</p> <p>um final de semana antes.A11</p> <p>Não deixar acumular trabalhos</p> <p>Revisar para estudar para provas.</p> <p>Antecipo atividades</p> <p>Ler o material dado para fixar bem</p> <p>Me isolando</p> <p>Ambiente de silêncio</p> <p>Ler e escrever para fixar bem</p> <p>Grupos de estudo.</p> <p>Livros retirados da biblioteca</p> <p>e pesquisar na internet assuntos que geralmente possam me ajudar também</p> <p>no meu trabalho (A10).</p> <p>Livros indicados</p> <p>Deixo em lugar visível</p>

			<p>datas de trabalhos e provas na qual tenho que dar mais atenção no fim de semana.</p> <p>Escolho os trabalhos mais urgentes e o restante vou levando para quando puder fazer.</p>
Ônibus (2)	<p>30 min- deslocamento</p> <p>UCS</p> <p>Percurso Gramado-Canela</p> <p>(2 feira a 6 feira)</p>		

Estratégias/ táticas de Estudo e Organização do Tempo e Espaço

Fonte: extraído do texto que faz a descrição do tempo espaço e estratégias de estudo do cotidiano do estudante universitário – realizado por 29 acadêmicos no final de agosto de 2008)

Observa-se uma ação de improviso nos métodos de estudo da grande maioria dos acadêmicos, os quais manifestam claramente que assistir à aula deveria ser suficiente. Essas manifestações se revelam nos comentários acerca do tempo em aula, o qual poderia ser mais bem aproveitado para realizar todas as atividades: no predomínio da aula, o conteúdo ministrado – apontamentos e resumos dados pelo professor e, eventualmente, feitos por eles – são a principal, senão a única fonte de consulta e de estudo. Quando necessário, em momentos avaliativos, o estudo acontece rapidamente, [...] *olhando o conteúdo meia hora antes*. A expressão usada é “olhando”, pois na maioria das vezes não dá tempo para a leitura, apenas para “passar os olhos”. Alguns estudantes revelaram uma sistemática de estudo regular, a qual consiste em realizar as atividades de leitura, pesquisa e revisão periodicamente com horários pré-definidos, diários ou semanais. Há relatos de rotinas de estudo, como por exemplo, [...] *sempre 2 horas antes da prova, todos os dias ao chegar em casa reviso o material visto em aula*. O fato de chegar à Universidade sempre antes da aula (assim conseguem estacionamento para o carro, próximo da Universidade, e aproveitam para estudar um pouco a cada dia, indo à biblioteca), ou sempre nos horários de intervalo no trabalho, seria o momento dedicado à revisão dos conteúdos.

O espaço trabalho é muito usado pelo acadêmico para estudar, destacando-se o uso da tecnologia, da internet, para pesquisas. Em termos propositivos, poder-se-ia aproveitar melhor esta realidade do acadêmico como trabalhador, com atividades aplicadas ao seu contexto de trabalho que oportunizassem também uma reflexão, sendo assim possível fazer a tão importante e comentada relação dialética entre teoria e prática. Para o curso, essa simbiose seria uma forma de produzir conhecimento aplicado à realidade empresarial local e regional, tornando a proposta curricular viva no seu contexto de inserção.

A gestão do tempo para estudar no cotidiano do acadêmico trouxe depoimento pitorescos e interessantes que expressam: 1) a dificuldade de conciliarem-se as atividades de dona de casa, família e vida social como, por exemplo, [...] *domingo à tarde, tempo que sobra depois de cuidar da casa e torço para que ninguém venha me visitar*; 2) o jeitinho brasileiro, [...] *escolho os trabalhos mais urgentes e o restante vou levando para quando puder fazer e [...] acabo deixando tudo para a última hora*; 3) A agenda de esposa [...] *quarta-feira-quando o marido tem aula e 2f e 5f no horário das 22h30min às 00h30min até o marido chegar*; 4) o não-lugar, e estar em trânsito como [...] *grande parte dos trabalhos realizo no espaço de tempo entre a saída do trabalho para a faculdade*; e 5) da aplicabilidade dos temas desenvolvidos em sala de aula [...] *o trabalho me obriga a rever diariamente os meus conceitos e matérias administrativas*.

### **5.2.1 Concepções de tempo e espaço individual e coletivo.**

A percepção do tempo não teve e não tem o mesmo significado nas diferentes estruturas societárias que se formaram, em diversas partes do planeta. A noção tempo-espaço é experimentada diferentemente pelas pessoas, conforme seu gênero, a geração a que pertencem, a posição social que ocupam, a cultura de que fazem parte e até pela posição que ocupam dentro das organizações (GRISCI, 2000). O *habitus* social influencia diretamente nesta percepção, entendendo-o como um corpo socializado, estruturante e estruturado no sentido de, simultaneamente, incorporar estruturas imanentes de um mundo e estruturar tanto a percepção quanto a ação, neste mundo (BOURDIEU, 1999).

Diferenças de percepção sobre o tempo como, por exemplo, a velocidade do tempo e do espaço para uns pode acrescentar formas mais ricas de vida; para outros, essa velocidade pode obstaculizar a reflexão sobre o próprio tempo e espaço (VERGARA & VIERA, 2005). Os autores destacam também o quanto a experiência tempo-espaço é suportada de várias maneiras, conforme a subjetividade humana, e exemplificam que tanto

observar o pôr-do-sol como assistir a uma conferência pode ser um tempo eterno. No primeiro caso, a sensação de tempo eterno pode ser de plenitude e no segundo de fardo, por exemplo; assim como a percepção de que o tempo voa quando se está realizando uma atividade criativa e arrasta-se quando se está realizando uma tarefa rotineira, para outros pode ser o contrário.

Uma questão investigada foi o tempo-espaço individual e tempo-espaço coletivo do acadêmico. Foi solicitada a exemplificação de tempo-espaço individual e tempo-espaço coletivo no seu cotidiano como universitário (Apêndice C). Essa questão tem o objetivo de “escutar” o aluno, considerando a sua fala na compreensão deste universo que é o ensino superior noturno para, dessa forma, conhecê-lo, as suas percepções do tempo e do espaço. Considerou-se o tempo-espaço coletivo como o tempo compartilhado, ao qual os acadêmicos trouxeram o cruzamento e o intercruzamento de espaços e o “estar junto” com professores, com colegas e em eventos. O tempo-espaço individual, no qual expressaram a sua subjetividade, apresenta-se nas escolhas e contingências da trajetória e identidade de cada um.

O quadro a seguir apresenta uma síntese das respostas dadas pelos acadêmicos, identificados pelas letras iniciais de seus nomes.

<b>Tempo – Espaço Individual</b>	<b>Tempo-Espaço Coletivo</b>
<p>Leituras complementares em livros e revistas</p> <p>Tempo necessário para a realização dos temas de casa, ou seja, as tarefas solicitadas pelo professor com realização fora da sala de aula. (L)</p> <p>Adoro ambientes organizados, o ambiente de minha casa é bastante organizado, uma vez que tenho pouco tempo para arrumar as coisas e como estou pouco em casa, isto tudo facilita e não tenho muito o que arrumar, pois ainda moro com meus pais (D)</p> <p>Estudo sozinha no horário de almoço (T)</p> <p>Quando tenho que fazer alguma atividade individual (trabalho, estudo de prova ou alguma leitura) ocupo alguns horários dentro do horário de trabalho (empresa). (JL)</p> <p>Utilizo espaço almoço e madrugada para fazer as obrigações acadêmicas (F)</p> <p>Considero esses momentos isolados (dedicados ao estudo e a leitura), aonde</p>	<p>Durante o período de aula na Universidade abro olhos e ouvidos de forma a assimilar o conteúdo e otimizar o tempo reservado aos estudos. (L)</p> <p>Trabalhos em grupo com pessoas mais próximas, com quem faço mais cadeiras pelo fato de eu morar em Nova Petrópolis e geralmente nos dias de aula e contato via e-mail para acerto de detalhes e marcarmos encontros nos dias de folga para concluir trabalhos (D)</p> <p>Trabalhos em conjunto dificilmente são feitos fora do horário de aula, Trabalhos em dupla sim, com colega que mora próximo. (T)</p> <p>[...] atividades curtas durante as disciplinas, os professores disponibilizam horários dentro do período de aula, para a execução em grupo dentro da aula, ou utilizando o laboratório de informática ou biblioteca. Para trabalhos mais longos, que exigem pesquisas maiores (demanda de tempo e leituras), geralmente há reuniões para pesquisa dentro do período</p>

<p>dedico tempo e esforço total aos estudos, os mais importantes para a minha constante evolução acadêmica (M).</p> <p>Às vezes os trabalhos da faculdade que eu faço todos individuais ou no meu trabalho no dia a dia. (D)</p> <p>Horários de intervalo durante o trabalho, entre o trabalho e a faculdade (G)</p> <p>UCS Virtual (DJ)</p> <p>Meu horário de almoço, é neste período que fico sozinha para realizar meus trabalhos de aula ou outras coisas que necessito fazer. (S)</p>	<p>de aula ou reuniões em residências (JL).</p> <p>Fazendo trabalhos em grupos e se comunicando por e-mail (F).</p> <p>Quando dentro de uma sala de aula discuto idéias e conceitos com outros alunos e professores, agregando mais conhecimento.(M)</p> <p>Meu convívio com os colegas de aula e com a minha família.(D)</p> <p>Palestras (DJ)</p> <p>Trabalhos em grupo, compartilhar conhecimentos, idéias e pensamentos diferentes.(DJ)</p> <p>Durante a aula na faculdade (G)</p> <p>É quando encontro as colegas antes da aula e colocamos o papo em dia e também no carro na vinda para a faculdade com a colega que divido a carona (S).</p>
--	--

Os acadêmicos citaram o tempo e o espaço individual e coletivo e alguns comentaram o seu comportamento nesses contextos, assim como avaliaram e qualificaram este tempo e espaço. Corroborando as informações quanto ao papel da sala de aula, enquanto tempo e espaço coletivo, ocuparam o maior destaque nas citações: a sala de aula, os trabalhos em grupo e individuais e o convívio com os colegas.

### 5.2.1.1 Tempo e espaço coletivo

A sala de aula ocupa o destaque como tempo e espaço coletivo de estar junto com o conhecimento, estar junto com os colegas, estar junto com os professores e na instituição. Ela constitui-se, ainda, como o centro das atividades acadêmicas, na percepção destes estudantes. A sala de aula, às vezes é representada de uma forma tradicional e outras trazendo propostas metodológicas mais dinâmicas, tais como discussões em grupos e seminários.

A acadêmica L, ao representar o tempo e espaço coletivo – sala de aula –, apresentou a sua participação neste contexto, como apresentado na figura 28.



Figura 28 – Tempo Espaço Coletivo (L)

O tempo e espaço coletivo representado é a sala de aula e chama a atenção o recorte feito pela acadêmica L: olhos e ouvidos enormes em destaque, fazendo lembrar a metáfora do “mestre-sol”, centro das interações e saber (DUSSEL & CARUSO, 2003). Interessante a representação de uma sala de aula em formato tradicional e uma postura do acadêmico receptiva, passiva, expressando uma comunicação distante, hierárquica e vertical e a explicação da acadêmica, absorvendo ao máximo o momento com o objetivo de [...] *assimilar o conteúdo e otimizar o tempo reservado aos estudos*. A lógica de raciocínio é o máximo de atenção em aula para precisar despender menos tempo, fora da sala de aula, para a preparação ao momento das avaliações.

Na sala de aula, o que nos vem à mente, na maioria das vezes, ao falar de espaço, além do professor e dos alunos, são bancos, cadeiras, quadro, recursos áudios-visuais, uma visão geral do mobiliário e da arquitetura, mas “além desse aspecto material, a sala de aula implica também uma estrutura de comunicação entre os sujeitos” (DUSSEL & CARUSO, 2003, p. 37). É uma comunicação hierárquica, na qual estão presentes várias instâncias de poder. As decisões que afetam este tempo-espaço são tomadas em vários níveis da instituição, como, por exemplo, na instância administrativa: horário, plano das disciplinas, docente; na instância pedagógica: planejamento do professor, as estratégias de ensino-aprendizagem e os recursos utilizados. A estrutura de comunicação reflete as relações de poder e controle expresso também, na ação pedagógica, tais como competências mínimas, avaliação e seus

instrumentos e concepções, e ainda, contando com os instrumentos de controle do cotidiano, como a “chamada”.

O mito “aprender sem estudar” está presente no cotidiano universitário, com as suas implicações e desdobramentos, tais como a aprovação sem adquirir as competências mínimas propostas em cada unidade de estudo. Em contrapartida, existe a impossibilidade de dedicação às horas necessárias para o estudo, que teoricamente seriam quatro horas diárias de aula à noite, o que demandaria, pelo menos, mais quatro horas diárias de estudo e de pesquisa. É interessante a idéia de aproveitar ao máximo o momento presente em sala de aula, mas o modelo pedagógico e epistemológico refletido nesta cena (Figura 28) inspira preocupação à Universidade quanto ao seu papel na formação de cidadãos e profissionais. O estudante expressa a concepção de sala de aula como o espaço de ouvir. Em qual espaço fará as sínteses, análises, resignificações necessárias para a construção do conhecimento na sua vivência, em uma aprendizagem significativa?

Uma representação de tempo e espaço coletivo que expressa outro modelo ou, quem sabe, momento pedagógico e epistemológico, é apresentado pela acadêmica D, na figura 29.

A imagem traz a sala de aula como *troca de conhecimentos, do bate papo, da troca de experiências e vivências*. Na seqüência, a acadêmica faz referência ao bar inclusive com o destaque: *E o bar também [...]*.



Representa bem o espaço coletivo, dentro da sala de aula.  
De troca de conhecimentos, do bate papo, da troca de experiên-  
cias e vivências.  
E o bar também que é um espaço onde encontro os amigos,  
me diverto.

Figura 29 – Tempo-espaço coletivo (D)  
Fonte: Pesquisa realizada

Na imagem observam-se a diversidade de componentes e a participação de pessoas representando nacionalidades, estilos diferentes corroborando a frase do acadêmico M ao dizer: *Quando dentro de uma sala de aula discuto idéias e conceitos com outros alunos e professores, agregando mais conhecimento.*(M), e ou o depoimento do acadêmica DJ ao comentar que [...] *compartilhar conhecimentos, idéias e pensamento diferentes, lidar com pessoas que agem e pensam diferentes.*

O tempo e espaço sala de aula surgem, aqui, como um entrelaçar de tempos: tempos trazidos pelas pessoas (de casa, de fora), os tempos institucionais (calendário, cronogramas, horários), os tempos compactados das novas tecnologias da informação e da comunicação, e nesta convergência a construção do tempo pedagógico, subjetivo, vivencial dos sujeitos aprendentes (ASSMAN, 1998). O tempo pedagógico, para o autor, é o tempo para produzir vivências do prazer de estar aprendendo e este tempo existe na escola quando há espaço e clima organizativo propício às experiências de aprendizagem.



Na pesquisa “A fala” dos alunos de Administração (NUCAN), na avaliação on-line, realizada sob a coordenação do Núcleo de Pedagogia Universitário (NPU) foi pontuado, pelos acadêmicos, como desempenho docente negativo o uso excessivo de recursos tecnológicos (data show ou lâminas). Observa-se o uso de equipamentos sem um projeto que possa contemplar a interação e a construção da aprendizagem, como um recurso vazio, apesar de “moderno”<sup>19</sup>.

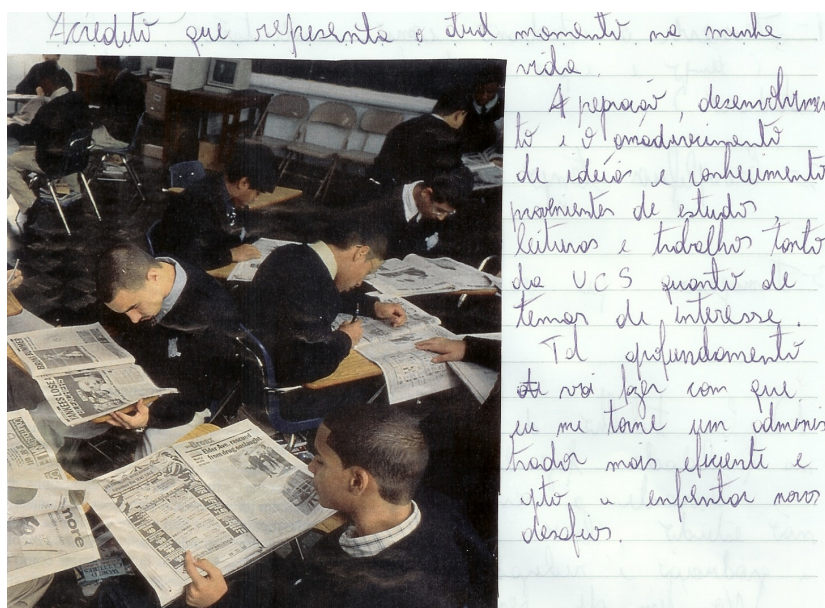


Figura 30 – Tempo Coletivo (H)

Na exemplificação do tempo-espaço coletivo foi destacada, também, a questão virtual com o uso de tecnologias como *msn*, *e-mail*, e inclusive os espaços no UCS Virtual do fórum e sala de bate-papo – recursos que permitem a sincronicidade (sala de bate-papo) e assincronicidade, na produção e reflexão coletiva como o espaço do fórum.

A reinvenção da sala de aula, como o tempo e espaço de relação com o conhecimento, de interação com os colegas e docentes, contemplando uma proposta de busca da aprendizagem significativa, a partir do contínuo diálogo com a realidade trazida e vivida do mundo trabalho, ainda é um desafio a ser alcançado no ensino superior noturno.

---

<sup>19</sup> No século XIX (1848), o educador norte-americano Henry Barnard escreveu um tratado sobre a arquitetura escolar que observava como princípios fundamentais a conveniência, a comodidade e a saúde (DUSSEL & CARUSO, 2003). Neste tratado, descrevia detalhadamente os móveis, assentos e carteiras para os alunos e o tablado para o professor. Da mesma forma, apresentava uma descrição dos elementos didáticos necessários, como por exemplo, quadro-negro e relógio, entre outros, e prescrevia que era importante também comprar alguns recursos didáticos que estavam na moda, nos tempos de hoje, nas nossas salas de aula, talvez seriam os data shows.

O acadêmico H traz a imagem de leitura e da busca como espaço/tempo coletivo, destacando que [...] *a preparação, desenvolvimento e o amadurecimento de idéias e conhecimentos provenientes de estudos e trabalhos tanto da UCS quanto de temas de interesse*. O acadêmico traz a idéia da busca, da pesquisa, dos grupos de estudos. Uma concepção de autonomia, autoria e independência pela busca do conhecimento e pelo compartilhamento do conhecimento e convivência com os colegas.

Os projetos sociais são desafios no ensino superior noturno, enquanto atividades que precisam de intersecção das trilhas de tempo-espaço de dois ou mais indivíduos para que qualquer transação social seja realizada como, por exemplo, trabalhos em grupo. No cotidiano como acadêmico, observou-se a dificuldade para a realização de atividades dessa natureza. Entre os fatores limitantes, observa-se a dificuldade no cruzamento de agendas, a questão da distância geográfica, expressa na preferência para realizar a atividade com quem mora próximo. A declaração de T exemplifica essa dificuldade: *Trabalhos em dupla sim, com colega que mora próximo* (T). O uso da tecnologia está presente no cotidiano, mas não supre a necessidade do contato direto. Observa-se, nas falas dos acadêmicos, o uso do *msn, e-mail*, o próprio UCS Virtual, mas mais como comunicação e informação, do que o uso como ferramenta para produção coletiva. Quanto aos trabalhos em grupos, fora do horário de aula, o acadêmico expressa a dificuldade de intersecção das trilhas de tempo-espaço, como exemplificado e qualificado como “horrível” no depoimento de J: *Quando é solicitado trabalho em grupo, por exemplo, é horrível, pois não é só fazer com que os colegas te ajudem, mais conseguir conciliar o tempo de todos, esta situação é importante para nosso convívio em grupo mais é uma das coisas que não gosto de fazer*.

### **5. 3 Sentimentos Comuns e Conflitantes no Cotidiano do Acadêmico**

Há algumas questões gerais que ficaram visíveis no cotidiano destes estudantes, as quais estão representadas e comentadas na seqüência de imagens, que são fragmentos do cotidiano selecionado por eles.

Podem ser questões da angústia existencial do homem do século XXI, diante das transformações e das conseqüências sociais dos novos caminhos trilhados pelos indivíduos na sociedade da informação, do capitalismo flexível e da necessidade contínua de reinvenção das organizações, das funções e dos indivíduos (SENNET, 2006). Algumas questões simples do

cotidiano, que registrado e olhado sem reflexão e atenção, podem parecer banais, mas estão repletas de significados do ser e fazer destes sujeitos.



Figura 31 – Multidão

Um dos aspectos representados pelo acadêmico JA na figura 31 é: *Ser um na multidão, mas ao mesmo tempo saber que sozinho não se consegue nada*. Esse sentimento parece paradoxal, mas também é complementar ao de impotência diante do todo, da necessidade de diferenciação em um mercado tão seletivo. Em contrapartida, há a conscientização de que existe a necessidade do outro, justamente, por ser apenas um e, por isso, da ética da solidariedade (MORIN, 2001), do comprometimento com o todo e a certeza, talvez ilusória, que a [...] *coletividade unida em prol de causas nobres certamente alcançará de modo mais eficaz e ágil seus objetivos*. Ser “um” na multidão pode levar a uma idéia de abandono e indiferença, representada na inexistência da narrativa partilhada e do destino partilhado, refletido por Sennet (2006, p.176) com a pergunta: “Quem precisa de mim? Não tem resposta imediata”.

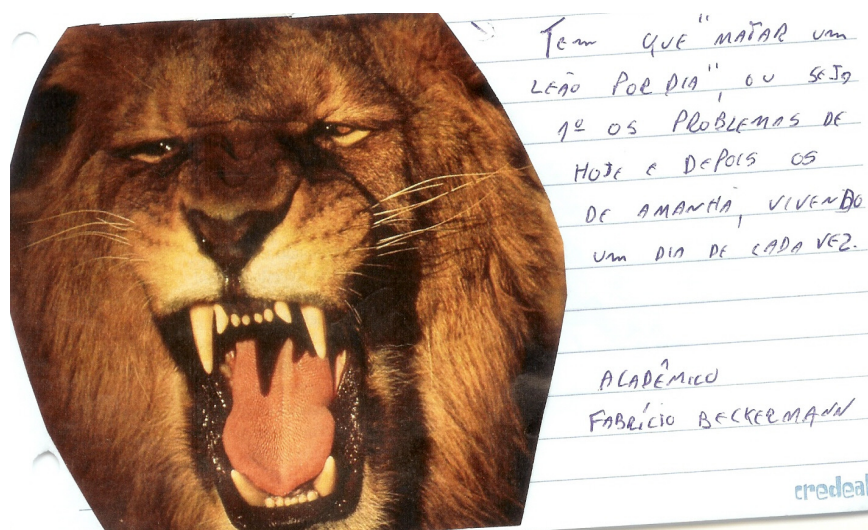


Figura 32 – Matar um leão por dia

A imagem do leão traz a clássica expressão “matar um leão por dia”. O acadêmico F traz essa afirmação em virtude da luta diária pela sobrevivência, e da classificação e priorização dos problemas com o comentário, [...] *ou seja, primeiro os problemas de hoje e depois os de amanhã, vivendo um dia a cada vez.*

Outro tema comum ao cotidiano do acadêmico são as cópias. O acadêmico MS traz a questão da cópia de xérox, forma mais econômica e prática do acadêmico ter acesso a talvez, poderíamos dizer, “fragmentos de conhecimento”. A cópia, enquanto xerografia, apresenta restrições legais, mas na prática, a grande tiragem diária de cópias e as filas mostram a força dessa forma de reprodução. Neste item cópias, poder-se-ia estender a questão dos trabalhos copiados e comprados pela internet, em apenas um exercício de copiar e colar<sup>20</sup>. O que representa esta expressão do acadêmico, para nomear a imagem: “Eternas cópias”? Esse comportamento pode ir muito além da xerografia de uma inocente folha, mas pode-se refletir sobre a cópia e a própria massificação de padrões de comportamento. O fato é que, pela representação de uma máquina de xérox, vem à tona a questão das cópias que faz o contraponto com a identidade e originalidade – temas difíceis da sociedade atual, em virtude das pressões de massificação e das exigências quantitativas do contexto vivido.

<sup>20</sup> Reportagem de Zero Hora (31/3/08) com o título “Ensino Superior: trabalhos de conclusão à venda na internet” apresenta todo o processo de venda de trabalhos de conclusão na internet. A prática é crime de falsidade ideológica, consistindo em pena de até cinco anos de prisão, de acordo com o artigo 299 do Código Penal.



As eternas cópias (imagem e frase Acadêmico MS)



*Hora do intervalo onde todos se vêem.(MS) e tudo acontece.* Momento de ir ao xérox, ao laboratório de informática, à biblioteca, à lancheria ou apenas ficar na sala (conversando e não fazendo nada). Isso acontece em um tempo cronometrado de dez minutos no relógio, quando entram em ação as táticas gazeteiras (CERTEAU, 1994) dos acadêmicos dilatando do tempo e espaço institucional, um tempo cronometrado maior e intensamente vivido.



Figura 32 – Corredor da Universidade – espaço de encontro e de circulação



Figura 33 – Momento de Intervalo

O tempo-espaço de intervalo, dos corredores, da circulação, da convivência eventual e corriqueira nos ambientes de uso coletivo constitui-se como momentos de trocas, de percurso, de trajetórias individuais que se cruzam e entrecruzam na busca individual e na construção coletiva de uma história com pontos em comum nos sonhos, expectativas, dúvidas e dificuldades, próprias deste contexto de estudante-trabalhador e trabalhador-estudante. Como comenta Furlani (1998, p. 171), “O aproveitamento do espaço-tempo da universidade deve se fazer levando em conta os objetivos amplos que ela deve atingir e não se limitar apenas ao trabalho sob os ponteiros do relógio, no binômio tempo-ganho-tempo perdido”. A autora complementa, ainda, que deve ser a Universidade o local de convivência, onde se levantam as velhas e as novas questões do sentido da vida e da humanidade, um local onde o sonho e realidade podem se fundir.



Figura 34 – Momento de troca – compartilhar a biblioteca

A biblioteca, mesmo não sendo usada por muitos alunos como espaço de estudo, mas apenas para retirar livros, tem-se constituído aos poucos, principalmente para alunos que estão na metade do curso em diante, e aos próximos à finalização da graduação, como um local de estudo, de troca e de convivência. Ela é pouco usada na primeira metade do curso, diante do mito “aprender sem estudo”. O estudar implica ler, consultar bibliografias, entretanto o acadêmico vive um conceito passivo de aprendizagem, bastando assistir à aula e ouvir o professor. Ao aproximar-se do final do curso, mudam as demandas e as exigências em sala de aula, obrigando-o há rever seus tempos e espaços de estudo e, por consequência, suas práticas de estudo.

A imagem na biblioteca expressa um espaço de múltiplas funções: falar ao celular, conversar com colegas, tirar dúvidas com o professor, consultar e retirar livros e realizar trabalhos, constituindo-se em um espaço multifuncional, assim como, o acadêmico e o profissional em formação.

Para encerrar esta seleção de imagens, apresenta-se a do prédio da Universidade e a frase do acadêmico MS: [...] *onde a cada dia se aprende mais*. É uma visão idealizada, cheia de expectativas e sonhadora de um jovem em busca de capital cultural, social e econômico? Ao mesmo tempo, o desafio, a responsabilidade e papel de uma Universidade regional e comunitária?



Figura 35 – Prédio da Universidade